

FUNDAMENTOS DA PSICOLOGIA PASTORAL



**Seminário
Casa de
Profetas**

SUMÁRIO

	<u>Pág.</u>
- INTRODUÇÃO	03
- CAPÍTULO I	
- Definindo Psicologia	04
- CAPÍTULO II	
- A Psicologia Cristã e a Cristianização da Psicologia	08
- CAPÍTULO III	
- Entendendo a Personalidade e o seu Desenvolvimento	20
- CAPÍTULO IV	
- O Processo e a Valorização das Relações Humanas	46
- CAPÍTULO V	
- Princípios e Valores Éticos no Aconselhamento	82
- CONCLUSÃO	93
- REFERÊNCIAS	94

INTRODUÇÃO:

“Tenha cuidado com o que você pensa, pois a sua vida é dirigida pelos seus pensamentos.”

PROVÉRBIOS 4:23

O ser humano com o passar do tempo vai se tornando cada vez mais refém de si mesmo, de suas escolhas e também de suas ações, todas que tem como base o pensamento.

Durante muitos anos alguns ramos da Igreja Cristã Evangélica demonstrou certa aversão ao estudo da mente e personalidade humana, baseados na psicologia.

Porém na última década alguns homens cristãos, buscaram uma forma de mostrar a esses líderes, a necessidade e o valor da psicologia para entendimento correto das atitudes do ser humano, bem como, para ajudar no aconselhamento pastoral, que a cada dia tem aumentado assustadoramente.

Neste curso queremos desafiar o aluno a entender e investigar os aspectos psicológicos da personalidade humana, incluindo os fundamentos da psicologia e das principais escolas de psicologia, sempre à luz da Palavra de Deus, auxiliando-o a ter uma ação terapêutica nos aconselhamentos pastorais com a participação do Espírito Santo, tornando o potencial de cura de transtornos extremamente satisfatórios.

Seja bem-vindo ao estudo de FUNDAMENTOS DA PSICOLOGIA PASTORAL!

CAPÍTULO I

DEFININDO PSICOLOGIA

1- O QUE É PSICOLOGIA

Em grego psykhe (alma) + logos (estudo) significa o "estudo da alma!" Disciplina que investiga as atividades mentais e do comportamento em função do meio. É a ciência que estuda o comportamento humano e seus processos mentais.

O termo "alma", considerada neste texto, não deve ser tomado no seu sentido religioso/metafísico (enquanto entidade espiritual), e sim como a "psique" (estrutura biopsicossocial que anima o indivíduo). O aspecto biopsicossocial trata da inter-relação entre os aspectos biológicos, psicodinâmicos e sociais que constituem o ser humano.

- Bio – biologia (aspectos anatômicos e fisiológicos)
- Psico – psicodinâmica (particularidades de cada indivíduo: necessidades, desejos, emoções, cognição, motivação, etc.)
- Social – relações com as pessoas (interpessoais) e instituições, produção de valores sociais, cultura, etc.

Partindo desse princípio, pode-se concluir que a Psicologia estuda o que motiva o comportamento humano — o que o sustenta, o que o finaliza e também seus processos mentais, que passam pela sensação, emoção, percepção, aprendizagem, inteligência, etc., desde a concepção do indivíduo (vida intrauterina) até sua morte.

2 - QUAL É O OBJETO DE ESTUDO DA PSICOLOGIA?

Psicologia é: Ciência que se concentra no comportamento humano e seus processos mentais que passam pela sensação, emoção, percepção, aprendizagem, inteligência, etc.

Palavras essenciais: 1. Ciência – investigação válida 2. Comportamento – As atividades que são diretamente observáveis e registráveis nos seres humanos e animais: a comunicação (falar, emitir sons, usar mímica, etc.). Os movimentos (correr, andar, pular, etc.) e outras. Os processos fisiológicos dentro do organismo — os batimentos cardíacos, respiração, alteração Eletroquímica que tem lugar nos nervos, etc. Os processos conscientes de sensação, sentimentos e pensamentos — a sensação dolorosa de um

choque elétrico, a identificação correta de uma palavra projetada numa tela, etc. 3. Processos Mentais – O termo “processo mental” inclui formas de cognição ou formas de conhecimento: perceber, participar, lembrar, raciocinar e resolver problemas. Sonhar, fantasiar, desejar, ter esperança e provar também são processos mentais.

3 - ALGUNS RAMOS DA PSICOLOGIA

Psicologia Educacional

Também chamada psicologia escolar, a psicologia educacional dedica-se ao exame psicológico do educando, do educador e dos processos educativos, elabora e sugere instrumentos e meios psicologicamente adequados para que a educação possa ter melhor resultado. Apesar de se estender a qualquer situação educativa, ganhou terreno principalmente dentro dos limites da educação escolar.

Psicologia Dinâmica

A Psicologia dinâmica foi fundamentada na Psicanálise de Freud e evoluiu como ramo de ciência e ampliou o horizonte de abordagem médica.

Psicologia Espiritual

É o ramo da psicologia que investiga o comportamento e a experiência religiosa. A preocupação com casos de conversão religiosa, com as bases psicológicas das crenças e da prática religiosa começou com Stanley Hall em 1895.

Psicologia animal

Ramo da psicologia que tem por objeto o estudo descritivo e a análise experimental do comportamento dos animais.

Psicologia clínica

Ramo da psicologia que estuda o comportamento do indivíduo (ou do grupo) por meio de técnicas apropriadas, tais como testes de inteligência, de personalidade, entrevistas, etc., numa tentativa de compreender-lhe e resolver-lhe os conflitos.

Psicologia diferencial

Estudo comparativo da psicologia de diferentes seres ou classes de seres:

Psicologia estrutural

Método ou tratamento sistemático psicológico que estuda e descreve a composição e integração de diversos estados psíquicos e experiências conscientes.

Psicologia evolutiva

Ramo da psicologia que estuda o desenvolvimento dos psiquismos, a transformação da criança em adultos, os progressos e os estágios por que ela passa, procurando compreender o significado funcional desses progressos e estágios.

Psicologia experimental

Ramo da psicologia que submete à experimentação científica os fatos conhecidos pela observação a fim de verificá-los e deles extrair as leis gerais.

Psicologia industrial

Conhecimentos psicológicos aplicados aos problemas humanos da indústria.

Psicologia racional. Filos.

Parte da metafísica que estuda o princípio e a causa dos fenômenos do pensamento humano.

Psicologia social

Ciência que estuda os comportamentos dos indivíduos considerados como tais, dentro do campo social, por ele influenciados, mas igualmente reagindo a ele e transformando-o. Ex.: a psicologia do comportamento do líder.

4 - DEFINIÇÃO SOBRE PSICOLOGIA PASTORAL

Para vir ao encontro das necessidades de muitas pessoas que sofrem e procuram por ajuda, surgiu a psicologia pastoral. Trata-se de uma subdisciplina da teologia pastoral. Ela resultou do diálogo e da cooperação entre médicos e pastores. Por ser uma disciplina nova, suas atribuições e seu campo de competência ainda não estão claramente definidos. Claro está que ela pretende aplicar conhecimentos e recursos da psicologia à prática pastoral.

Neste nosso mundo globalizado, se faz cada vez mais necessário o diálogo interdisciplinar, visando ao bem-estar de todos os homens e do homem como um todo. As pessoas procuram ajuda pastoral nas mais diferentes situações de suas vidas. O individualismo e o isolamento são marcas de um mundo pós-moderno, onde tudo está sujeito às relações, às leis de mercado, até mesmo as leis interpessoais. A consequência é a experiência cada vez maior de solidão e depressão, por isso a necessidade de relações pessoais autênticas é grande.

Não há lugar mais terapêutico do que relações humanas sadias. O objetivo da psicologia pastoral em relação à depressão é mediar algo do amor de Deus, não só através da palavra falada, mas também do gesto e da postura do conselheiro, de modo que o paciente, sentindo a atenção e o carinho do conselheiro, também experimente algo do amor divino.

O desenvolvimento histórico da Psicologia Pastoral.

1. Podemos esquematizar o desenvolvimento histórico da psicologia em quatro grandes períodos: Primeiro período. A psicologia pré-científica. Conhecimento primitivo e vulgar sobre o comportamento humano.
2. Segundo período. A psicologia experimental. Método de observação e coleta que seleciona coisas ou atos que se deseja estudar (geralmente em laboratórios).
3. Terceiro período. Era das escolas psicológicas. Marcado por opiniões nitidamente diferentes quanto ao que deveria ser a psicologia, distinguindo três problemas: mente versus comportamento; teoria do campo versus atomismo; nativismo versus empirismo.
4. Quarto Período. Psicologia contemporânea. Atualmente, ainda que com certo grau de imprecisão, pode se dizer que a psicologia é uma ciência complexa, que engloba várias ideias, inúmeras correntes e escolas.

As principais teorias, em Psicologia Pastoral, no século XX

Em verdade, a psicologia pastoral surgiu num momento oportuno, no qual se observa um fracionamento crescente da psicologia em escolas psicoterapêuticas as mais diversas, cada uma com premissas, métodos e objetivos diferentes. As escolas que mais têm encontrado ressonância nos meios eclesiásticos e poimênicos são a psicanálise de C. G. Jung, a terapia centrada no paciente de C. Rogers e mais recentemente a logoterapia de V. Frankl.

Para Jung, a atividade psicoterapêutica e a poimênica não se excluem, mas se complementam mutuamente. Tanto a psicologia como a poimênica são tentativas humanas e, por isso mesmo, limitadas para resolver problemas. E não será com atitudes arrogantes e autossuficientes de lado a lado que iremos avançar na tarefa comum de curar males. Isso não significa, por outro lado, diluir diferenças e deixar de apontar com clareza e objetividade crítica as limitações, as possibilidades e as características de cada uma dessas disciplinas.

CAPÍTULO II

A PSICOLOGIA CRISTÃ E A CRISTIANIZAÇÃO DA PSICOLOGIA

1) ENTENDENDO O QUE É A PSICOLOGIA CRISTÃ

A Psicologia Cristã (PC) é uma forma única de psicologia, que procura desenvolver um modelo distintamente cristão para a compreensão da condição humana. A PC representa uma das várias maneiras pelas quais os cristãos tentaram pensar sobre a conexão entre o cristianismo e a psicologia. Hoje, a PC não descreve um sistema cristão estabelecido de compreensão psicológica tanto quanto representa um movimento livre de psicólogos, conselheiros, teólogos e filósofos cristãos que procuram desenvolver essa psicologia. Quando os psicólogos cristãos se referem ao desenvolvimento de uma psicologia exclusivamente cristã, eles significam uma compreensão abrangente da natureza dos seres humanos de um ponto de vista cristão. Robert C. Roberts explica: “A disciplina que estou chamando de psicologia cristã é a exploração conceitual e clínica de nossa tradição [cristã] por seus recursos psicológicos. É apropriadamente chamado de psicologia porque é um conjunto de conceitos pelos quais

se entende a natureza e o bem-estar da psique, pelos quais traços, comportamentos, desejos e emoções saudáveis e não saudáveis são identificados e até certo ponto explicados. É um conjunto de práticas para fazer a transição de traços, comportamentos, desejos e emoções de não saudáveis para saudáveis. Isso é essencialmente o que é uma psicologia (e sua psicoterapia aliada).”

Como movimento, a PC procura entender tanto a natureza do ser humano (psicologia) quanto as práticas adequadas para abordar os problemas da vida (psicoterapia).

Antecedentes

A psicologia cristã é um movimento relativamente novo, mas seus seguidores apontam, corretamente, que uma compreensão exclusivamente “cristã” das pessoas começou com a própria escrita da Bíblia e, mais tarde, foi desenvolvida por vários autores ao longo da história da igreja. Essa observação é importante para o entendimento da PC, já que seus autores frequentemente se referem a escritores cristãos na história da igreja como “psicólogos”. Utilizando o termo “psicólogo” para descrever autores cristãos antigos pode parecer estranho para os leitores modernos que pensam em um psicólogo como um profissional moderno no campo da saúde mental. Mas os psicólogos cristãos usam o termo “psicologia” em um sentido amplo e geral, referindo-se a qualquer estudo, *insight* ou reflexões sobre a condição humana. Eric Johnson escreve: “Então, se definirmos psicologia amplamente como uma investigação rigorosa sobre a natureza humana e sobre como tratar seus problemas e promover o bem-estar, os cristãos têm pensado e praticado psicologia há séculos.” Johnson traça o surgimento do moderno movimento da psicologia cristã inicialmente nos escritos dos filósofos cristãos Soren Kierkegaard e, mais tarde, C. Stephen Evans. Kierkegaard se referiu a alguns de seus escritos como “psicologia”. Evans, inspirado em parte por filósofos como Kierkegaard, desafiou os cristãos na área da psicologia a “desenvolver suas próprias teorias, pesquisas e práticas que fluam das crenças cristãs sobre seres humanos. – enquanto continua participando ativamente no campo mais amplo.”

Vários autores contemporâneos se identificam como psicólogos cristãos ou participam do movimento mais amplo. Escritores que promovem a PC ou escrevem deste ponto de vista incluem Dan Allender, Neil Anderson, Larry Crabb, Eric L. Johnson, Diane Langberg, Tremper Longman III, Gary Moon, Leanne Payne, Robert C. Roberts, Siang-Yang Tan e PJ Watson.

Abordagem

Os defensores da psicologia cristã se esforçam para alcançar dois objetivos principais por meio do movimento da PC. Primeiro, o objetivo central é produzir ou “recuperar” uma psicologia cristã. Utilizando as Escrituras e obras de escritores cristãos do passado, os cristãos psicologicamente informados buscam reunir princípios para compreender a natureza humana e então sistematizar essas descobertas em um sistema abrangente de psicologia. Roberts e Watson escrevem: “Muito do trabalho fundacional da psicologia cristã exigirá, portanto, uma cuidadosa releitura das Escrituras, à luz de alguns dos grandes psicólogos cristãos do passado subsequente (Agostinho, Aquino, Pascal, Kierkegaard), por pessoas que estão familiarizadas com a psicologia contemporânea e conseguem, portanto, detectar uma psicologia bíblica que efetivamente fale sobre as circunstâncias atuais.”

Essa tarefa de recuperação é de dois níveis. Requer o estudo abrangente da Bíblia como fonte primária para a psicologia “verdadeira”, mas também requer a leitura cuidadosa das principais obras teológicas e filosóficas da história da igreja. Embora nenhum trabalho abrangente e sistemático de psicologia cristã tenha sido produzido, os autores mencionados anteriormente ofereceram contribuições para esse objetivo. Em segundo lugar, os psicólogos cristãos se esforçam para desenvolver atividades de pesquisa empírica que derivam de uma visão de mundo distintamente cristã. Os psicólogos cristãos reconhecem a impossibilidade de uma pesquisa verdadeiramente objetiva e neutra. A fim de competir com os estudos seculares que são carregados de suposições da cosmovisão secular, os psicólogos cristãos se esforçam para desenvolver seu próprio corpo de pesquisa psicológica do ponto de vista cristão. PJ Watson e RJ Morris são representantes de psicólogos cristãos que lideraram e publicaram esforços de pesquisa dessa natureza.

Singularidade vinda da Integração

A integração refere-se a um sistema relacionado, mas diferente, para entender a relação entre cristianismo e psicologia. No modelo integracionista, a teologia bíblica e alguns princípios da psicologia secular são integrados. À primeira vista, a psicologia cristã não parece ser distinta da integração, mas há três diferenças fundamentais. Primeiro, os psicólogos cristãos buscam formar seu sistema de psicologia cristã, principalmente a partir da Bíblia e das obras da história da igreja, com referência mínima aos sistemas da psicologia secular moderna. Roberts explica: “A psicologia cristã começa com as ideias e

práticas já estabelecidas por séculos de tradição cristã, e desenvolve conceitos e práticas psicológicas a partir delas com um mínimo de referência ou influência das psicologias do século XX.”

Em contraste, os integracionistas cristãos buscam examinar e extrair princípios e *insights* psicológicos e psicoterápicos de muitas fontes, incluindo das psicologias modernas. Isso não significa que os psicólogos cristãos sejam contra ou não pratiquem a integração. No entanto, os psicólogos cristãos observam que a integração é muito difícil e parecem mais sensíveis à necessidade de estabelecer uma psicologia exclusivamente cristã antes de buscar uma visão adicional de sistemas não cristãos. Em segundo lugar, os psicólogos cristãos são mais sensíveis às visões e metodologias anticristãs da moderna pesquisa psicológica e, portanto, são menos propensos a utilizar essa pesquisa em comparação com os integracionistas. Os psicólogos cristãos preferem fazer sua própria pesquisa, com base em uma psicologia e metodologia claramente cristãs, enquanto os integracionistas acreditam que grande parte da psicologia secular pode ser “redimida” para fins de aconselhamento cristão. Em terceiro lugar, a psicologia cristã difere da integração em relação ao objetivo do sistema. Enquanto a psicologia cristã se esforça para desenvolver um sistema singular e unificado de psicologia, os integracionistas questionam a possibilidade desse objetivo. Stanton Jones observa: “... Os integracionistas entendem que nosso compromisso com uma visão bíblica das pessoas fornece uma estrutura presuntiva, não um sistema de psicologia totalmente construído. A principal diferença [entre a integração e a psicologia cristã] é o quanto afirmamos que podemos construir uma psicologia completa a partir das Escrituras e da tradição e dos recursos cristãos.”

Além disso, alguns integracionistas concluem que extrair um sistema unificado de psicologia da totalidade das obras da história da igreja parece impossível, uma conclusão que, ironicamente, até mesmo alguns psicólogos cristãos parecem reconhecer.

Análise Bíblica

Pontos Fortes da Psicologia Cristã

A psicologia cristã observa, corretamente, que a verdadeira “psicologia” não é tanto a disciplina profissional, moderna e científica que é pensada hoje, mas simplesmente se refere ao estudo dos seres humanos. Essa perspectiva pode ajudar as pessoas a reconhecer como as Escrituras falam, perspicaz e poderosamente, sobre a natureza humana, embora não pareça um livro de psicologia moderno. Visto

que os cristãos acreditam que a Bíblia é a Palavra autorizada de Deus e é a única fonte da verdade inspirada por Deus (2Tm 3: 16-17), seria inverso esperar que as Escrituras se adaptassem à terminologia e às categorias psicológicas modernas de qualquer maneira. Além disso, com essa definição mais geral de “psicologia” em mente, recursos ricos de insight sobre a natureza humana podem ser redescobertos em obras como as dos puritanos ingleses.

A psicologia cristã também lançou luz sobre o problema de pressupostos totalmente ignorados nos sistemas psicológicos. Como disciplina, a psicologia existe há 2500 anos e ainda não se obteve nenhum acordo sobre a natureza do bem-estar da psique humana. Por que é isso? Roberts e Watson observam perspicazmente que o conceito de bem-estar não pode “ser resolvido para a satisfação de todos, independentemente de compromissos metafísicos, morais e religiosos ... [nem] por métodos puramente empíricos de pesquisa”. Os psicólogos cristãos têm sido mais cuidadosos do que outros pensadores cristãos em relação aos compromissos com a visão de mundo e seu impacto nas conclusões psicológicas. Eles se esforçam para formar um sistema psicológico que seja pressupostamente cristão, e reconhecem que esse sistema refletirá uma imagem verdadeira da humanidade porque é distintamente cristã. Além disso, a percepção da visão de mundo dos psicólogos cristãos muitas vezes permite que eles detectem concessões não-bíblicas em sistemas psicológicos que os integracionistas às vezes deixam de ver.

Finalmente, a psicologia cristã deve ser elogiada por seu desejo de ser uma testemunha claramente cristã em um ambiente psicológico secular. C. O desafio de Stephen Evans para os cristãos desenvolverem uma abordagem exclusivamente cristã para a psicologia “enquanto continuam participando ativamente no campo mais amplo” significa que os incrédulos podem ser influenciados por psicólogos cristãos com o evangelho de Cristo e a verdade bíblica (Mt 28:19-20).

Pontos fracos da psicologia cristã

Embora a psicologia cristã tenha muito mérito, ela também sofre de várias fraquezas. Primeiro, a PC se constrói sobre uma visão defeituosa das Escrituras. Embora a psicologia cristã observe, corretamente, a necessidade de pressuposições apropriadas, ela se esvai fora da área da bibliologia. Os psicólogos cristãos afirmam uma forma de autoridade, necessidade, suficiência e primazia das Escrituras, mas definem essas qualidades da Escritura de maneira a enfraquecê-las. Por exemplo, Johnson afirma

que “a Bíblia tem autoridade máxima sobre toda a psicologia e o cuidado da alma”, mas depois admite que “a autoridade da Bíblia também varia dependendo do assunto em questão. A autoridade das Escrituras aumenta proporcionalmente à medida que as Escrituras abordam explicitamente um tópico em particular.” Esta é uma afirmação significativa. Embora seja verdade que a Bíblia aborda alguns tópicos com mais detalhes do que outros, a Bíblia sempre traz consigo a autoridade final em todas as questões que aborda.

Declaração de Chicago sobre a Inerrância Bíblica afirma: “A Sagrada Escritura, sendo a própria Palavra de Deus, escrita por homens preparados e supervisionados por Seu Espírito, é de autoridade divina infalível em todos os assuntos em que toca: deve-se acreditar, como instrução de Deus, em tudo o que afirma, obedecida, como mandamento de Deus, em tudo que requer; abraçada, como promessa de Deus, em tudo o que promete.” As Escrituras não ensinam uma escala variável de autoridade que varia dependendo da quantidade de informação revelada em qualquer tópico. Pelo contrário, a Bíblia é igualmente soberana em todos os assuntos que aborda. Grudem escreve: “todas as palavras nas Escrituras são palavras de Deus de tal maneira que descrever ou desobedecer qualquer palavra das Escrituras é descrever ou desobedecer a Deus.”

Os psicólogos cristãos afirmam uma forma da suficiência das Escrituras, mas explicam essa doutrina de forma a ver as Escrituras como insuficientes para o cuidado da alma. Eles sustentam a primazia das Escrituras, mas negam isso em muitas de suas obras, interpretando na Escritura certos termos, conceitos e teorias psicológicos. Por exemplo, Siang-Yang Tan e Larry Crabb afirmam que o homem tem certas “necessidades” psicológicas de segurança (amor) e importância (significado / impacto), mas essas conclusões surgem da influência de Maslow e da psicologia, e não da Bíblia. Embora o objetivo declarado da PC seja construir uma verdadeira “psicologia” a partir do texto das Escrituras, os psicólogos cristãos frequentemente imaginam sua própria psicologia no texto bíblico. Em seu artigo, aliás útil, descrevendo a psicoterapia paulina, Roberts não pode deixar de usar termos e conceitos da psicologia do século XX: “personalidade disfuncional”, “ação autotransformadora”, “ação terapêutica”, “atualização da nova personalidade”, “dissociação”. Até mesmo o termo “terapia paulina” parece estranhamente moderno quando se busca fazer uma exposição bíblica a respeito do modelo de santificação revelado nas epístolas paulinas.

A sólida exegese e interpretação do texto bíblico é absolutamente necessária para que os

psicólogos cristãos atinjam seu objetivo de desenvolver uma psicologia verdadeiramente cristã. Mas um tratamento adequado do texto das Escrituras é, na verdade, uma fraqueza do movimento. Por exemplo, a interpretação de Diane Langberg de Gênesis 1: 26-28 a respeito da imagem de Deus como voz, relacionamento e poder é nova, e não baseada em sólida exegese da passagem. A explicação de Roberts e Watson sobre o Sermão da Montanha equivale a uma inspeção de nível superficial de “traços saudáveis” para o “bem-estar”, em vez de uma exposição séria do texto.

O ecumenismo do movimento é visto ainda através da diversidade de antecedentes dos conselhos executivos e de referência da Sociedade, bem como da diversidade tanto dos autores quanto dos sistemas teológicos representados na revista da sociedade, *Christian Psychology*. Por exemplo, duas edições da revista destacaram a psicologia católica e a psicologia ortodoxa oriental. Embora a diversidade possa proporcionar oportunidades maravilhosas de aprendizado mútuo, compreensão e comunicação, parece que o compromisso da PC com esse nível de ecumenismo tornará improvável seu objetivo inicial de desenvolver uma psicologia cristã singular. Há vastas diferenças entre uma compreensão protestante e católica da salvação, com dezenas de outras diferenças teológicas significativas que tornam impossível qualquer tipo de compatibilidade. Os integracionistas desafiaram os psicólogos cristãos com relação à possibilidade de alcançar uma psicologia cristã tão singular e singular, e até o próprio Eric Johnson parece admitir que todo o projeto da PC está fadado a falhar como “resultado inevitável e feliz da finitude humana.”

Finalmente, a psicologia cristã sofre de fraquezas na prática real de aconselhamento. O aspecto mais revelador de qualquer sistema de cuidado da alma é, em última análise, como se trata de ajudar as pessoas com problemas de aconselhamento. CP deseja desenvolver uma psicologia cristã única (compreensão das pessoas) e psicoterapia (como ajudar as pessoas) enquanto “continua a participar ativamente no campo mais amplo”. Como o “campo mais amplo” da psicologia e da saúde mental profissional é amplamente secular, os psicólogos cristãos frequentemente mantêm o licenciamento, a acreditação e a participação em sociedades profissionais que exigem certos compromissos seculares. Na prática do aconselhamento, esses compromissos seculares geralmente significam que há relutância em ser abertamente cristão no aconselhamento, por meio da oração, da utilização das Escrituras ou da apresentação do evangelho a clientes que podem não ser salvos. Pior ainda, compromissos seculares dessa natureza podem tornar essas buscas bíblicamente compulsórias “antiéticas” em seu contexto

profissional. Como as abordagens de níveis de explicação, transformacional e integracionista, a PC evita ancorar seu aconselhamento na Bíblia. Na melhor das hipóteses, a Bíblia tem um papel acessório, ao invés de um controle funcional e fundamental sobre o processo de aconselhamento.

Embora as Escrituras deixem claro que um relacionamento com Deus, por meio da Pessoa de Cristo, é a fonte de esperança, força, encorajamento e estabilidade no dia da angústia, Langberg observa que o relacionamento do cliente com Deus precisa ser explorado para “ver se pode ou não contribuir para a sua estabilidade neste momento.” A mensagem do evangelho de Jesus Cristo está visivelmente ausente, em todo o caso. Sem Cristo como a esperança para o aconselhado, o encorajamento será primeiramente encontrado através do relacionamento com o terapeuta. Em outro trabalho, Langberg descreve o papel do terapeuta como causador da cura “redentora” quando ela “encarna” Cristo. Este último termo vai além de simplesmente ser “semelhante a Cristo” para realmente assumir algo como um papel paralelo com Cristo no processo de cura “redentora”. Ela escreve: “A obra de Jesus neste mundo resultou em redenção. Seu trabalho em – e através de – você [o terapeuta], neste mundo, também resultará em redenção.”

Na teoria do aconselhamento, a PC é atormentada pela concessão para com o ecumenismo e por debater-se para interpretar e aplicar com precisão o texto bíblico. Na prática de aconselhamento, a PC parece surpreendentemente secular, onde a Escritura e o evangelho de Jesus Cristo não informam funcionalmente e nem conduzem o processo de aconselhamento. Se se pudesse estabelecer um sólido fundamento bíblico e teológico com base em uma afirmação da suficiência e autoridade da Escritura para aconselhamento, juntamente com uma exegese mais cuidadosa do texto aplicado tanto à teoria quanto à prática do aconselhamento, talvez se pudesse atingir a visão da Psicologia Cristã.

2) COMO FUNCIONA A CRISTIANIZAÇÃO DA PSICOLOGIA

Algumas pessoas, na intenção de aproximar a Psicologia do cristianismo, tentam cristianizar a Psicologia, buscando interpretar conceitos bíblicos à luz das teorias psicológicas. Uma questão definitivamente presente nessas teorias — o que não é peculiar apenas à Psicologia, mas também a outras ciências — é o evolucionismo e a descrença em Deus. Alguns teóricos como Sigismund Schlomo Freud (1856–1939) — o pai da psicanálise — consideravam a religião como uma ilusão e a principal causa dos problemas humanos. Humanistas como Carl Ransom Rogers (1902– 1987) e Abraham Harold Maslow

(1908–1970), na tentativa de valorizar o ser humano mostrando sua necessidade de amor próprio e autoestima, colocam o homem como o valor supremo do universo e o único capaz de resolver os seus próprios problemas. Carl Gustav Jung (1875–1961), por exemplo, conhecido por fundar a Psicologia analítica, entrava em conflito com o seu pai, Johann Paul Achilles Jung (1842–96), um pastor fervoroso da Igreja Reformada Suíça, cuja fé incondicional o filho não compreendia. Jung questionava os dogmas protestantes, não aceitando os princípios ensinados por seu pai. Isso fez ele aprofundar-se nos estudos religiosos e a tentar aliar religião e ciência, o que culminou na sua formação em psiquiatria, a qual unia a natureza (ciência) e a alma (psique). Suas teorias são baseadas nas suas experiências místicas que obteve por meio de sonhos periódicos e visões com notáveis características mitológicas e religiosas, os quais despertaram o seu interesse por mitos, sonhos e a Psicologia da religião. Aceitar as teorias psicológicas sem antes passá-las por um crivo bíblico é um grande erro que pode ocasionar em sérios problemas. Não podemos vender a ideia de que a Psicologia pode ser integrada à Bíblia.

Temos que compreender que existem aspectos em que a Psicologia e a Bíblia estão fundamentalmente em oposição uma à outra. Por isso, não podemos fazer de nenhuma dessas teorias um referencial teórico no qual nos baseamos ou seguimos. Como cristãos, devemos ter uma visão mais eclética da Psicologia, buscando conceitos ou pressupostos que não contradizem a Palavra de Deus. O apóstolo Paulo escreveu: “Examinai tudo. Retende o bem” (1 Ts 5.21).

3) COMO FUNCIONA A PSICOLOGIZAÇÃO DO CRISTIANISMO

Outro extremo perigoso é tentar psicologizar o cristianismo. A Psicologia como ciência tem o seu devido valor. Tratá-la como “o evangelho do aceite-se a si mesmo”, que se contrapõe ao evangelho de Cristo, é tentar espiritualizar conceitos fundamentados em comprovações cientificamente aceitáveis que explicam o comportamento humano. O jornalista e radialista Sandro Moraes, no seu blog, faz o seguinte comentário: O falso evangelho do “aceite-se a si mesmo”, antagônico ao verdadeiro evangelho do “negue-se a si mesmo” nada mais é do que a cruz psicologizada, externada num “Cristo” trivializado. Não raro, pregadores até bem-intencionados elaboram seus sermões em torno de teorias psicológicas. Dos púlpitos, reverberam expressões como autoestima elevada, autoamor ou amor próprio, autoimagem positiva, autogratificação, autorrealização, etc., como necessidades que precisam ser desenvolvidas no homem interior. Já vi isso muitas vezes. São termos da psicologia humanista

introjetadas no evangelho como se este não fosse suficiente para resolver os problemas humanos, precisando receber o reforço poderoso de teorias formuladas por humanistas hostis à Palavra de Deus.

Durante praticamente 20 séculos, a igreja não precisou dos empréstimos da psicologia para salgar e iluminar o mundo, mas agora ela é indispensável. O problema é que, em muitos aspectos, a psicologia humanista apresenta-se como religião rival ao cristianismo. E você sabe onde se originaram os tantos “autos” supramencionados? Originaram-se no coração do narcisista incorrigível Lúcifer. Não precisamos substituir o evangelho pelas teorias psicológicas. A Bíblia por si só é autossuficiente; porém, demonizar a Psicologia, como faz o autor da citação, é negar o valor da ciência. Embora a Bíblia não seja um livro científico, ela é exata quando fala de assuntos de ciência. O que ela condena é a falsa ciência. O apóstolo Paulo faz o seguinte alerta a Timóteo. “Ó Timóteo, guarda o depósito que te foi confiado, tendo horror aos clamores vãos e profanos e às oposições da falsamente chamada ciência” (1 Tm 6.20). A ciência é baseada em fatos. Uma teoria geralmente começa a partir da observação de um determinado fenômeno. Hipóteses são levantadas e testadas em laboratórios ou na natureza. A Psicologia como ciência é factual, baseando-se em estudos e fatos comprovados. Devemos, todavia, ter cuidado, pois nem tudo que se diz ser Psicologia é realmente científico. Por isso, temos que constantemente confrontar as teorias psicológicas com a Palavra de Deus, combatendo os conceitos e princípios antibíblicos.

4) O ABISMO ENTRE A PSICOLOGIA E O CRISTIANISMO

A aceitação sem questionamentos das práticas psicoterapêuticas nas igrejas pode representar um grande problema. Psicologia e cristianismo são dois caminhos diferentes que parecem próximos, mas que, ao mesmo tempo, são muito distantes. Há um grande abismo que separa um do outro. A Psicologia lida com a natureza do homem, como ele vive e como ele muda. A Bíblia lida exatamente com as mesmas questões. No entanto, os principais ensinamentos da Psicologia contradizem ou comprometem muitas vezes os ensinamentos das Escrituras.

5) O DESENVOLVIMENTO HUMANO NA VISÃO DA PSICOLOGIA

Existem pressupostos de proeminentes escolas de Psicologia e Filosofia que procuram entender o comportamento humano, mas que, no entanto, cometem um grande erro ao ignorar e desprezar a

parte essencial do homem, que é o seu espírito. A Psicologia estuda o homem dentro de uma visão tridimensional, que consiste nos fatores biológico, psicológico e social.

De acordo com a Psicologia, o comportamento é determinado por fatores hereditários, somáticos e socioculturais. Todo processo de desenvolvimento e ajustamento humano é voltado para esses aspectos. Como a Psicologia não considera a parte essencial — o espírito humano —, ela converge toda a sua prática ao bem-estar físico e emocional, desconsiderando a existência do pecado e dos males causados por ele. A Psicologia Comportamental Behaviorista, que será discutida no próximo capítulo, defende que o ser humano é fruto do meio social em que vive. Se aceitarmos essa linha de pensamento na íntegra, abdicaremos dos ensinamentos bíblicos que responsabilizam o homem pelos seus atos. Partindo desse pressuposto, concluímos que, se o que somos é resultado exclusivamente do meio social em que fomos desenvolvidos, logo não somos responsáveis pelos nossos atos.

Apesar de recebermos influências do meio social, não podemos, no entanto, atribuir que o comportamento é 100% decorrente desse meio. Deus deu-nos o livre-arbítrio e capacitou-nos para fazermos escolhas. Entre um estímulo que recebemos do meio social e uma resposta que damos a esse estímulo, há uma escolha pessoal. A psicanálise, por sua vez, ao tratar da formação da personalidade, mostra que possuímos um superego — uma censura — que regula o comportamento. É a consciência moral do homem que dita o bem a ser procurado — e que determina o mal a ser evitado. O superego é desenvolvido através dos valores que recebemos da sociedade, tendo a função de inibir, através de punição ou sentimento de culpa, qualquer impulso contrário às regras aprendidas pelo indivíduo. Se aceitarmos a visão psicanalítica sem restrições, anularemos a ação do Espírito Santo, que convence o homem do pecado (Jo 16.8), e deduziremos que o pecado é uma invenção humana. Para a psicanálise, se aprendemos que algo é errado, sentimo-nos culpados por infringirmos as regras e ideias de nossa consciência moral; se, porém, não aprendemos, sentimo-nos livres e não somos afetados pela consciência. A Psicologia tem o seu devido valor ao tratar das questões emocionais; quando, no entanto, os problemas estão relacionados com a parte espiritual, ou seja, quando são desenvolvidos mediante um padrão pecaminoso do indivíduo, então, nesse caso específico, a Psicologia torna-se ineficiente.

6) O DESENVOLVIMENTO HUMANO NA VISÃO CRISTÃ

De acordo com a antropologia cristã, o homem é um ser tricotômico, ou seja, formado por três partes: espírito, alma e corpo. O corpo tem relação com o material; a alma, com o material e imaterial; o espírito, com o espiritual.

Definições teológicas

- Espírito — comunhão com Deus. É a parte essencial do homem que o diferencia dos animais e o capacita a ter comunhão com Deus. A comunhão com Deus é fundamental para a saúde mental e espiritual.
- Alma — fatores psicológicos e sociais (emoções, vontade e intelecto). É o princípio da personalidade, incluindo os sentidos e as emoções.
- Corpo — fatores biológicos — cinco sentidos pelos quais exploramos o mundo (visão, audição, olfato, paladar e tato). É a parte física do homem que o faz ter contato com todas as outras criaturas vivas através da alma.

O homem não pode ser visto apenas nos aspectos biológico, psicológico e social, como a Psicologia mostra, pois ele possui uma natureza suprema chamada espírito. “O espírito vivifica a alma”. É pelo espírito que o homem tem consciência de Deus. Há muitos problemas tratados nos consultórios de psicólogos e psiquiatras que estão relacionados à área espiritual, assim como há problemas emocionais sendo tratados como questões espirituais nas igrejas. Problemas espirituais não conseguem ser resolvidos nos consultórios de psicólogos e psiquiatras, mas, sim, com a Palavra de Deus, com oração e quebrantamento espiritual.

7) O LUGAR DA PSICOLOGIA NA IGREJA

Assim como devemos ter conhecimento teológico para lidarmos com questões espirituais, precisamos também ter conhecimento sobre o comportamento e a personalidade humana para lidarmos com questões emocionais. Não precisamos cristianizar a Psicologia, nem tão pouco demonizá-la, mas, sim, compreendermos o seu papel como ciência. Ela jamais substituirá os preceitos bíblicos, que são absolutos e eternos, mas ela tem o seu valor quando nos fornece ferramentas que nos ajudam na compreensão do ser humano. Por meio da Psicologia, podemos compreender a nós mesmos e as pessoas com quem nos relacionamos, pois ela faz com que enxerguemos nosso interior, fazendo-nos compreender por que reagimos a uma determinada situação.

A Psicologia mostra-nos como lidarmos com nossas resistências a frustrações, no combate aos medos, aos estresses e à depressão. Ela também ajuda nos relacionamentos interpessoais, na harmonização dos relacionamentos familiares, com amigos, colegas, superiores e subordinados hierárquicos e, também, para melhorarmos o nível de convivência com vizinhos, comportamento no trânsito, na melhoria da qualidade de vida e assim sucessivamente. Não podemos, em nome do cristianismo, negar a existência dos problemas de ordem emocional. Há uma infinidade de doenças psíquicas que afligem muitas pessoas, tais como: fobias, transtorno obsessivo-compulsivo (TOC), depressão, neuroses, psicoses, esquizofrenia, etc. Estudos científicos comprovam a existência das doenças psíquicas. Há uma interligação entre mente e corpo. Muitas doenças físicas têm sua origem em fatores emocionais. Negar isso é generalizar os problemas humanos e colocá-los todos na esfera espiritual.

Creemos que o poder do Senhor Jesus é capaz de curar as enfermidades físicas, assim como também acreditamos na cura ou libertação de problemas emocionais a partir de uma oração; no entanto, recorrer à medicina, à psiquiatria ou à Psicologia não significa negar a fé ou a sua confiança em Deus.

Cabe a nós, líderes, termos sabedoria de Deus e discernimento para distinguirmos os problemas emocionais dos problemas espirituais e termos também a sensatez de encaminhar a um profissional um membro da igreja que precisa de um atendimento psiquiátrico ou psicológico.

CAPÍTULO III

ENTENDENDO A PERSONALIDADE E O SEU DESENVOLVIMENTO

A) DEFININDO A PERSONALIDADE

Existem centenas de definições de Personalidade. Allport (1974), um dos mais conceituados teóricos do assunto, relaciona não menos de 50 dessas definições, obtidas na Filosofia, na Teologia, no Direito, na Sociologia, etc. Krech e Crutchfield (1963) mostram que o termo personalidade é muito abrangente.

Essa definição inclui os traços, as habilidades, as crenças, as atitudes, os valores, os motivos e as formas habituais de ajustamento do indivíduo. Inclui o que denominamos temperamento — as reações emocionais típicas, os estados de humor, as características de vigor da pessoa — assim como o que, numa terminologia mais antiga, se denominava caráter, isto é, a concepção moral e a conduta do indivíduo. E mais do que isso, a definição inclui a síntese de todos esses aspectos — a maneira peculiar pela qual os traços, as habilidades, os motivos e os valores se organizam na pessoa.

1 – PRINCIPAIS DEFINIÇÕES DE PERSONALIDADE

Allport, de maneira ampla, agrupa a definição de personalidade em três classes: definições de efeitos externos, de estrutura interna e positivista.

1. Efeito Externo • A soma total do efeito provocado por um indivíduo na sociedade. • Hábitos ou ação que conseguem influir em outras pessoas. • Respostas apresentadas pelos outros ao indivíduo, considerado como estímulo. • O que os outros pensam de você. Através de efeitos externos, as definições apresentam uma visão social ou “externa” da personalidade. Apenas enfoca o aparente ou então aspectos que causam a impressão em outras pessoas. Nesse caso, personalidade é confundida com reputação. “Evidentemente, a impressão no desenvolvimento de nossas personalidades”.
2. Estrutura Interna Personalidade é: • A soma total de todas as disposições biológicas inatas, impulsos, tendências, apetites e instintos do indivíduo, bem como as disposições e tendências adquiridas por experiência. • A organização mental total de um ser humano em qualquer estágio de seu desenvolvimento. Abrange todos os aspectos do caráter humano, do intelecto, do pensamento, da habilidade, da moralidade e todas as atitudes constituídas durante a vida da pessoa. • O conjunto organizado de processos e estados psicológicos que pertencem ao indivíduo. • Um esquema unificado de experiência, uma organização de valores que são mutuamente consistentes. Através da Estrutura Interna, as definições prendem-se exclusivamente à organização interior. São definições mais estruturais, aceitas por quase todos os filósofos.
3. A Opinião Positivista Personalidade é: A conceitualização mais adequada do comportamento de uma pessoa, considerada em todos os seus pormenores, e que um cientista pode dar em determinado momento. Os teóricos da opinião positivista discordam das definições essencialistas. Segundo esses teóricos, a personalidade interior é um mito. Eles sustentam que é impossível conhecermos a

“unidade dinâmica multiforme” que realmente “existe”, e que apenas podemos ter opiniões a respeito, ou seja, quando muito, “conceitualizá-la”. Como acabamos de ver, um dos mais difíceis conceitos na Psicologia é a personalidade.

Na verdade, não existe uma definição correta ou incorreta. Algumas, apenas, estão mais completas que outras. Allport apresenta uma definição “essencialista” de personalidade, tratando-a como uma unidade “existente na pessoa” e que tem uma estrutura própria: “A personalidade é a organização dinâmica, no indivíduo, dos sistemas psicofísicos que determinam seu comportamento e seu pensamento característicos.” Através de sua personalidade, o indivíduo ajusta-se ao ambiente e reflete a respeito dele. O comportamento e o pensamento permitem a sobrevivência e o crescimento. Para facilitar a compreensão do assunto, abordaremos distintamente os termos personalidade, caráter e temperamentos.

2 – PERSONALIDADE E CARÁTER

O termo personalidade e sua raiz vêm do latim clássico “persona” que, segundo os eruditos, significa máscara. Personalidade é o resultado de um reduto inato de características básicas, acrescido de experiências vividas, que pressupõe a possibilidade de um indivíduo diferenciar-se de outro.

O termo caráter vem de um verbo grego que significa gravar. É muitas vezes usado como sinônimo de personalidade. Caráter é a marca de uma pessoa — seu padrão de traços ou seu estilo de vida. É aquilo que guia nosso comportamento de acordo com os valores e princípios adequados.

Os psicólogos europeus preferem usar a expressão caráter, enquanto os americanos preferem personalidade. Os psicólogos americanos escreveram muitos livros com o título de personalidade, porém poucos com o título de caráter. O termo persona, usado pelos americanos, significava originalmente máscara, que tem muito a ver com o comportamento visível, qualidade superficial, o que é peculiar dos americanos, visto terem preferência por ambientalismo, tendo mais a Psicologia comportamentalista, levando a acentuar o movimento externo, a ação visível. Os europeus, por sua vez, usam a expressão grega caráter com o significado de gravar, enfatizando mais o que é inato na natureza do homem, o que está profundamente enraizado e que é relativamente imutável. Com o passar do tempo, o termo caráter foi adquirindo uma conotação específica diferente do seu sentido original de gravação.

Hoje, quando se fala em caráter, há uma tendência de se supor um padrão moral ou se fazer um julgamento de valor.

3 – TEMPERAMENTOS

A partir do nascimento, vários níveis constitucionais, químicos, metabólicos e neurais estabelecem para o indivíduo recursos à formação de sua personalidade. Esses níveis são chamados pelos psicólogos de temperamento. O termo temperamento vem do Latim “temperamentum”, procedente de “temperare”, que significa “combinar em justas posições”. É a mesma derivação de tempero e temperança. O temperamento inclui nosso modo de perceber as coisas, de fazer escolhas e de relacionarmos-nos com outras pessoas. Existem vários conceitos para o termo temperamento.

O temperamento refere-se aos fenômenos característicos da natureza emocional de um indivíduo, na qual se incluem sua suscetibilidade à estimulação de sua disposição predominante, e todas as peculiaridades de flutuação e intensidade de disposição, sendo que tais fenômenos são vistos como dependentes da organização constitucional, e, portanto, como, em grande parte, originários da hereditariedade. Segundo Allport, o temperamento não é imutável do nascimento à morte, ainda que a probabilidade de mudança seja mínima, ocorrendo algumas vezes por influências médicas, cirúrgicas e de nutrição, bem como no decurso da aprendizagem e das experiências de vida.

A teoria da existência dos temperamentos

A teoria da existência dos temperamentos começa com Empédocles no século V a.C., quando este afirmava que toda a natureza era composta de quatro elementos básicos: ar, terra, fogo e água. Depois dele, vem Hipócrates, no segundo estágio da teoria, acrescentando que a natureza, como um todo (o macrocosmo), deve refletir-se na constituição do homem (o microcosmo). Segundo ele, esses elementos são representados no corpo humano sob a forma de quatro “humores”: sangue, bílis negra, bílis amarela e fleuma. Havendo a predominância de um desses humores, haveria, correspondentemente, a predominância de um temperamento. A denominação dos quatro tipos de temperamentos como: sanguíneo, colérico, fleumático e melancólico foi elaborada pelo médico romano Galeano. Cada um deles possui pontos fortes e pontos fracos, mas nenhuma pessoa apresenta características de um só temperamento, embora possa haver predominância de um deles.

Variação do temperamento

O comportamento do indivíduo varia de acordo com o seu temperamento. O temperamento define a maneira básica de reação de cada pessoa frente à vida e aos seus obstáculos, bem como às suas dádivas. Os tipos de temperamentos interferem, portanto, na maneira como as pessoas agem e reagem nos seus relacionamentos e acontecimentos de um modo geral.

B) COMO É FORMADA A PERSONALIDADE

A busca por explicações sobre o modo como a personalidade é formada parece ter mobilizado as mais diversas áreas do conhecimento humano. Há uma tendência em cada um de nós de classificarmos pessoas caracterizando-as como explosivas, simpáticas, sensíveis, desleais, preocupadas, ansiosas, mentirosas, amorosas e assim por diante. Mas como a personalidade humana é formada? O que é mais importante na formação e no desenvolvimento da personalidade? Essas questões são objeto de estudo desde os primórdios da humanidade. O indivíduo é o resultado daquilo que ele trouxe ao mundo (aspectos inatos da personalidade) com aquilo que o mundo fez com ele (aspectos adquiridos da personalidade). Em suma, somos uma combinação do genótipo com as influências do ambiente sobre esse genótipo.

1 – FATORES HEREDITÁRIOS

Existem provas evidentes do papel da constituição genética na determinação da personalidade, principalmente quando se refere aos aspectos temperamentais da personalidade. Gesell (1977) e seus companheiros fizeram um estudo com crianças, observando as características emocionais e a sua duração. Após a observação sistemática de um grande número de crianças desde a mais tenra infância, constatou-se que havia fortes indicações de que características temperamentais, tais como dispêndio de energia e expressão emocional, permaneciam razoavelmente constantes, confirmando-se a hipótese de que há aspectos da personalidade que são inatos, ou seja, o indivíduo traz consigo ao nascer. Depois da descoberta da estrutura do DNA pelo americano James Watson e pelo inglês Francis Crick em 1953 até o mapeamento completo do genoma humano em 2003, aumentou-se o interesse por estudos sobre as origens biológicas da personalidade.

Hoje, sabe-se que os comportamentos dependem da interação entre fatores genéticos e ambientais. Estudos mais recentes comprovam que a existência de influências dos hábitos e do estilo de vida de cada um na ação dos genes são muito maiores do que se pensava antes. Esses estudos apontam, inclusive, que pessoas com genes associados à depressão têm maior probabilidade de desenvolver a doença se forem expostas a eventos traumáticos durante a vida.

A descoberta da estrutura do DNA por James Watson e Francis Crick, em 1953, e a divulgação do Projeto Genoma Humano, em 2000, abriram as portas para uma compreensão sem precedentes das raízes biológicas da personalidade. As revelações de que a genética pode influenciar comportamentos mudam a visão das pessoas sobre questões filosóficas e do cotidiano. “A ideia de que os bebês vêm ao mundo sem características inatas multiplica a angústia dos pais que dão aos filhos uma educação adequada e eles não correspondem às suas expectativas. Na verdade, muitas coisas não dependem dos pais, e sim da natureza”, diz Steven Pinker. O biólogo Richard Dawkins, da Universidade de Oxford, e autor de *O Gene Egoísta*, vai além. “A genética do comportamento mudará muita coisa. Se partirmos do pressuposto de que nossa mente é regida por algo além dos conceitos éticos e morais aprendidos, como punir um assassino?”, ele questiona. Estudos desenvolvidos na década de 1970 com gêmeos, incluindo filhos biológicos e adotivos, apontaram que os filhos adotados são mais parecidos com seus pais biológicos do que com os dos pais adotivos. Esses mesmos estudos mostraram que gêmeos idênticos exibem aspectos da personalidade semelhantes.

2 – FATORES SOMÁTICOS

Outra concepção bastante difundida acerca da personalidade, entretanto questionada por alguns teóricos, é a teoria baseada na constituição biotipológica, segundo a qual a genética não estaria limitada exclusivamente à cor dos olhos, dos cabelos, da pele, à estatura, aos distúrbios metabólicos e, às vezes, às malformações físicas, mas também determinaria as peculiares maneiras de o indivíduo relacionar-se com o mundo: seu temperamento, seus traços afetivos, etc. Como vimos no tópico anterior, não existe dúvida alguma de que as diferenças quanto à constituição física, bem como o funcionamento fisiológico, podem ter efeitos na personalidade.

Sheldon realizou um trabalho na Universidade de Harvard na tentativa de mostrar a relação entre físico e temperamento. Depois de ter estudado e medido fotografias de corpos de homens nus, ele

concluiu que toda constituição física pode ser identificada em função das respectivas quantidades de três componentes:

- Endomorfia – componente gorduroso e visceral (firmes e obesos);
- Mesomorfia – componentes ósseos e muscular (dominância de musculatura desenvolvida);
- Ectomorfia – componente cutâneo (pele – fragilidade estrutural).

Para Sheldon, a constituição física do indivíduo estava diretamente relacionada com o temperamento. Para comprovar sua teoria, ele isolou três grupos fundamentais de traços que considerou como satisfatórios, para dar conta de todas as diferenças individuais quanto ao temperamento. Esses grupos foram chamados por ele de viscerotonia, somatonia e cerebrotonia. Na sua correlação, ele afirmava existir uma tipologia temperamental na qual se incluem três componentes:

- Viscerotonia – gregaridade, expressão fácil de sentimentos, dependência de aprovação social;
- Somatotonia – assertividade, energia física, ansiedade baixa, coragem, indiferença à dor, necessidade de poder;
- Cerebrotonia – contenção, autoconsciência, introversão, retirada social, solidão.

Alguns críticos acharam que as correlações de Sheldon eram demasiadamente altas para serem verdadeiras. Comprovou-se, também, que algumas mudanças significativas no tipo somático do indivíduo aconteciam devido às diferenças quanto à alimentação, à má saúde, etc. Além do mais, o problema da interpretação das correlações encontradas entre os traços da personalidade e a constituição física sofre a interferência do fator e reações sociais. Entretanto, sabe-se que, de alguma forma, a personalidade pode ser influenciada pelos fatores somáticos.

3 – FATORES SOCIOCULTURAIS

A influência cultural

A cultura é um fator preponderante na formação da personalidade. Alguns autores chegam até mesmo a considerá-la como fator decisivo. Nos primeiros anos de vida, ocorre o processo de adoção dos modelos culturais. A mãe transmite ao filho costumes culturais ao entender as necessidades da criança. “A situação no lar, a linguagem que aprender, a escola, as práticas econômicas e as prescrições para alimento, sono, excreção — tudo é imposto por exigências culturais”. A criança aprende os valores culturais em casa, na escola, na igreja, através dos jornais, revistas em quadrinhos, rádio, televisão, etc.

Na adolescência, acontece um processo de reação contra esse modelo cultural que foi imposto. Após esse estágio, ocorre uma aceitação do modelo agora revisto e adequado à personalidade madura.

Influências sociais

As situações sociais, até certo ponto, contribuem para a formação da personalidade. Existem vários aspectos que poderiam ser abordados em relação às influências sociais; procuramos, no entanto, destacar aquele que consideramos ser o fator principal: o ambiente familiar, que, quando não é sadio, pode provocar sentimentos de insegurança e angústia na criança. Pesquisas confirmam a teoria freudiana de que a experiência da primeira infância é um fator determinante e eficiente do comportamento adulto. Um dos determinantes básicos na formação da personalidade pode ser as atitudes dos pais com relação à criança. Algumas dessas atitudes podem ser positivas, contribuindo para um melhor desenvolvimento da personalidade do filho; outras, porém, são negativas, prejudicando esse desenvolvimento.

Atitudes negativas e suas consequências:

- Rejeição da criança por parte dos pais – a criança rejeitada poderá sentir-se insegura e com dificuldade de auto-afirmar-se, passando a ter um comportamento hostil, negativista e rebelde; ela poderá, mais tarde, ter dificuldade em suas relações interpessoais e também em dar e receber afeição;
- Superproteção dos pais – a criança superprotegida poderá tornar-se egoísta, egocêntrica, irresponsável ou, ao contrário, será submissa, obediente, excessivamente sem iniciativa, passiva e dependente dos outros;
- Uso abusivo de autoridade sobre o filho – a disciplina excessiva pode levar a criança a fortes necessidades de aprovação social ou mesmo a um padrão moral extremamente rigoroso. Pode, ainda, desenvolver uma personalidade rígida e uma tendência ao sentimento de culpa e conflitos.
- Falta de uma hierarquia de valores estabelecidos – quando não existe uma hierarquia de valores ou mesmo quando a disciplina é insuficiente, a criança terá um desenvolvimento inadequado, podendo tornar-se uma pessoa sem autocontrole e indecisa ao fazer escolhas ou enfrentar problemas.

C) O QUE E QUAI SÃO OS DISTÚRBIOS DA PERSONALIDADE

Os primeiros anos de vida são decisivos para a formação da estrutura da personalidade básica da pessoa. Segundo Freud, a personalidade é formada por três sistemas principais chamados por ele de id, ego e superego. Esses sistemas estão muitas vezes tão relacionados que não sabemos determinar qual deles está desempenhando o papel predominante na conduta.

O id é o sistema original da personalidade; o ego é a porção executiva da personalidade; o superego é o representante interiorizado daquilo que o indivíduo considera ser basicamente certo ou errado — é a porção moral da personalidade.

Quando existem padrões de conduta crônicos, ou mal adaptados, ou patológicos, arraigados na estrutura da personalidade, afirmamos que existem alterações de personalidade. As causas podem ser, em parte, genéticas ou constitucionais e, em parte, emocionais ou devidas ao desenvolvimento. Este é um assunto muito abrangente. Hoje, existem grandes compêndios que tratam exclusivamente do tema. Como a nossa finalidade é apenas dar uma introdução ao estudo da personalidade, procuramos mostrar os distúrbios psicopatológicos em linhas gerais. Os principais estados psicopatológicos são: distúrbios neuróticos (neurose), distúrbios psicóticos (psicose) e disposições psíquicas anormais.

1 – DISTÚRBIOS NEURÓTICOS (NEUROSE)

A neurose não é considerada como um processo mórbido. São reações psíquicas anormais caracterizadas pela dificuldade de relacionamento interpessoal e sentimento profundo de doença. As causas compreendem conflitos, frequentemente inconscientes, profundamente localizados e com raízes na infância. A personalidade não é alterada na neurose, embora esteja intimamente relacionada à vida psíquica do indivíduo. O neurótico permanece em contato com a realidade. O núcleo dos distúrbios neuróticos é a ansiedade. Os distúrbios estão assim classificados: neurose de ansiedade, neurose histérica, neurose fóbica, neurose obsessivo-compulsiva, neurose depressiva, neurose neurastênica (neurastenia), neurose de despersonalização, neurose hipocondríaca, etc.

Devido à exiguidade de espaço e à amplitude do assunto, destacamos apenas as principais neuroses. Também destacamos outros distúrbios emocionais na parte que abordamos sobre o aconselhamento.

Neurose de Ansiedade

A neurose de ansiedade produz sintomas físicos e psíquicos. Trata-se de um transtorno psicológico caracterizado por inquietação, dificuldade de concentração, irritação, fadiga, mau humor e que leva a pessoa a sentir-se como se estivesse prestes a enfrentar uma catástrofe. Esse transtorno psicológico deixa a pessoa em estado de alerta o tempo todo, afetando o sono. Os sintomas podem evoluir para uma crise de angústia ou de pânico de curta duração ou de maior intensidade. Fisicamente, surgem sintomas como vertigens, tonturas, náuseas, aperto (nó) na garganta, peso na cabeça, respiração ofegante, palpitações cardíacas, alterações de pressão, dispneia, suor, tremores pelo corpo, expressão de terror no rosto, complicações gástricas, etc.

Neurose obsessivo-compulsiva

A neurose obsessivo-compulsiva, conhecida popularmente pela sigla TOC (Transtorno obsessivo-compulsivo), é um distúrbio psiquiátrico caracterizado pela presença de crises recorrentes de obsessão e compulsão. Uma pessoa que tem TOC sofre com imagens e pensamentos descontrolados e repetidos que o impelem a fazer determinados rituais como lavar as mãos diversas vezes, somar as placas dos carros, contar os azulejos de uma parede, etc. Esse ritual é chamado de compulsão e ocorre repetidas vezes durante o dia, deixando a pessoa extremamente cansada. As pessoas que sofrem de TOC acreditam que, se deixarem de cumprir o ritual, algo terrível poderá acontecer com elas ou com as pessoas que ela ama. Há muitas pessoas que sofrem desse terrível mal. Segundo a Organização Mundial da Saúde, 1% a 2% da população mundial tem TOC. No Brasil, são cerca de 4 milhões de pessoas sofrendo com esse distúrbio psiquiátrico.

Neurose fóbica

As neuroses fóbicas são quadros caracterizados pelo medo de determinados lugares, objetos ou situações, que determinam uma série de condutas de evitação e outras de segurança. O DSM-IV (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), que é usado por psiquiatras e psicólogos para diagnosticar as doenças psíquicas, considera uma fobia específica quando são observadas as seguintes características:

- Um temor expresso e persistente, que é excessivo ou irracional, desencadeia-se pela presença ou antecipação de um objeto ou situação específicos.
- A exposição ao estímulo fóbico produz, de modo quase que invariável, uma resposta imediata de ansiedade, que pode adquirir a forma de uma crise de angústia decorrente de uma situação determinada. • A pessoa reconhece que esse medo é excessivo ou irracional.
- As situações fóbicas são evitadas ou suportadas à custa de uma intensa ansiedade ou mal-estar.
- Os comportamentos de evitação, a antecipação ansiosa ou o malestar provocado pela situação temida interferem claramente na rotina normal da pessoa, nos seus relacionamentos de trabalho e sociais.
- Em menores de 18 anos, a duração dos sintomas deve ser superior aos 6 meses.
- Os sintomas não podem ser mais bem explicados pela presença de outro transtorno mental.

As fobias mais comuns são:

- Acrofobia: o mesmo que “larofobia”, é o medo irracional de lugares altos.
- Agorafobia: é o medo de estar em espaços abertos ou no meio de uma multidão.
- Aracnofobia: é o medo (ou fobia) de aranhas.
- Catsaridafobia: é o medo de baratas. É uma das fobias mais comuns no mundo, especialmente entre as mulheres. Muitos chegam a ter ataques diante desses animais inofensivos.
- Claustrofobia: medo de permanecer em ambientes fechados, podendo ter um ataque de pânico dentro de elevadores, aviões, salas lotadas ou áreas restritas.
- Glossofobia: medo de falar em público. Muitas pessoas apenas possuem essa fobia, enquanto outras podem também possuir a sociofobia, ou a fobia social que leva estas a isolarem-se em casa, evitando o contato com pessoas.
- Hematofobia: também designada como hemafofia ou hemofobia, é uma patologia psicológica caracterizada pelo medo exagerado ou irracional de ver sangue. • Hidrofobia: medo doentio de água ou líquidos. Sua causa pode ser psiquiátrica ou virótica. Quando ocorre na forma virótica, é também conhecida como raiva (doença).
- Nictofobia: medo do escuro ou da noite. Comum em crianças e um pouco mais raro em adultos.
- Ablutofobia: é um medo patológico de lavar-se, de tomar banho, ou mesmo de limpeza.
- Alectorofobia: medo patológico de galos e galinhas e de outras criaturas emplumadas e de seus respectivos ovos.

- Androfobia: medo anormal dos homens ou de qualquer pessoa do sexo masculino.
- Automatonofobia: caracteriza-se pela fobia (ou medo) de bonecos, ventríloquos, estátuas de cera e criaturas animadas. Tudo o que imite um ser vivo.
- Catagelofobia: é o medo de parecer ridículo e/ou estúpido; a pessoa com essa fobia teme o que os outros possam comentar sobre ela.
- Coulrofobia: é o termo usado para aqueles que têm medo de palhaços. É comum entre crianças e, às vezes, também ocorre com adolescentes e adultos.
- Eclesiofobia: é a aversão ou medo mórbido de igrejas.
- Pogonofobia: essa fobia é caracterizada por um pavor irracional de barbas.
- Xenofobia: significa aversão a pessoas ou coisas estrangeiras.

As fobias que mais tem causado transtornos na atualidade são: A fobia social – é um transtorno de ansiedade que é caracterizado pela extrema aflição diante de situações em que a pessoa sente-se avaliada por outros. As situações sociais temidas podem ser variadas, como escrever na frente dos outros, falar em público, comer em locais públicos, entrar em lugares cheios, ir a um evento social, fazer uma entrevista de emprego, encontrar um conhecido, etc. Dependendo da intensidade do problema, a pessoa isola-se e não consegue mais sair de casa. A síndrome do pânico – é um tipo de transtorno de ansiedade no qual ocorrem crises inesperadas de desespero e medo intenso. A pessoa tem a impressão de que vai morrer naquele momento de um ataque cardíaco, porque o coração dispara, ela sente falta de ar e tem sudorese abundante. Há uma sensação de que algo ruim esteja acontecendo, mesmo não havendo motivo algum para isso ou nem sinais de perigo iminente.

2 – DISTÚRBIOS PSICÓTICOS (PSICOSE)

A psicose é um processo mórbido, de causas diversas (desde psíquicas a sociais), caracterizadas pela perda de contato com a realidade. O indivíduo desliga-se do seu meio externo e volta-se para o seu “eu”, criando o seu próprio mundo, um mundo irreal, imaginário, dos seus delírios e alucinações. A pessoa isola-se, não fala, perde a vontade, não manifesta emoções, etc. As psicoses estão assim agrupadas: psicoses endógenas, psicoses exógenas e psicoses psicógenas.

Psicoses endógenas

As psicoses endógenas são aquelas de causas internas ou intrapsíquicas. Ocorre uma alteração interna a nível de neurotransmissores que ocasiona um distúrbio psicótico. As principais são:

- Esquizofrenia – são processos mórbidos de causa ainda desconhecida, considerados como os mais comuns dos distúrbios psicopatológicos, caracterizados pela distorção do senso de realidade — frequentemente, alucinações e ideias delirantes. Os principais tipos são assim classificados: simples (apático, regressivo), hebefrênio (frívolo, infantil, isolado), catatônico (mundo, estoporoso, bizarro, excitado, delirante, paranoide (perseguido).
- Psicose afetiva (psicose maníaco-depressiva) – constitui um grupo de “doenças afetivas principais” caracterizado por distúrbios severos de humor. Ocorre uma excitação ou uma depressão muito além da normal, com variação das mudanças de humor. Existem os tipos: maníaco, depressivo e circular.
- Epilepsias – são alterações psíquicas com manifestações ocasionais, súbitas e rápidas, principalmente convulsões e distúrbios da consciência, que estão classificadas em: centro encefálicas, que se dividem em grande mal, e focais, que se dividem em frontal, parietal, occipital e temporal, e síndrome de West. As epilepsias ocasionam as seguintes alterações: aura epilética, alterações do caráter, demência, estado crepuscular e disforia.

Psicoses exógenas

São as psicoses de causas externas. O agente causal dessa psicose está no meio ambiente, entra no indivíduo e desenvolve-se. As principais são:

- Tóxicas – álcool, cocaína, heroína, anfetaminas, LSD, chumbo, mercúrio, gás carbônico, ópio, morfina.
- Infecciosas – febre tifoide, meningite, encefalite, infecção generalizada, meningo-encefalite, etc.
- Traumáticas – traumatismo crânio-encefálicos (pancada, queda, fratura do osso do crânio, tumor do cérebro, aneurisma, acidente vascular-cerebral, anoxia, cicatriz cirúrgico-cerebral).
- Organocerebral – processos degenerativos do sistema nervoso central - Arteriosclerose cerebral, doenças senis, pré-senis.

Psicoses psicógenas

São as psicoses de causas psicológicas, que provocam uma reação vivencial anormal.

3 – DISPOSIÇÕES PSÍQUICAS ANORMAIS

Inúmeras pessoas apresentam alterações na sua personalidade, que variam desde os problemas que as mesmas têm em sua vida de relação — provocados por dificuldades sociais e stress do nosso tempo — até as chamadas doenças de caráter.

Variação do existir humano

Entre as disposições psíquicas anormais, está a variação do existir humano. Existe um comportamento anormal, mas não é suficientemente anormal para ser patológico. Não é considerado como um processo mórbido. São alterações de personalidade que não passam de uma manifestação de sérios desequilíbrios sociais. São perturbações da interação social ou cultural em situações específicas de relacionamento. O indivíduo apresenta discretas variações como se relacionar com o meio. Ele oferece uma resistência quanto à adoção e ao cumprimento de normas. “Algumas alterações de caráter, tais como o passivo-dependente, o passivo-agressivo e o antissocial, podem ser devidas não somente a tensões familiares, como também a problemas sociais amplos durante os anos de desenvolvimento do paciente ou durante sua vida atual”.

Personalidade propriamente mórbida

São alterações da personalidade provocadas por determinados processos orgânicos. Demência por processos orgânicos cerebrais Existem alguns fatores responsáveis por esse tipo de demência: tumor cerebral, alcoolismo, esclerose múltipla, paralisia progressiva cerebral, etc. Demência epiléptica As pessoas com demência epiléptica apresentam uma lentidão nos processos psíquicos, tais como: perceber, raciocinar, pensar, etc. Elas perdem a espontaneidade, diminuem suas atividades e manifestam um descontrole nos seus impulsos, tornando-se pegajosas, vazio-afetivas, arrogantes, pedantes. Demência esquizofrênica A demência esquizofrênica é o resultado da cronificação da epilepsia. Existem vários graus. O que caracteriza é a limitação da compreensão, podendo chegar a uma

total limitação da compreensão. A pessoa com essa demência apresenta um embotamento afetivo e uma falta de unidade do pensamento, do sentimento e da vontade.

Personalidades anormais propriamente ditas

São alterações caracterológicas, ou seja, são manifestações de certas anomalias na personalidade. Transtorno de personalidade com instabilidade emocional Transtorno de personalidade caracterizado por tendência nítida a agir de modo imprevisível sem consideração pelas consequências; humor imprevisível e caprichoso; tendência a acessos de cólera e uma incapacidade de controlar os comportamentos impulsivos; tendência a adotar um comportamento briguento e a entrar em conflito com os outros, particularmente quando os atos impulsivos são contrariados ou censurados. Dois tipos podem ser distintos: o tipo impulsivo, caracterizado principalmente por uma instabilidade emocional e falta de controle dos impulsos; e o tipo “borderline”, caracterizado, além disso, por perturbações da autoimagem, do estabelecimento de projetos e das preferências pessoais, por uma sensação crônica de vacuidade, por relações interpessoais intensas e instáveis e por uma tendência a adotar um comportamento autodestrutivo, compreendendo tentativas de suicídio e gestos suicidas.

4 – CARÁTER ANTISSOCIAL PERSONALIDADE PSICOPÁTICA

As pessoas que apresentam essas alterações são caracterizadas por atos sem controle e não bloqueados. Possuem defeitos na construção do caráter (personalidade). Possuem, em geral, uma frieza, encobrendo uma afetividade maciça. “A angústia não pode emergir, pois ela é terrificante, será evitada a qualquer preço: esse é o sentido do ato psicopático”. Elas não possuem culpa, nem conflito interno. Não conseguem elaborar a situação diante da emergência da pulsão. Sua relação com o objeto é de incorporação ou de destruição. “Se eu não posso obtê-lo, é porque ele é mau e eu vou destruí-lo”. São, em geral, criminosos natos, que possuem uma frieza calculista. Defendem uma causa única para latrocidade. Usam a sedução. São altamente sedutoras, aparentemente pacifistas. Confundem fantasias e realidade, recusam qualquer frustração do desejo. São empurradas para uma supercompensação narcisista perpétua, na qual ele vive sua neurótica e perversa existência. Existem formas diferentes de as condutas psicopáticas serem encaradas.

Os franceses descrevem quatro tipos: ciclotímicos, paranoicos, mitomaníacos e perversos (perversão sexual). Kurt Schneider apresenta dez tipos: hipertímicos, depressivos, inquietos, fanáticos, os que têm necessidades de valorizarem-se, instáveis, apáticos, abúlicos e astênicos. Os americanos destacam geralmente três tipos: psicopatas com sexualidade patológica, com emotividade patológica, com tendências amorais e associas.

5 – DISTÚRBIOS SEXUAIS

Os distúrbios sexuais — segundo o DSM-5 (o mais novo “Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais”), usado por psiquiatras e psicólogos para diagnosticar as doenças psíquicas — têm a nomenclatura de Transtornos Sexuais e da Identidade de gênero e são classificados em três categorias: a disfunção sexual, as Disforias de gênero e as Parafilias (perversão sexual)

A disfunção sexual

O DSM-5 traz a seguinte classificação para a disfunção sexual: • Transtorno Erétil Masculino • Transtornos Orgásmicos • Transtorno Orgásmico Feminino • Transtorno Orgásmico Masculino • Ejaculação Precoce • Transtornos de dor Sexual • Dispareunia • Vaginismo • Disfunção Sexual Devido a uma Condição Médica Geral • Disfunção Sexual Induzida por Substância

A disfunção sexual é caracterizada por uma perturbação clinicamente significativa, influenciando na capacidade de uma pessoa responder sexualmente ou de experimentar prazer sexual. Uma pessoa pode ter uma ou mais disfunções sexuais. Devido à relevância desse assunto, voltaremos a discuti-lo no capítulo que abordamos sobre “Tratando com problemas relacionados à sexualidade”.

Disforia de gênero

Disforia de gênero é uma condição em que a pessoa sente que sua identidade de gênero é uma incompatibilidade com seu sexo biológico real.

De acordo com o DSM-IV, o desejo de pertencer ao sexo oposto “ultrapassa um desejo para uma vantagem percebida cultural.” Crianças entre as idades de três e quatro anos normalmente desenvolvem a identidade de gênero. Os sintomas da disforia de gênero podem iniciar-se nessa fase da vida, levando a criança a ter alguns comportamentos contrários à sua identidade sexual.

Como identificar a Disforia de gênero em uma criança, MATOS mostra algumas características comuns que uma criança com disforia de gênero apresenta: • Insistindo que eles pertencem a outro sexo. • Chamando-se por um nome apropriado para o sexo oposto e tentar passar como um filho do sexo oposto. • Persistentes fantasias de ser o outro sexo. • Preferência por cross-dressing ou sexo oposto funções no jogo. • Forte preferência por companheiros do sexo oposto. • Não gostar ou se recusar a urinar de acordo com as normas sexuais. • Intenso desejo de participar em jogos estereotipados, atividades e passatempos do sexo oposto. • Perigo nas alterações sexuais secundários durante a puberdade. • Isolamento e rejeição dos pares e rejeição de interações sociais. Matos ainda destaca que os meninos com disforia de gênero detestam seu pênis ou testículos e desejam que seus órgãos genitais desapareçam. Eles também não gostam de brinquedos masculinos, nem de jogos ásperos. Quanto às meninas, ele destaca que uma das características das disforias de gênero é elas recusarem urinar sentadas e recusarem o crescimento dos seios e menstruarem. Elas têm uma antipatia grave para o vestuário feminino. Matos destaca também que esses sintomas podem prosseguir até a idade adulta. Ele ressalta os seguintes sintomas em adolescentes e adultos: • Intenso desejo de ser o outro sexo. Fantasias de pertencer ao outro sexo e tenta adaptar-se a um grupo de sexo oposto. • Desejo de viver ou ser tratado como o outro sexo. • Atravessar o curativo com frequência passar como o outro sexo. • Sentir e reagir como o outro sexo. Isto pode ser real ou pode ser uma percepção do indivíduo com disforia de gênero. • Contínuo de desconforto com seu sexo biológico ou sentimento de inadequação no papel de determinado gênero. Crença de que eles nasceram como o sexo errado. • Preocupação com a livrar-se das características de sexo primário e secundário, como seios, pelos faciais e definição muscular.

Matos destaca ainda que disforia de gênero não é o mesmo que homossexualidade. Uma pessoa pode apresentar os sintomas e não aceitar contatos sexuais com pessoas do mesmo sexo. Pessoas com disforia de gênero vivem um conflito existencial, sofrem de angústia, têm um autoconceito negativo e uma autoestima baixa. Alguns desenvolvem um quadro depressivo, oriundo de um isolamento social, sendo muitas vezes vítimas de abuso sexual e preconceito social.

As Parafilias

As Parafilias, conhecidas antigamente por perversões sexuais, são atitudes sexuais diferentes daquelas permitidas pela sociedade. Geralmente, as pessoas com tais práticas não têm atividade sexual normal, ou seja, a sua preferência sexual “desviada” torna-se exclusiva.

Em geral, as perversões sexuais são mais comumente vistas em homens, e o tipo de parafilia mais comum é a pedofilia. Koch e Rosa, baseadas no DSM-5, trazem a seguinte classificação para as parafilias:

- Exibicionismo – É quando a pessoa mostra seus genitais a uma pessoa estranha, em geral em local público, e a reação desta pessoa a quem pegou de surpresa lhe desperta excitação e prazer sexual, mas geralmente não existe qualquer tentativa de uma atividade sexual com o estranho. As pessoas que abaixam as calças em sinal de protesto ou ataque a preceitos morais não são exibicionistas, pois não fazem isso com finalidade sexual.

- Fetichismo – É quando a preferência sexual da pessoa está voltada para objetos, tais como calcinhas, sutiãs, luvas ou sapatos, sendo que a pessoa utiliza tais objetos para se masturbar ou exige que a parceira sempre use o objeto em questão durante o ato sexual, caso contrário não conseguirá se excitar e realizar o ato sexual.

- Fetichismo transvéstico – É caracterizado pela utilização de roupas femininas por homens heterossexuais para se excitarem, se masturbarem ou realizarem o ato sexual, sendo que em situações não sexuais se vestem de forma normal. Quando passam a se vestir como mulheres a maior parte do tempo, pode haver um transtorno de gênero, tipo transexualismo por baixo dessa atitude. É importante ressaltar que o fetichismo transvéstico também só é diagnosticado como uma parafilia quando é feito de forma repetitiva e exclusiva para obter prazer sexual.

- Frotteurismo – É a atitude de um homem que para obter prazer sexual, necessita tocar e esfregar seu pênis em outra pessoa, completamente vestida, sem o consentimento dela, excitando-se e masturbando-se nessa ocasião. Isso ocorre mais comumente em locais onde há grande concentração de pessoas, como metrô, ônibus e outros meios de locomoção públicos.

- Pedofilia – Envolve pensamentos e fantasias eróticas repetitivas ou atividade sexual com crianças menores de 13 anos de idade. Está muito comumente associado a casos de incesto, ou seja, a maioria dos casos de pedofilia envolve pessoas da mesma família (pais/padrastos com os filhos e filhas). Em geral o ato pedofílico consiste em toques, carícias genitais e sexo oral, sendo a penetração menos

comum. Hoje em dia, com a expansão da internet, fotos de crianças têm sido divulgadas na rede, sendo que olhar essas fotos, de forma frequente e repetida, com finalidade de se excitar e masturbar-se consiste em pedofilia.

- Masoquismo e Sadismo Sexual – Existe masoquismo quando a pessoa tem necessidade de ser submetida a sofrimento, físico ou emocional, para obter prazer sexual, e o sadismo é quando a pessoa tem necessidade em infligir sofrimento (físico ou emocional) a um outro, e disso decorre excitação e prazer sexual. O mais comum ao se pensar em sadomasoquismo é associar o sofrimento a agressões físicas e torturas, mas o sofrimento psicológico também pode ser considerado forma de sadomasoquismo, e consiste na humilhação que se pode sentir ou impor. Atos sadomasoquistas só serão considerados parafilias quando forem repetitivos e exclusivos, sendo que quando eles ocorrem ocasionalmente, dentro de um relacionamento sexual normal, são apenas formas alternativas de prazer, e não uma perversão.
- Voyeurismo – É quando alguém precisa observar pessoas que não suspeitam estarem sendo observadas, quando elas estão se despindo, nuas ou no ato sexual, para obter excitação e prazer sexual.

Há, ainda, um grupo de parafilias que não cumprem os critérios de diagnóstico para uma classe específica, mas são consideradas comuns. As principais são:

- Satirismo – compulsão sexual masculina. Há uma insatisfação sexual no homem que o leva a buscar constantemente mais relações sexuais;
- Ninfomania – hipersexualidade é a disfunção em que a mulher sente uma vontade incontrolável de manter relações sexuais;
- Necrofilia – prazer no ato sexual com cadáveres;
- Zoofilia – prazer na prática sexual com animais;
- Clismafilia – prazer obtido com a utilização de enemas ou outros objetos inseridos no reto;
- Urolagnia – prazer causado pelo ato de urinar e pelo contato com a urina;
- Agorafilia – desejo de ter relações sexuais em lugares abertos ou ao ar livre (praças, vias públicas, etc.);
- Coprofilia – interesse psicopatológico por fezes de um modo geral, associado ao prazer sexual.
- Flatofilia – prazer erótico em escutar, cheirar e apreciar gases intestinais próprios e alheios.
- Menofilia – é uma prática sexual caracterizada pela excitação por mulheres menstruadas.
- Nanofilia – é a atração sexual invariável e doentia por anões.

- Pregnofilia ou maieusofilia – é uma prática que consiste em sentir excitação sexual com mulheres grávidas e/ou pela observação de partos.
- Gerontofilia – atração sexual por pessoas de idade avançada.

As parafilias são consideradas como doenças quando elas forem a única forma de sexualidade do indivíduo e quando este fracassou na busca por prazer sexual em outras formas de sexualidade.

6 – OUTROS TIPOS DE ALTERAÇÕES DO CARÁTER E TRANSTORNO NO COMPORTAMENTO HUMANO

Existe uma infinidade de alterações de caráter. Apresentamos abaixo algumas dessas alterações.

Caráter histérico

As pessoas que apresentam um caráter histérico preocupam-se com a sexualidade e tendem a ser emotivas, frequentemente irresponsáveis, bombásticas e teatrais. Sentem a necessidade de chamar a atenção e de parecer vivenciar mais do que são capazes (mentir-mitomania). Mulheres jovens que possuem essas alterações queixam-se frequentemente de uma dificuldade de relacionamento com os homens. Apresentam uma insatisfação consigo mesmas e com o mundo.

Caráter hipocondríaco

O que caracteriza o hipocondríaco é a preocupação excessiva com seu funcionamento. Geralmente, a pessoa passa a observar-se continuamente e perceber alterações, gerando variedades de padecimentos somáticos que não são palpáveis, mas fruto da reflexão. Existe no hipocondríaco um desejo inconsciente de adoecer.

Personalidade histriônica

Transtorno da personalidade caracterizado por uma afetividade superficial e lábil, dramatização, teatralidade, expressão exagerada das emoções, sugestibilidade, egocentrismo, autocomplacência, falta de consideração para com o outro, desejo permanente de ser apreciado e de constituir-se no objeto de atenção, além de tendência a sentir-se facilmente ferido.

Neurastênico

Caracterizado pela fraqueza excitável. Sensibilidade e excitabilidade extraordinárias.

Psicastênico

Caracterizado pela diminuição da energia psíquica, deixando o indivíduo psicicamente cansado.

Paranoide

Apresenta um quadro semelhante, de alguma forma, ao esquizofrênico.

Ciclotímico

Apresenta um quadro semelhante aos casos leves da doença manícodepressiva. Em alguns casos, assemelha-se ao Transtorno Bipolar, que é uma doença caracterizada pela alternância entre depressão e euforia.

O Transtorno Bipolar do Humor

Antigamente denominado de psicose maníaco-depressiva, é caracterizado por oscilações ou mudanças cíclicas de humor. Essas mudanças vão desde oscilações normais, como nos estados de alegria e tristeza, até mudanças patológicas acentuadas e diferentes do normal, como episódios de MANIA, HIPOMANIA, DEPRESSÃO e MISTOS. É uma doença de grande impacto na vida do paciente, de sua família e da sociedade, causando prejuízos frequentemente irreparáveis em vários setores da vida do indivíduo, como nas finanças, saúde, reputação, além do sofrimento psicológico. É relativamente comum, acometendo aproximadamente 8 a cada 100 indivíduos, manifestando-se igualmente em mulheres e homens.

D) DIFERENÇA ENTRE DISTÚRBIOS DA PERSONALIDADE E POSSESSÃO DEMONÍACA

O líder precisa conhecer melhor a si próprio e aos outros para alcançar êxito no seu trabalho. Se não formos capazes de entender nossas ações e o comportamento das outras pessoas, estaremos fadados ao fracasso.

Não é possível conhecermos o funcionamento de uma máquina sem saber alguma coisa acerca de sua estrutura e da inter-relação entre suas diferentes partes. O mesmo princípio aplica-se à compreensão da personalidade. Cada pessoa é um ser ímpar. Uma mesma circunstância, por força dessa condição singular, jamais se reflete de forma igual em cada indivíduo. Para entendermos uma pessoa, precisamos conhecer sua realidade de vida, suas vivências, suas crenças e os seus valores. Não podemos usar uma medida uniforme para “medir” as pessoas. Como já visto anteriormente, somos o resultado das disposições hereditárias, combinadas com as influências que adquirimos no ambiente em que fomos criados.

O que somos hoje é um reflexo desses fatores. Das impressões individuais retiradas desse meio, cria-se, então, cada indivíduo com suas características próprias. Conhecer nosso próprio temperamento é fundamental para compreender o outro. É também fator preponderante para um bom relacionamento e, conseqüentemente, para o sucesso no trabalho que nós, líderes cristãos, realizamos no ministério eclesiástico.

1- POR QUE COMPREENDER A PERSONALIDADE

A falta de conhecimento gera equívocos que podem gerar danos e prejuízos a nós mesmos e aos outros. Há, na igreja, uma grande tendência de generalizar-se os problemas psíquicos, principalmente as esquizofrenias, como sendo possessão demoníaca. Há até mesmo aqueles que acreditam que depressão, síndrome do pânico e sintomas como insônia são caracterizados por opressão e possessão demoníaca. Precisamos distinguir personalidade mórbida das possessões e atividades de demônios.

Para percebermos quando uma personalidade é mórbida, temos que entender a personalidade de um modo geral. Vamos recapitular alguns conceitos vistos anteriormente:

Compreendendo a personalidade

- Personalidade – definições de efeitos externos – enfoca apenas o aparente ou aspectos que causam a impressão em outras pessoas: “hábitos ou ação que conseguem influir em outras pessoas”. Definições de efeitos de estrutura interna: “a soma total de todas as disposições biológicas inatas, impulsos, tendências, apetites e instintos do indivíduo, bem como as disposições e tendências adquiridas por experiência”. Semblante externo de nós mesmos. “A personalidade é a organização dinâmica, no indivíduo, dos sistemas psicofísicos que determinam seu comportamento e seu pensamento característicos.”
- Caráter – o termo caráter vem do grego que significa gravar. É muitas vezes usado como sinônimo de personalidade. “É a marca de um homem — seu padrão de traços ou seu estilo de vida”. O temperamento “civilizado”.
- Caráter na visão bíblica – é o verdadeiro eu. A Bíblia chama-o de “a essência secreta do coração”. O fruto do temperamento burilado pela disciplina e educação recebidos na infância e pelos comportamentos básicos, crenças, princípios e motivações, denominado, às vezes, alma — é composta por cérebro, emoções e vontade.
- Temperamento – Segundo McDougall, é “uma soma de efeitos produzidos sobre a própria vida psíquica, pelo metabolismo ou mudanças químicas que se efetuam constantemente em todos os tecidos do próprio corpo”. Características com as quais nascemos. Combinação de características congênitas herdadas de nossos pais e avós e coordenadas com base na nacionalidade, raça, sexo e outros fatores hereditários. Tim LaHaye (2004) diz que o temperamento pode ser modificado: Sim, o temperamento pode ser modificado! Isso é claramente perceptível na segunda carta aos Coríntios 5.17 onde Paulo diz: “Assim, se alguém está em Cristo, ele é uma nova criatura; passou o que era antigo e apareceu o que é novo”. Uma vez que o temperamento é a nossa “natureza antiga”, o que o homem necessita é de uma “natureza nova”. Essa “natureza nova” é transmitida ao homem quando ele aceita Jesus Cristo em sua vida. O mesmo autor acrescenta: Pedro, que experimentou grande e dolorosa mudança de temperamento ao longo de sua conversão, escreve em sua segunda carta 1.4: “vos torneis coparticipantes da natureza divina, livrando-vos da corrupção das paixões que há no mundo.” Há indivíduos autocontrolados, mas que não curaram boa parte de suas fraquezas, por não estarem em Cristo Jesus, pois Satanás conhece nossas fraquezas de temperamento e se aproveita delas para nos derrotar. Mesmo um psicólogo teve de admitir que só Jesus transforma um temperamento fraco e

depravado em um espírito poderoso em Jesus Cristo. Infelizmente, muitos cristãos não alcançaram a completa transformação porque não se mantiveram em uma relação permanente com Jesus Cristo (Jo 15.1-14). A plenitude do Espírito Santo não é apenas ordenada a todo cristão: “E não vos embriagueis com vinho, em que há devassidão, mas enchei-vos do Espírito” (Ef 5.18), mas se evidencia no controle da natureza humana pelo Santo Espírito de maneira tal que o cristão viva a vida de Cristo. O autoconhecimento é o caminho possível para o equilíbrio, o domínio e o controle dos pensamentos, emoções e nossas vontades, e, principalmente, para saber lidar com as frustrações. O conhecimento de si mesmo pode ser feito com ou sem ajuda profissional. É bem verdade que é humanamente impossível alguém conseguir ter um controle absoluto das emoções. No entanto, é viável ter domínio sobre muitas delas. O ensinamento bíblico para mantermos o equilíbrio emocional é ter a capacidade de autodisciplina ou DOMÍNIO PRÓPRIO; é permitirmos que, em nossas vidas, seja produzido o fruto do Espírito: “[...] amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei” (Gl 5.22,23 – ARA).

Quando a personalidade torna-se doente

Uma personalidade é considerada mórbida quando ocorrem alterações caracterizadas por padrões de percepção, de reação e de relação que são relativamente fixos, inflexíveis, não aceitas socialmente, incluindo uma variedade de situações. As pessoas com alterações da personalidade são geralmente rígidas e sentem dificuldade de adaptarem-se à realidade. São pessoas propensas a ter problemas nas suas relações sociais e interpessoais e também no trabalho.

A Psicopatologia Clínica caracteriza-se principalmente pelos seguintes sintomas: ansiedade, depressão, pesar, ideação paranoide, delírios, alucinações e alterações do pensamento. Geralmente, as pessoas normais possuem os quatro primeiros em algumas ocasiões, de forma leve. Os neuróticos apresentam-nos de maneira severa, e os psicóticos apresentam as demais alterações.

2 – COMO DISTINGUIR UM DISTÚRBIO MENTAL DE UMA POSSESSÃO DEMONÍACA

Há uma corrente de teóricos cristãos que desconsidera os problemas emocionais, interpretando-os como problemas espirituais. Jay Adams, fundador da Associação Nacional de Conselheiros Noutéticos,

considera que a raiz de todos os problemas humanos reside no pecado. Para ele, as doenças e os sofrimentos sinalizam uma vida de rebeldia, sendo consequência do afastamento de Deus. A cura resume-se na obediência aos preceitos bíblicos, que são entendidos a partir de uma moralidade fundamentalista. Adams desconsidera a existência dos problemas emocionais. Para ele, existem apenas três fontes que dão origem aos problemas humanos: doenças físicas, pecados e atividades de demônios.

Algumas pessoas, buscando fundamentar a ideia de que as doenças mentais são oriundas de atividades demoníacas, interpretam erroneamente os textos bíblicos, citando exemplos como os textos de Mateus 4.24 e 17.15 que falam da cura de um epilético. A moléstia da qual sofria o jovem não era um simples desarranjo mental ou demência e nem a doença crônica do sistema nervoso central chamada, hoje em dia, epilepsia, mas, sim, uma possessão demoníaca.

Discernimento espiritual

O melhor caminho para distinguir um distúrbio mental de uma possessão demoníaca é a capacidade ou o dom do discernimento. Sabemos que o discernimento é uma habilidade ou capacidade dada por Deus de reconhecermos a ação dos espíritos que estão por trás de diferentes manifestações ou atividades. A falta desse dom tem levado algumas pessoas a confundirem um problema comum como uma abstinência de álcool ou drogas com uma possessão demoníaca, assim como tem levado outros a achar que uma possessão demoníaca trata-se de um distúrbio mental como a esquizofrenia.

As evidências

Outra forma de distinguir um distúrbio mental de uma possessão demoníaca é observar as evidências e os fatos. É importante conhecer a história da pessoa, se ela tem envolvimento com práticas esotéricas, ou participa de cultos em que se faz algum tipo de pacto demoníaco.

Certa vez, participando de uma escola bíblica, fui chamado para orar por uma pessoa que diziam estar “possessa”. O irmão do rapaz que estava em crise listou os obreiros e pessoas que haviam passado por ali e orado sem êxito pelo seu irmão. Ao ver o estado do rapaz, que se contorcia no chão e dava berros estrondosos, perguntei desde quando ele estava naquele estado. Seu irmão relatou que aproximadamente há uns oito dias. Perguntei também como era a vida do rapaz antes dos sintomas da crise. É importante traçarmos um divisor de águas entre o antes e o depois. Saber quando ocorreram os

primeiros sintomas, como era a vida da pessoa e se houve alguma mudança significativa antes de o problema surgir. Seu irmão relatou que isso estava ocorrendo desde o dia em que o rapaz aceitou a Cristo e que era o Diabo que não queria que ele servisse a Deus. Estranhei o fato de que ele nunca tivera essa crise antes. Como isso veio surgir exatamente depois que ele aceitou a Jesus? Sendo assim, perguntei se ele praticava esoterismo ou se estava envolvido com ocultismo, satanismo ou algo semelhante, e a resposta foi negativa. Ora, se ele nunca tivera essas crises antes de aceitar a Jesus e nem estava envolvido com o espiritismo — considerando que Cristo liberta o homem da escravidão do pecado — logo, dificilmente ele tinha uma possessão. Perguntei, então, como era a vida desse rapaz antes de aceitar a Jesus. Foi daí que descobri que ele era viciado em drogas e álcool e que tinha largado o vício assim que aceitara a Jesus. Imediatamente concluí, pelas evidências e sintomas apresentados, que aquele rapaz estava tendo uma crise de abstinência e precisava ser imediatamente levado a um hospital para ser desintoxicado.

Os sintomas

Outro aspecto importante na distinção entre um distúrbio mental de uma possessão demoníaca são os sintomas apresentados. Há muita semelhança entre um surto psicótico e uma possessão demoníaca. Porém, uma pessoa em crise, ao ser medicada, reage ao efeito do medicamento. O mesmo não ocorre com uma pessoa possesada. Há distúrbios que causam alteração da personalidade. Um tumor cerebral, por exemplo, pode manifestar-se através de várias mudanças de personalidade, como a intensificação de certos comportamentos ou excentricidades preexistentes.

Uma pessoa relatou que sua filha de quatro anos estava apresentando um comportamento agressivo. A criança acordava à noite gritando, xingando os pais, debatendo-se na cama, contorcendo-se. Antes, ela era dócil, muito calma e tranquila, mas agora demonstrava agitação e impaciência. O pai mencionou que um grupo do círculo de oração vinha orando e jejuando, pois a garota estava possesada de demônios. Esse grupo havia feito uma varredura na casa, jogando fora ursos de pelúcia e brinquedos da criança, alegando ser esse o motivo da possessão. Procurei investigar o histórico familiar desde quando surgiram os primeiros sintomas e as providências que os pais haviam tomado, além de o pai ter convidado as irmãs do círculo de oração para orar. Detectei que não havia motivos palpáveis para que aquela criança estivesse possesada. Aconselhei aos pais que procurassem um neurologista e um psicólogo

para que a menina tivesse uma avaliação desses profissionais. Algumas semanas depois, tomei conhecimento que, após um exame neurológico, foi detectado um tumor maligno. A criança foi submetida a uma cirurgia, mas infelizmente não resistiu. Talvez, um exame precoce pudesse ter salvado aquela vida. Precisamos ter cuidado para não espiritualizarmos os problemas psíquicos, demonizando todo e qualquer problema mental.

De igual modo, temos que ter discernimento para não interpretarmos uma possessão demoníaca como sendo um problema mental.

Como líderes, precisamos buscar conhecimento e orientação de Deus para ajudarmos as pessoas enfermas e também aquelas que precisam de libertação.

CAPÍTULO IV

O PROCESSO E VALORIZAÇÃO DAS RELAÇÕES HUMANAS

O ser humano necessita de um relacionamento contínuo com seus semelhantes. Fomos criados por Deus como seres gregários. Ninguém nasceu para viver isoladamente como numa ilha, mas, sim, para conviver com outras pessoas. Ao criar o homem, o próprio Deus falou: “Não é bom que o homem esteja só” (Gn 2.18). Eclesiastes mostra a importância das relações humanas e o valor significativo que o outro pode ter em nossas vidas: “Melhor é serem dois do que um, porque têm melhor paga do seu trabalho. Porque, se um cair, o outro levanta o seu companheiro; mas ai do que estiver só; pois, caindo, não haverá outro que o levante. Também se dois dormirem juntos, eles se aquestrarão; mas um só como se aquestrará? E, se alguém quiser prevalecer contra um, os dois lhe resistirão; e o cordão de três dobras não se quebra tão depressa” (Ec 4.9-12).

Olhando a nossa volta e considerando os fatos que ocorrem todos os dias, é possível perceber que, em todas as situações que nos são familiares, estão envolvidos comportamentos que revelam a forma peculiar de cada pessoa e o modo como cada um age. Hoje, mais do que nunca, há um grande interesse pelo estudo do comportamento humano. As pessoas têm buscado cada vez mais informações sobre o assunto. Anteriormente, estudava-se mais acerca de situações atípicas do comportamento como as neuroses, as psicoses, as esquizofrenias, as debilidades mentais, os gênios e os desvios de

conduta de um modo geral. Com o passar do tempo, descobriu-se a importância de conhecermos melhor o comportamento humano para o desenvolvimento das relações humanas, principalmente nas organizações. Quando o relacionamento é harmonioso, contributivo, espontâneo, gera-se satisfação e progresso. Se, no entanto, este é conflituoso, surgem os obstáculos aos desenvolvimentos das atividades, gerando barreiras no alcance dos objetivos propostos.

A) ENTENDIMENTO SOBRE RELAÇÕES HUMANAS E CORRELAÇÕES

1 – DEFININDO RELAÇÕES HUMANAS

O termo relações humanas é muito abrangente, exigindo, assim, um estudo profundo do tema. Tentaremos abordar o assunto de forma não acadêmica, mas, na prática, com o intuito de tornar a assimilação bem mais simples, mais rápida e mais acessível a qualquer pessoa.

O que significa relações humanas

Relações Humanas é a arte do relacionamento humano, que surge quando dois ou mais indivíduos encontram-se. É a ponte que liga um indivíduo a outro, um indivíduo a grupos e também os grupos entre si. As ciências das Relações Humanas estudam a convivência, a comunicação e a capacidade que o indivíduo tem de aproximar-se das pessoas. Há, pelo menos, dois tipos de relações humanas: relações interpessoais e relações intrapessoais. As relações interpessoais tratam do relacionamento entre pessoas, caracterizada através dos fatos ou dos acontecimentos que se verificam no lar, na escola, nas organizações, na igreja e assim sucessivamente. Já as relações intrapessoais tratam da comunicação que mantemos conosco mesmo. É o diálogo interior. Por exemplo: a oração, a meditação, a conversa consigo mesmo, etc. Como o nosso objetivo neste capítulo está mais voltado para a gestão de pessoas, deixaremos de lado as relações intrapessoais e deter-nos-emos nas relações interpessoais.

Teoria das Relações Humanas

Sempre houve um interesse eminente pelo estudo do homem e suas relações com o meio social em que ele vive. O tema, no entanto, tornou-se mais enfático a partir das pesquisas realizadas por Elton

Mayo em Empresas norte-americanas, dando origem à Teoria das Relações Humanas. Um dos estudos mais significativos ocorreu numa fábrica da Western Electric Company em Hawthorne (próximo de Chicago), entre 1924 e 1932, localidade que veio a dar o nome ao estudo: Experiências de Hawthorne. A experiência de Elton Mayo teve como objetivo inicial determinar como as mudanças nas condições de remuneração e de trabalho (iluminação, temperatura, períodos de descanso, acidentes de trabalho, fadiga, rotação do pessoal, etc.) influenciavam as pessoas e a sua produtividade do trabalho. Para isso, ele propôs uma subdivisão de uma oficina de rebobinagem em duas partes: numa, foram efetuadas alterações nos horários, no nível de luminosidade, nos tempos de descanso, etc., enquanto que a outra foi mantida como grupo de controle. Os resultados da pesquisa foram patentes. Observou-se que a produtividade aumentava com a melhoria das condições de trabalho. A grande surpresa ocorreu quando os investigadores observaram que a produtividade também aumentava quando as condições de trabalho eram deterioradas. Baseado nesses resultados, Elton Mayo concluiu que a criação de laços entre os operários que se sentiam observados por uma administração preocupada com o seu bem-estar eram muito mais importantes para o aumento da produtividade do que as simples condições físicas e materiais de trabalho.

2 – O COMPORTAMENTO HUMANO

Entender o comportamento humano tem sido um grande desafio. Durante a vida, o ser humano passa por experiências que marcam profundamente sua história de vida, quer na infância, na adolescência e até mesmo na fase adulta. Assim, somos o resultado das características inatas e das experiências vividas. É por isso que se torna complexo entender o comportamento das pessoas, pois somos individualmente diferentes e não existe uma forma única de analisarmos as pessoas.

Além da complexidade do ser humano, temos que considerar também o atual momento de vida que atravessamos. Cada vez mais, o mundo torna-se individualista, e os valores pessoais estão sendo deixados para trás. Analisar o comportamento sem considerar essas mudanças sociais seria um grande erro. Há vários fatores que podem influenciar o comportamento humano.

Apresentamos, a seguir, pelo menos cinco desses fatores, que são: fatores antropológicos e culturais; fatores socioeconômicos; fatores biológicos ou fisiológicos; fatores ambientais e fatores psicológicos.

Fatores Antropológicos e Culturais

Os fatores antropológicos e culturais estão relacionados à questão da cultura de um povo ou grupo social. As pessoas comportam-se de acordo com a sua cultura. A cultura é a maneira de viver de um povo. Ela engloba tudo o que um povo aprende, produz e adota como hábitos de vida, como sua língua, sua história, suas obras de arte, seus costumes de alimentação e suas tradições religiosas. Para entendermos o porquê de determinados comportamentos, temos que conhecer a origem da pessoa e a influência cultural que recebeu. Uma pessoa que tem origem europeia, embora tenha nascido no Brasil, pode ter um comportamento completamente diferente de uma pessoa que nasceu no nordeste do Brasil e assim sucessivamente.

Fatores Socioeconômicos

Outra questão que deve ser considerada é a condição socioeconômica que a pessoa vive. As pessoas comportam-se de acordo com sua posição social. Pessoas que moram em locais mais pobres ou ricos têm, em geral, características mais semelhantes entre si.

Fatores Biológicos ou Fisiológicos

As questões fisiológicas também influenciam no comportamento das pessoas. Uma mulher grávida, por exemplo, sofre uma alteração hormonal que afeta o seu comportamento. Pessoas que sofreram algum tipo de lesão ou AVC passam posteriormente a agir de maneira diferente de como se comportavam antes do problema. A maioria passa a agir de modo mais contemplativo, harmonioso, tolerante, etc.

Fatores Ambientais

Os fatores ambientais têm a ver com o local onde as pessoas moram, trabalham, vivem. Estudos comprovam que pessoas que vivem em lugares frios ou com pouca incidência de luz tendem a ter um comportamento sóbrio, depressivo e individualista, enquanto que aquelas que vivem em lugares com muito sol tendem a agir de modo mais alegre, receptivo e espontâneo.

Fatores Psicológicos

Os fatores psicológicos são, talvez, os aspectos que mais influenciam o comportamento humano, pois estão relacionados ao estado emocional ou, então, ao modo como as pessoas foram criadas e tratadas desde a infância até o momento atual. As pessoas exprimem suas emoções com expressões faciais, gestos e ações. Geralmente, pessoas com certo treino são capazes de reconhecer as emoções experimentadas por outros indivíduos simplesmente observando-os. Quando uma pessoa, por exemplo, está muito enraivecida, ou com muito medo, ou alegre, podemos reconhecer essas emoções em sua maneira de comportar-se. Devemos, no entanto, observar os padrões de comportamento que distinguem uma emoção da outra.

3 – A INFLUÊNCIA DA PERSONALIDADE NAS RELAÇÕES HUMANAS

De acordo com a Psicologia, o homem começa a ser pessoa quando é capaz de relacionar-se com os outros, quando se torna capaz de dar e receber e deixa o egocentrismo de lado. Deus criou o homem com a capacidade para estabelecer numerosas pontes de relacionamento interpessoal, mesmo que, desde o início, o pecado tenha influenciado nos conflitos interpessoais. No primeiro conflito registrado na Bíblia, vemos um homicídio. Caim matou Abel, seu irmão, por ter inveja deste.

A complexidade das relações interpessoais

O processo de socialização é algo progressivo e contínuo, que começa muito cedo na vida do ser humano. Assim que a criança nasce, ela passa a receber influência do meio externo. A família é o primeiro grupo social com o qual a criança tem contato. A escola vem em seguida, sendo recebida muitas vezes com insegurança e medo, por representar um mundo até então desconhecido. A dificuldade de adaptação do indivíduo aos novos meios sociais muitas vezes dá-se devido aos choques de valores entre as famílias e as demais instituições. A forma como percebemos o mundo que nos rodeia, a aceitação do outro e a flexibilidade em relação ao diferente são fatores de grande importância nas relações interpessoais. Para que haja um inter-relacionamento, são necessários e imprescindíveis dois elementos: o “Eu” e o “Outro”. Segundo Powell e Brady (1995), a comunicação entre dois seres humanos é reconhecidamente difícil.

Quando nos comunicamos, partilhamos alguma coisa, tornando essa coisa posse comum. Apesar da complexidade do comportamento humano, há algo em comum em todas as pessoas: a capacidade de relacionar-se de forma consciente e voluntária uns com os outros, não havendo, assim, processos unilaterais na interação humana.

A Convivência entre as pessoas

Conviver ou “viver com” é a capacidade de partilhar a vida, as atividades com os outros. A convivência é formativa, pois ajuda no processo de reflexão, interiorização pessoal e autorregulação do indivíduo. Minicucci (1995) mostra que, quando convivemos com as pessoas, formamos conceitos delas, e elas, por sua vez, formam conceitos nossos: Pelo fato de vivermos em sociedade, oferecemos aos outros uma imagem de nós mesmos, assim como formamos conceito sobre cada uma das pessoas que conhecemos, ou seja, cada um de nós tem um conceito das pessoas que conhece e cada uma delas tem um conceito de nós. Assim como depositamos em cada pessoa conhecida um capital de estima maior ou menor, temos com ela também a nossa cota, de acordo com o nosso desempenho pessoal e social. A capacidade de conviver harmoniosamente com o outro é considerada pelos estudiosos do comportamento como um dos principais sinais de maturidade psíquica. Minicucci (1995) mostra a opinião de Fritzen — grande teórico do comportamento humano — sobre a socialização do indivíduo: De acordo com Fritzen (1998), a sociabilidade e a socialidade são as duas formas básicas de estabelecer relação com o meio. A sociabilidade faz parte da natureza humana: é a necessidade de comunicação ativa e passiva que se manifesta no indivíduo desde o seu nascimento. A socialidade vai depender das circunstâncias, do ambiente, no nível de participação da pessoa em nível social. Existem pessoas mais abertas e extrovertidas, que comunicam com facilidade suas impressões e estão sempre dispostas a receber as mensagens dos outros. São as pessoas que consideramos comunicativas e sociáveis. Segundo Minicucci (1995), Fritzen reconhecia a influência da personalidade no processo de comunicação entre as pessoas.

As diferenças entre as pessoas devem ser consideradas para que haja um bom relacionamento: Outras pessoas são mais tímidas e introvertidas, propensas a reações de fechamento e de reserva, que sentem dificuldades na comunicação e podem mostrar-se inseguros até mesmo diante de suas próprias possibilidades. Há pessoas mais seletivas, que sentem dificuldade de extrapolar o círculo familiar,

restringindo suas relações a pessoas próximas e em número reduzido; assim como existem pessoas que manifestam características de dominação, que gostam de impor sua vontade aos demais.

Os estados de ego

Nossas atitudes para com o outro estão relacionadas ao nosso estado de ego. De acordo com a Análise Transacional, existem três estados de ego pelos quais agimos: o Estado de Ego Pai, o Estado de Ego Adulto e o Estado de Ego Criança. Estamos sempre agindo através desses três estágios:

- Estado de Ego Pai – Exteropsiquê (formada a partir da influência de pais e familiares)
- Estado de Ego Adulto – Neopsiquê (aquisição de informações, contato objetivo com a realidade)
- Estado de Ego Criança – Arqueopsiquê (processos fisiológicos, experiências desde o nascimento, pensamento mágico, emoções, adaptações).

O Estado de Ego Pai é o reservatório de normas e valores, de conceitos e modelos de conduta, surge no indivíduo por volta dos 3 anos de idade e suas principais fontes são os pais, (ou substitutos) e outros familiares e pessoas que convivam com a criança e tenham uma figura de autoridade e importância na vida dela. Está sujeito a influências culturais e impõe à pessoa ações, regras e programas de conduta.

O Estado de Ego Adulto é a parte da personalidade do indivíduo que recebe informações de fora para dentro, as analisa, as compara e toma decisões baseado no seu banco de dados. É a parte racional do ser humano, que adquire conceitos pensados da vida desprovidos de influências sentimentais. Seria segundo Kertész, o hemisfério esquerdo do cérebro, nos destros. Sua função básica é trabalhar, estudar e operar.

O Estado de Ego Criança surge logo que se nasce. É o primeiro Estado de Ego a emergir no ser humano e representa as emoções básicas como alegria, amor, prazer, tristeza, raiva e medo. Esta é a parte mais autêntica do ser humano e também a mais reprimida pela educação. Segundo Kertész (1977) representada pelo hemisfério direito do cérebro dos destros, hemisfério esse que processa os sonhos, as imagens, estimulado quando se usa a criatividade e a arte.

É preciso que haja um equilíbrio na forma como agimos. Uma pessoa imatura age constantemente pelo seu estado de ego criança, faz birra e fica ressentida com tudo. Quem, porém, age

com maturidade usa a sabedoria (Pv 14.1; 15.2); reconhece as virtudes do outro (Pv 18.22; 31.10-31); fala a seu tempo (Pv 15.23); e anda no temor do Senhor (Pv 31.30; Sl 128).

Alcançando a maturidade emocional

A maturidade é caracterizada pela capacidade de tornarmo-nos mais competentes para lidar com as dificuldades da vida. Uma pessoa madura desenvolve uma boa tolerância às inevitáveis frustrações e contrariedades a que todos nós estamos sujeitos. Para adquirirmos a maturidade, precisamos de decisão, de posicionamento, de ação. Temos de ter consciência dos nossos atos e desejarmos mudar de atitude. Trata-se de deixar de agir de forma infantil e assumir um comportamento de adulto. O apóstolo Paulo escreveu: “Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, discorria como menino, mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino” (1 Co 13.11).

Existem algumas características que demonstram se a pessoa é ou não é madura:

- a) Resiliência: Uma pessoa madura torna-se resiliente. A resiliência é um aspecto psicológico, definido como a capacidade que o indivíduo possui para lidar com os problemas, superar obstáculos ou resistir à pressão de situações. É a capacidade de absorver os golpes e, mais ou menos rapidamente, livrar-se da tristeza ou do ressentimento que possa ter sido causado por aquilo que o contrariou.
- b) Flexibilidade: A maturidade leva-nos a sermos flexíveis e encararmos com tranquilidade as próprias limitações, aceitando a opinião do outro e as decisões tomadas por um grupo, mesmo que sejam contrárias as suas. Uma pessoa madura está aberta para as mudanças.
- c) Altruísmo: Ser maduro emocionalmente é ser altruísta, voltado não apenas para si mesmo, mas também para os outros, buscando oportunidades de servir e ajudar. O profeta Isaías escreveu: “Um ao outro ajudou e ao seu companheiro disse: esforça-te” (Is 41.6). Somente ajudaremos nossos companheiros se tivermos maturidade suficiente.
- d) Sabedoria: A maturidade exige sabedoria para lidarmos com as situações da vida. Precisamos ter sabedoria para tomarmos decisões, para decidirmos problemas, para darmos uma palavra de conforto e para darmos uma resposta sábia.

B) A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES COM O PRÓXIMO

A Bíblia mostra a importância de cultivarmos e conservarmos boas amizades: “Em todo o tempo ama o amigo; e na angústia nasce o irmão” (Pv 17.17). Por que será que nem todas as pessoas conseguem relacionar-se bem com os outros? Um bom relacionamento baseia-se na confiança e no respeito mútuo. Relacionar-se com outras pessoas é um dos maiores desafios. Cada pessoa tem sua maneira de ser, e as diferenças fazem com que cada um se torne único. A vida em sociedade implica em conviver e interagir com os outros. Isso leva-nos a aprender a conhecer a nós mesmos e também conhecer os outros, a fim de que as relações humanas tornem-se progressivamente ricas, maduras e positivas, resultando numa interação adequada. As relações humanas, termo frequentemente usado para referir-se a Relações Interpessoais, podem ocorrer entre indivíduos (marido e mulher, professor e aluno, pastor e igreja e colegas de ministério, etc.), entre um grupo com outro e nas relações que os membros de um grupo mantêm entre si tanto nos grupos informais (professores e alunos, empregados de uma empresa, etc.) quanto nos grupos formais: famílias, amigos.

Do ponto de vista teórico as relações humanas resultam da mútua interação interindividual e coletiva, esta interação gera uma dinâmica que é uma área das ciências sociais, em particular da sociologia e da psicologia, chamada de dinâmica de grupos, esta procura aplicar métodos científicos ao estudo dos fenômenos grupais. Do ponto de vista aplicado ou técnico, as relações humanas são medidas e direcionadas pela dinâmica de grupos, que é o método de trabalho baseado na teoria do relacionamento interpessoal e intermodal. Um bom relacionamento requer o desenvolvimento da capacidade de convivermos com o outro apesar de sermos diferentes. É importante entendermos que as pessoas nascem diferentes umas das outras e passam por experiências de vida diferentes. Por isso, suas características e modo de pensar divergem tanto.

1 – O LÍDER E SUA RELAÇÃO COM A IGREJA E O MINISTÉRIO

O líder precisa saber relacionar-se bem com seus liderados e colegas de ministério, aprendendo a trabalhar como uma equipe unida numa única força. A Bíblia mostra-nos que: “Melhor é serem dois do que um, porque têm melhor paga do seu trabalho. Porque, se um cair, o outro levanta o seu companheiro; mas aí do que estiver só; pois, caindo, não haverá outro que o levante [...]”; e o cordão de

três dobras não se quebra tão depressa” (Ec 4.9,10,12). Formar uma boa equipe de trabalho é o primeiro passo para alcançarmos o sucesso naquilo que desenvolvemos. Quando trabalhamos em equipe, produzimos mais, distribuimos melhor as tarefas e temos um esforço individual menor. Esse foi um dos princípios que Moisés, no deserto, precisou aprender (Êx 18.13-26). O líder não deve criar uma distância entre si mesmo e os seus liderados, considerando-se superior a eles, dificultando o acesso das pessoas a ele, ou discriminando os mais humildes. Jesus deixou-nos um grande exemplo. Ele aproximava-se da multidão e tratava a todos indistintamente. Da mesma forma que ouviu a Nicodemos, um doutor da lei, Cristo, do mesmo modo, ouviu ao cego Bartimeu, que esmolava à beira da estrada.

Desenvolvendo uma interação adequada

Um bom relacionamento depende de duas coisas básicas: Primeiro: de conhecermos as características da personalidade do outro; Segundo: de respeitarmos o modo de o outro pensar e interpretar as coisas.

Uma relação não funciona quando tentamos modificar a outra pessoa sem que ela queira ou quando desejamos que o outro seja exatamente como queremos. Já vimos anteriormente que é necessário compreendermos o indivíduo — sua personalidade, seu comportamento — para desenvolvermos um bom relacionamento e, conseqüentemente, para o sucesso no trabalho que estamos realizando. Precisamos compreender o outro como ele é e conhecer os traços de personalidade que caracterizam essa pessoa. Cada indivíduo é único. Existem características explícitas que podem ser observadas facilmente e também outras mais profundas que só podem ser observadas mediante uma relação mais profunda com a pessoa.

Aceitando o outro como ele é

Já vimos que a formação da personalidade é um processo gradual, complexo e único a cada pessoa. Trata-se do resultado de um conjunto de características inatas que o indivíduo traz consigo ao nascer, acrescido das experiências adquiridas no decorrer da vida. A personalidade é mostrada através de tudo aquilo que a pessoa é capaz de produzir ou de ser. Existem aspectos da personalidade que dificilmente mudam, como, por exemplo, o temperamento. Precisamos entender como as pessoas funcionam para agirmos adequadamente com elas, aceitando-as incondicionalmente. Não se trata de

aceitar os pecados, desvios de comportamentos e atitudes antissociais das pessoas, mas, sim, entendê-las e respeitá-las. Cada pessoa tem o seu próprio ritmo e modo de fazer as coisas. Não adianta exigir praticidade de alguém que costuma ser metódico ou esperar que uma pessoa muito extrovertida permaneça calada numa reunião social. São esses aspectos que diferenciam uma pessoa da outra. Se formos capazes de compreender isso, conseguiremos um relacionamento melhor com os outros. Quando não somos capazes de perceber quais as características de personalidade com as quais devemos interagir, agimos inadequadamente com o outro, provocando neste, algumas vezes, feridas emocionais difíceis de cicatrizar.

Compreendendo as necessidades interpessoais

De acordo com estudos da psicologia apresentados por Bergamini (1996), cada indivíduo possui, pelo menos, três tipos de necessidades interpessoais: Necessidade de inclusão; Necessidade de controle; Necessidade de afeição. Essas necessidades constituem um conjunto de áreas que dizem respeito ao comportamento interpessoal. É necessário haver um equilíbrio no desenvolvimento dessas necessidades. Há pessoas que valorizam excessivamente alguma necessidade interpessoal, gerando, às vezes, determinados comportamentos que dificultam o relacionamento. Se formos capazes de perceber e compreender esse processo, com certeza nos relacionaremos melhor com as outras pessoas.

- Necessidade interpessoal de inclusão: Todos nós possuímos uma necessidade de inclusão. Sentimos interesse por outras pessoas e desejamos que elas também tenham interesse por nós. Queremos manter um relacionamento satisfatório e esperamos que o outro nos veja como uma pessoa significativa, de valor. A necessidade de inclusão leva a, pelo menos, três tipos de comportamentos: • O supersocial – Uma pessoa supersocial desenvolve muita atividade, principalmente no sentido de tomar grandes iniciativas de incluir pessoas no grupo. São excelentes recepcionistas. • O social – O social tem uma moderada preocupação de ser incluído e incluir os outros no grupo. • O hipossocial – O hipossocial, por sua vez, espera que os demais tomem toda a iniciativa de incluí-los, desenvolvendo por si mesmos pouca atividade nesse sentido. Essas pessoas precisam de um pouco mais de atenção. O pastor precisa aproximar-se das pessoas mais distantes e isoladas na igreja, evitando que alguém se sinta excluído. Às vezes, o simples acenar com a mão para alguém é o suficiente para ela sentir-se valorizada.

- Necessidade interpessoal de controle: A necessidade de poder é algo inerente ao ser humano. Talvez seja esse um dos maiores motivos que leva as pessoas a divergirem e desentenderem-se. Na relação entre as pessoas, frequentemente surge o famoso jogo psicológico dominador — dominando. Aquela velha história sobre quem manda mais. A necessidade de mandar e controlar os outros de uma maneira desordenada poderá trazer sérios prejuízos numa relação. A necessidade de controle leva a, pelo menos, três tipos de comportamentos:
 - O autocrata – O autocrata procura, sobremaneira, estar sempre no controle de tudo. Geralmente, essas pessoas sentem dificuldade de ficarem submetidas ao comando de outras pessoas.
 - O democrata – A pessoa democrata, quando necessário, assume o controle, mas aceita naturalmente o comando de outra pessoa.
 - O abdicrta – O abdicrta é caracteristicamente um tipo submisso. Uma pessoa que prefere ser controlada, que não tem iniciativa alguma e não consegue assumir a liderança de um grupo. O pastor precisa saber lidar com esses tipos de comportamento, inclusive com a sua própria necessidade de poder, evitando o surgimento de tensões e conflitos. Às vezes, perdemos alguém muito útil à obra por não entendermos o comportamento dessa pessoa. Sem percebermos, começamos a competir com ela, não a deixando opinar ou participar de alguma atividade na igreja. Sentimos como se estivéssemos sendo ameaçados e acabamos transformando essa pessoa num inimigo.
- Necessidade interpessoal de afeição: Todos nós possuímos uma necessidade de afiliação. Desejamos sentir-nos dignos de ser amados e esperamos receber aprovação social, respeito, status, prestígio e consideração. A afetividade desempenha um papel essencial em nossas vidas, levando-nos a uma busca de afeto, carinho, atenção e estima. A necessidade de afeição leva a, pelo menos, três tipos de comportamento:
 - O superpessoal – O superpessoal busca a afeição de uma forma intensa. Sua conduta caracteriza-se pela necessidade de grande intimidade e pessoalidade nas relações. Quando não se sente correspondido, frustra-se e fica magoado.
 - O pessoal – O pessoal adapta-se facilmente tanto aos relacionamentos próximos como àqueles que exijam um maior distanciamento e impessoalidade.
 - O impessoal – O impessoal, ao contrário, não evidencia sinais de proximidade ou intimidade. Comporta-se de forma distante e não demonstra estar emocionalmente próximo de ninguém. O líder

precisa agir com sabedoria, tratando a todos indistintamente e esforçando-se ao máximo para ser carismático com as pessoas, sendo atencioso com todos, porém respeitando o comportamento de cada um.

A criação de um vínculo social

Se o líder deseja sucesso na sua relação com os outros, precisa aprender a estabelecer um vínculo com as pessoas. O vínculo é um poderoso determinante dos níveis do sentimento de autoestima de cada pessoa. Segundo Bergamini, a formação do vínculo social ocorre a partir do momento em que as pessoas empenham-se para alcançarem uma interação produtiva. O líder precisa ter sabedoria para saber relacionar-se bem com as pessoas, tendo o cuidado para não se envolver emocionalmente com elas.

O líder deve preparar-se para saber lidar com as necessidades dos seus liderados e ser capaz de compreender o comportamento deles. Não basta apenas se preparar teológica e espiritualmente para assistir o grupo que lidera. É necessário um mínimo de conhecimento na área do comportamento para que haja uma interação produtiva.

2 – JESUS E AS RELAÇÕES HUMANAS

Jesus deu um grande exemplo de relações humanas. Durante o seu ministério, Ele realizou vários discursos em grandes concentrações. O seu trabalho, porém, foi caracterizado pelo contato pessoal. J.M. Price, abordando sobre o assunto, faz a seguinte declaração: Jesus enfatizava outra coisa: o contato pessoal. “Em grande parte, Jesus empregou seu tempo a conversar com indivíduos, ou com aquele seu grupo de discípulos ou alunos.” É verdade também que lidou com multidões. Tanto que verdadeiras multidões o seguiam de Cafarnaum, de Jerusalém, de Decápolis e doutros mais lugares. Chegavam, às vezes, a quatro ou cinco mil. Jesus simpatizava com as multidões, dirigia-lhes a palavra, alimentava-as e as curava. Certas vezes sua atividade chegou mesmo a tomar o aspecto dum grande movimento popular, notadamente após certos períodos de curas e por ocasião de sua entrada triunfal em Jerusalém. (J.M. Price) Apesar de realizar grandes concentrações, Jesus não estimulou o movimento das massas populares. Em algumas ocasiões, Ele desapareceu e fugiu da multidão. Jesus empregou a maior parte de seu tempo na lida com indivíduos. Os fatos mais brilhantes que ocorreram durante os três anos e meio do ministério de Jesus aconteceram através dessas atividades junto a indivíduos. Não foi por acaso que

o texto áureo da Bíblia, João 3.16, — o mais citado e mais pregado pela maioria dos evangelistas —, não foi dito para uma multidão, mas apenas para um homem. O método empregado por Jesus para a redenção deste mundo não foi o de esperar grandes oportunidades ou momentos dramáticos, não. Foi o de utilizar qualquer oportunidade que se lhe apresentasse, no mais ordinário lugar-comum, aproveitando-se dos acontecimentos corriqueiros “da vida de cada dia, e daí tirava o que de mais proveitoso houvesse para qualquer alma necessitada.” (J.M. Price)

Jesus, um modelo Jesus foi um mestre nas relações humanas.

Além do exemplo que deu com suas atitudes, Ele ainda se preocupou em ensinar os homens a terem boas relações entre eles. Ao responder a um doutor da lei sobre o maior de todos os mandamentos, Ele acrescentou isto à nossa relação com Deus: “amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mc 12.31). Jesus mostrava que esse mandamento resumia as três prioridades máximas da vida: a responsabilidade para com Deus, a responsabilidade para consigo mesmo e a responsabilidade para com os outros. “Amarás o Senhor, teu DEUS, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. [...] Amarás o teu PRÓXIMO como a TI mesmo” (Mt 22.37,39).

Não podem existir boas relações quando reina o ódio. Na verdade, o ódio é o primeiro passo para o homicídio. Jesus enfatizou também, e muito, a necessidade do espírito pacifista, e disse: “Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus” (Mateus 5.9). A ênfase que Jesus deu e sua atitude ajudam-nos a entender que precisamos fazer o mesmo.

Agregando pessoas Jesus também nos deu um exemplo de inclusão.

Ele não fazia acepção de pessoas; pelo contrário, Cristo conviveu com o povo de igual modo sem discriminar e condenar aqueles que se aproximavam dEle. Há um registro imenso de pessoas que se aproximaram dEle. Dentre as pessoas com quem lidou pessoalmente, encontramos Nicodemos, Zaqueu, a mulher de Samaria, a mulher apanhada em adultério, o homem que queria receber sua parte da herança, o jovem rico, o crítico rabino, o fidalgo de Cafarnaum e muitos outros. J.M. Price mostra um quadro geral daqueles que se aproximaram de Jesus. Eram pessoas que possivelmente seriam excluídas da sociedade, mas Ele, ao contrário, procurou agregar a todos. Afora o círculo dos doze, vemos Zaqueu,

o coletor de impostos, homem que tinha grande amor pelo dinheiro e que cobrava mais do que era devido, roubando assim ao povo necessitado.

E também Maria Madalena, com sete demônios a seu crédito. E ainda a mulher pecadora que lhe lavou os pés com suas lágrimas e os enxugou com seus cabelos. E ainda a mulher de vida livre a quem ensinou à beira do poço, a qual tivera um rosário de cinco maridos. E ainda aqueles acusadores da mulher adúltera, os quais desapareceram quando Jesus lhes disse que quem estivesse sem pecado fosse o primeiro a começar a apedrejá-la, conforme ordenava a lei. Não; aqui vemos perfeitamente que a classe de alunos ensinada por Jesus em nada apresentava aquelas condições ideais para um mestre ideal. Ao contrário, eram tais alunos gente das mesmas paixões nossas, e de paixões que não poucas vezes os dominavam por completo. Orgulho, ambição e luxúria argamassavam a vida deles, e tudo aquilo desafiava os preceitos e a influência de Jesus. (J.M.Price (1954)) J.M. Price mostra que Cristo recebia as pessoas como elas apresentavam-se a Ele, buscando, assim, levá-las para onde Ele queria que fossem. Quando um doutor da lei lhe perguntou o que devia fazer para herdar a vida eterna, Jesus lhe citou a lei dele (Luc. 10:25,26).

Na conversa com a mulher decaída, junto ao poço de Jacó, Jesus começou a falar em “água” — coisa em que ela estava interessada, e a levou às “águas vivas” (João 4:10). Levantando-se na sinagoga para ler e proclamar o programa do seu ministério, Jesus começou com aquela passagem familiar de Isaías que trata da expectativa messiânica (Luc. 4:16-30). Assim, por este processo, Jesus atraía a atenção e o interesse dos ouvintes. “No propósito de levar seus discípulos a aprender alguma coisa, ele não se cingiu a programas formais, nem a currículos forjados de antemão.” (J.M. Price 1954) Apesar das críticas que recebeu, Jesus, no entanto, continuou servindo o povo, ajudando-o nas suas necessidades.

Enxergando as coisas boas nos outros

Às vezes, é mais fácil observarmos os defeitos dos outros do que as suas virtudes. Todos nós, porém, temos virtudes e defeitos. J.M. Price, tecendo um comentário sobre o assunto, faz a seguinte declaração: Há pessoas que só olham para aquilo que de mau existe em seus semelhantes. Assim, tomam uma atitude e tratam de coisas desagradáveis que só podem colher respostas desfavoráveis. Levantam, desse modo, forte barreira e resistência entre eles e a pessoa com quem estão lidando, amiúde se criam mesmo antagonismos e inimizades. Assim agem não poucas vezes pessoas bem intencionadas que

sinceramente buscam acertar e ajudar; mas é claro que lhes falta discernimento e também tato. Jesus sempre enxergava algo de bom e apreciável nos homens. Mesmo lidando com um fariseu empavonado e cheio de justiça própria, com um coletor ladino e sem escrúpulos, ou com uma decaída, Jesus sempre apelava para aquilo que de bom ainda houvesse no íntimo deles, e trazia à tona alguma de suas boas qualidades. E assim tratava Jesus não só aqueles que viviam chafurdados no pecado, mas também os que apenas se mostravam imaturos e inexperientes.

Parece-nos mesmo que o Mestre se especializou em apanhar aqui e ali pessoas indesejáveis e desprezíveis para fazer delas caracteres esplêndidos e extraordinários, como fez com os onze. Ao receber as pessoas, Jesus mostrava a possibilidade de mudança de vida, salientando as futuras possibilidades deles, interessando-se por eles e inspirando-os a prosseguir no bem. Sigamos o exemplo de Jesus

C) APRENDENDO A VIVER EM HARMONIA COM O PRÓXIMO

Podemos viver e conviver bem com as pessoas. Um bom relacionamento requer o desenvolvimento da capacidade de convivermos com o outro apesar de sermos diferentes. A harmonia surge da união de vários elementos que formam um todo organizado. A harmonia é um conceito clássico que se relaciona às ideias de beleza, proporção e ordem. Numa construção, essa junção de elementos serve como adorno. Vejamos alguns elementos que são imprescindíveis para um bom relacionamento.

1 – SABEDORIA

A sabedoria precisa ser usada diariamente. Mas como podemos usá-la de uma maneira prática e eficaz? A sabedoria é uma capacidade dada por Deus e pode ser adquirida. Usá-la significa pôr em prática algumas atitudes indispensáveis à vida cristã. Veja alguns atos de sabedoria:

Firmeza

Seja firme em suas convicções e use sempre a Palavra de Deus como seu manual de orientação. Há pessoas que constroem seus objetivos baseado naquilo que os outros pensam, mas feliz aquele que sabiamente segue os conselhos bíblicos: “Toda palavra de Deus é pura; escudo é para os que confiam nele” (Pv 30.5).

Mudança de atitudes

Reconheça sempre os seus erros e torne-se uma pessoa capaz de mudar suas atitudes. Às vezes, achamos que, pelo fato de sermos líderes, estamos sempre certos. Tornamo-nos irredutíveis. Abandonar o erro é um ato de grandeza moral: “O que encobre as suas transgressões nunca prosperará; mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia” (Pv 28.13).

Humildade

Pratique a humildade. A vaidade e o orgulho são sentimentos prejudiciais à vida que nos faz perder o sentido das proporções. A Bíblia orienta-nos a tratarmos o outro como se este fosse superior a nós (Fp 2.3). Lembre-se: “Por mais que seja sábio, há sempre alguém mais sábio que você. Por mais forte que seja, haverá alguém mais forte.” “A soberba do homem o abaterá, mas o humilde de espírito obterá honra” (Pv 29.23).

Resignação

Aprenda a ser uma pessoa resignada. “Por mais sábio, mais importante, mais poderoso e mais puro que seja, ninguém é tão livre que não tenha a quem obedecer, tão independente que não tenha um dever a cumprir.” Às vezes, precisamos saber abdicar ou desistir das coisas que queremos em favor de outrem. Portanto, obedeça aos seus superiores e aceite as advertências que receber. A Bíblia ensina o seguinte: “O que rejeita a correção menospreza a sua alma, mas o que escuta a repreensão adquire entendimento” (Pv 15.32). “Toda mulher sábia edifica a sua casa, mas a tola derriba-a com as suas mãos” (Pv 14.1). “Um varão sábio é forte, e o varão de conhecimento consolida a força” (Pv 24.5). “Bem-aventurado o homem que acha sabedoria, e o homem que adquire conhecimento” (Pv 3.13).

2 – TEMPERANÇA

Ter temperança é: ter domínio próprio (Gl 5.22); é não perder a cabeça nas horas difíceis (Pv 13.16); é ter controle sobre as emoções (Pv 15.1,18); é ser prudente (Is 52.13); é ser longânimo (Pv 14.29; 16.32). É importante termos controle sobre nossas ações para não prejudicarmos a nós mesmos e aos outros. Uma pessoa que não sabe controlar suas emoções e dá vazão aos seus impulsos torna-se escrava dos seus sentimentos e age inadequadamente com o outro, provocando contendas e discórdias.

Algumas vezes, a ira causa feridas emocionais difíceis de cicatrizar. Portanto, lembre-se: não são suas emoções que devem controlar sua vida. Pelo contrário, você deve aprender a ter controle sobre suas emoções e não deixar a ira abundar em seu coração. Precisamos ter controle sobre nossas ações. Há emoções que, se não forem controladas, provocam um grande estrago no relacionamento familiar. A ira, por exemplo, pode levar a pessoa a um estado de loucura e perda total da razão. Por esse motivo, ela é mencionada na Bíblia inúmeras vezes em listas de pecados (Ef 4.31; Cl 3.8; Tt 1.7). De acordo com o livro de Provérbios, aquele que sabe controlar o ódio e pratica o amor também é capaz de evitar a contenda: “O ódio excita contendas, mas o amor cobre todas as transgressões” (Pv 10.12).

Um verdadeiro cristão sabe compreender, tolerar e perdoar os outros, e isso só é possível quando aprendemos a amar. Quem ama não pensa apenas em si mesmo. A Bíblia ensina que o amor “não busca os seus interesses” (1 Co 13.5). Portanto, procure a cada dia vencer o ódio e o ressentimento e aprenda a praticar o amor. Fazendo isso, você evitará a contenda. Uma grande virtude que deve ser cultivada é a longanimidade. Veja o que nos diz o livro de Provérbios: “O homem iracundo suscita contendas, mas o longânimo apaziguará a luta” (Pv 15.18). Ser longânimo é ser tolerante.

Nos momentos em que o sangue “ameaçar ferver”, procure controlar-se. Lembre-se de que, na cruz, Cristo destruiu a inimizade e a porfia e construiu a unidade. A Bíblia ensinanos que somos um em Cristo. Antes da sua morte, Jesus fez a seguinte oração: “Eu não rogo somente por estes, mas também por aqueles que, pela sua palavra hão de crer em mim; [...] E eu dei-lhes a glória que a mim me deste, para que sejam um, como nós somos um” (Jo 17.20,22). Busque, portanto, sempre a união e a paz com todos; aprenda a não contender; pratique sempre o amor; não busque os seus próprios interesses; dê a sua razão para o outro, e ela voltará para você. Lembre-se: o amor promove a união.

3 – CAPACIDADE PARA PERDOAR

Desfrutar de uma amizade pura, sincera e leal é algo maravilhoso. Mas como é triste sofrer uma decepção ou ser machucado por aquele a quem se tem amizade. Quando somos maltratados, sentimo-nos pisados e inferiorizados. O coração fica cheio de ira e, na maioria das vezes, desejamos vingança do ultraje que sofremos. A Bíblia, porém, ensina-nos a perdoar. Perdoar não é uma opção nossa, mas, sim, um dever. Cristo ensinou-nos que, se não perdoarmos àqueles que nos ofenderam, Deus também não

nos perdoará (Mt 6.14,15) A capacidade de perdoar não é um talento ou um dom que recebemos, mas, sim, uma atitude corajosa daqueles que querem agradar a Deus e desejam ter uma vida saudável.

O que realmente significa perdoar e o que faz do perdão ser algo tão fundamental nas nossas vidas? A palavra “perdoar” significa literalmente cancelar ou remir. O perdão, então, é um ato no qual o ofendido livra o ofensor do seu erro, libertando-o da culpa pelo mal que cometeu. Perdoar é ser misericordioso com quem errou, tratando-o do mesmo modo como Cristo tratou a cada um de nós (1 Jo 2.12). Perdoar não é esquecer o mal que alguém nos fez, mas cancelar a dívida que o outro contraiu conosco no momento em que nos ofendeu. Dificilmente, alguém consegue esquecer os males que sofreu. Quando, porém, perdoamos, cancelamos tudo e, mesmo que nos lembremos do fato que ocorreu, este não terá ação no presente porque já foi cancelado e não produz mais efeitos nas nossas vidas. Perdoar é, sobretudo, superar a dor e aceitar o outro como ele é; é amar aquele que nos aborrece. Perdoar não é simplesmente uma opção nossa, mas um dever. Cristo ensinou-nos que, se não perdoarmos àqueles que nos ofenderam, Deus também não nos perdoará (Mt 6.14,15).

Perdoar, talvez, seja a prova mais difícil que tenhamos de passar na nossa trajetória de vida cristã. Devemos sempre praticar o perdão. Veja a ordenança bíblica: “Olhai por vós mesmos. E, se teu irmão pecar contra ti, repreende-o; e, se ele se arrepender, perdoa-lhe; e, se pecar contra ti sete vezes no dia e sete vezes no dia vier ter contigo, dizendo: Arrependo-me, perdoa-lhe” (Lc 17.3,4). O perdão é importante para o bem-estar mental e espiritual. Quem não consegue perdoar continua sofrendo e lembrando-se do mal que lhe fizeram. É como uma ferida que não pode cicatrizar.

Coisas que impedem o perdão

Por que é tão difícil perdoar ou passar por cima das ofensas e injustiças que cometeram contra nós? É porque existem alguns sentimentos camuflados que predominam no seu coração. Vejamos alguns desses sentimentos:

a) O ódio: O ódio é um sentimento terrível e destrutivo que precisa ser banido de nossas vidas. Quem dá lugar ao ódio pode chegar à loucura ou a uma perda total da razão e cometer coisas absurdas. O ódio impede que a pessoa declare o perdão; por isso, tenha cuidado! A Bíblia é clara: “Mas aquele que aborrece a seu irmão está em trevas, e anda em trevas, e não sabe para onde deva ir; porque as trevas lhe cegaram os olhos” (1 Jo 2.11). Portanto, não deixe o ódio dominar seu coração; perdoe aqueles que

lhe ofenderem. Deixe o amor de Deus ser derramado no seu interior (Rm 5.5). Não vale a pena deixar o ódio prevalecer no coração. Isso pode trazer consequências negativas para a vida.

b) A autopiedade: Outro sentimento destrutivo que impede o perdão é a autopiedade. Já vimos que uma pessoa que sente autopiedade tem dó de si mesma, torna-se a “coitadinha” e a vítima daquilo que fizeram contra ela, lembra-se constantemente da ofensa que recebeu e diz: “eu não merecia isso”, “aquela pessoa não tinha o direito de fazer isso comigo”, “sinto-me abatido com o que fizeram comigo” e assim sucessivamente. Enquanto ficarmos presos ao que fizeram conosco e sentirmo-nos vítimas da situação, não conseguiremos perdoar verdadeiramente.

c) O orgulho: O orgulho também nos impede de declararmos o perdão. Às vezes, ficamos numa posição defensiva achando que só o outro está errado e que é dever dele, e não nosso, de buscar uma reconciliação. Jesus, porém, ensinou-nos que devemos tomar a iniciativa de reconciliarmo-nos com aqueles que nos feriram: “Portanto, se trouxeres a tua oferta ao altar e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão, e depois vem, e apresenta a tua oferta” (Mt 5.23,24). Não deixe o orgulho prevalecer no seu coração. Vença este terrível inimigo e aprenda a perdoar.

Praticando o perdão

Já imaginou se Deus tratasse cada um de nós da maneira como tratamos aqueles que nos fizeram o mal? Ainda bem que o amor de Deus é incondicional. Ele ama a todos nós, independentemente daquilo que somos. Ele não diz: “Se você me amar, eu o amarei”. Pelo contrário, Ele amou o mundo de tal maneira que entregou o seu próprio filho para morrer por nós (Jo 3.16). Precisamos aprender a agir da mesma forma. Para que consigamos superar os males que fizeram contra nós, é necessário termos determinação para perdoar. Se não perdoarmos àqueles que nos ofenderam, não nos livraremos dos efeitos negativos daquilo que fizeram contra nós. Mas como podemos perdoar quando ainda sentimos ódio e não esquecemos as ofensas que recebemos? Ainda que o ódio prevaleça em nossos corações, no momento em que tomamos a decisão de perdoar, este mesmo ódio será sucumbido pelo amor que brotará dentro de nós.

O perdão só é possível quando conseguimos amar, e o amor vai além de um mero sentimento. Amar é ação, é atitude. O perdão alivia e diminui o sofrimento, além de ajudar a melhorar a qualidade

de vida. Quando guardamos ressentimentos e mágoas dentro de nós, fechamos o coração para as bênçãos de Deus, nossas orações são bloqueadas e sentimo-nos vazios (Mt 5.23,24).

4 – FIDELIDADE A DEUS

A fidelidade a Deus é uma marca daqueles que decidiram viver de acordo com a sua Palavra mantendo um compromisso de fazer o que é certo e evitar o erro. Até onde estamos dispostos a ir com Deus? Até que ponto somos capazes de professar nossa fé e anunciar o evangelho de Cristo a qualquer custo? Quando realizamos nossa profissão de fé, fizemos uma aliança com Deus de fidelidade. Assumimos um compromisso para sermos fieis a Ele em quaisquer circunstâncias. Deus sempre cumpre a sua parte, pois Ele é fiel e verdadeiro. Ele nunca falha. Precisamos permanecer fieis até a morte para nos tornarmos vencedores.

Princípios de fidelidade

Na sociedade hodierna, está cada vez mais difícil encontrarmos pessoas fieis aos seus princípios, pessoas que se mantenham firmes diante das suas promessas para com Deus e para com os outros. A infidelidade e a traição tornaram-se, na atualidade, algo cada vez mais comum. A passagem em Provérbios 20.6 mostra-nos que é uma raridade encontrarmos alguém fiel: “Cada qual entre os homens apregoa a sua bondade; mas o homem fiel, quem o achará?”. Como cristãos, precisamos ser um exemplo para o mundo. O apóstolo Paulo ensina-nos que nossa posição exige fidelidade: “Além disso, requer-se nos despenseiros que cada um se ache fiel” (1 Co 4.2).

Fidelidade é um dos elementos que fazem parte do Fruto do Espírito e pode ser cultivada: “Mas o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade” (Gl 5.22 – ARA). Devemos cultivar essa virtude e nunca abandoná-la: “Não te desamparem a benignidade e a fidelidade; ata-as ao teu pescoço; escreve-as na tábuca do teu coração” (Pv 3.3).

- Precisamos ser fieis a Deus em tudo porque Deus é fiel e nunca falha conosco. Mesmo que permaneçamos infiéis, Ele continua fiel: “Se formos infiéis, ele permanece fiel; não pode negar-se a si mesmo” (2 Tm 2.13).
- Prova de fidelidade, Deus muitas vezes testa nossa fidelidade. Certa vez, Ele exigiu de Abraão que sacrificasse o seu único filho. A exigência de Deus parecia ir de encontro à promessa que Ele havia feito

a Abraão de torná-lo numa grande nação. Pela sua fidelidade, Abraão não questionou a Deus; antes, obedeceu porque acreditava naquilo que o Senhor prometera a ele (Gn 22.1-18). Jesus também testou um jovem rico que dizia conhecer todos os mandamentos. Ao abordá-lo, Jesus disse que, para segui-lo, era necessário ele vender tudo o que tinha e repartir com os pobres. Aquele moço ficou desapontado por amar mais suas riquezas do que a Deus (Lc 18.18-24). Há, também, inúmeras situações que acontecem em nossas vidas que servem para provar nossa fidelidade para com Deus. Quantas vezes somos tentados a abandonar a fé quando enfrentamos tribulações, tentações, provações e perseguições. A Bíblia, no entanto, diz-nos que Deus é fiel e não deixará que a provação esteja acima da nossa capacidade de suportá-la. (1 Co 10.13).

Fidelidade e responsabilidade

A fidelidade é caracterizada pela responsabilidade e cumprimentos aos votos feitos. Quem é fiel é responsável. A responsabilidade está ligada à formação do caráter. Ser responsável é aprender a subordinar seus desejos e inclinações à ordem moral e à vontade de Deus. A fidelidade não pode estar arraigada a interesses pessoais. Algumas pessoas se submetem a determinadas exigências, buscando tirar proveito de algo. Sua fidelidade está condicionada àquilo que lhe é conveniente e, quando alcança o que deseja, mostra sua infidelidade através de suas atitudes. Precisamos agir por amor e caminhar com a fidelidade sem interesses. Em breve, Deus pedirá contas da nossa vida: “De maneira que cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus” (Rm 14.12).

Respeite esse princípio e você terá uma vida abundante. Aprenda a assumir responsabilidades em todas as coisas. Antes de agir, pense sempre nas consequências advindas das suas decisões. Imagine só o que teria acontecido se alguma família dos filhos de Israel que estavam no Egito não tivesse dado ouvidos a Moisés quando ele exigia que fosse imolado um cordeiro para a páscoa e colocado sangue nos umbrais das portas como sinal? Com certeza, o filho primogênito de cada família teria morrido (Êx 12.1-13). Às vezes, o descuido ou falta de responsabilidade leva-nos a situações drásticas.

Devemos seguir estes conselhos, buscando a fidelidade que gera responsabilidade e que nos faz permanecer firmes.

Resultados da fidelidade

Quem é fiel desfruta das bênçãos de Deus (Pv 28.20). O rei Ezequias, ao saber que iria morrer, orou ao Senhor, mostrando-lhe sua fidelidade: “Ah! Senhor! Sê servido de te lembrar de que andei diante de ti em verdade e com o coração perfeito e fiz o que era reto aos teus olhos” (2 Rs 20.3). Como resultado da sua oração, ele viveu mais 15 anos. Deus honra aquele que é fiel: “Quem é, pois, o servo fiel e prudente, que o Senhor constituiu sobre a sua casa, para dar o sustento a seu tempo?” (Mt 24.45). Quem é fiel no pouco Deus o colocará sobre o muito (Mt 25.21). Precisamos refletir sobre nossa conduta diante de Deus. Será que temos sido fiéis em tudo? Se temos sido infiéis ou, eventualmente, cometemos algum pecado, devemos suplicar o perdão e voltar ao procedimento cristão.

Quem tropeça e cai deve levantar-se imediatamente, renovando sua aliança com Deus. Precisamos ser fiéis até o fim. Quem permanecer fiel até a morte receberá a coroa da vida (Ap 2.10).

5 - HONESTIDADE

Todos os dias, enfrentamos situações que exigem uma prova de honestidade. É bastante lembrarmos-nos da atitude que tomamos na última vez que o caixa de uma loja deu troco a mais, ou então quando tivemos a oportunidade de vender um objeto e ficamos tentados a não falar sinceramente sobre os seus defeitos com medo de não fechar o negócio. A Bíblia ensina que “Os lábios mentirosos são abomináveis ao Senhor, mas os que agem fielmente são o seu deleite” (Pv 2.22). Se desejamos agradar a Deus e sermos abençoados, devemos aprender a praticar a honestidade.

Honestidade – um princípio

Vale a pena ser honesto? Essa tem sido uma questão que tem instigado muitas pessoas, principalmente quando elas presenciam cenas de desonestidade, mau uso do dinheiro público e a impunidade para com aqueles que agem desonestamente. Rui Barbosa viveu momentos de desilusão ao ver a corrupção e a impunidade dos seus contemporâneos. Sua indignação ficou marcada pelo discurso que proferiu em 1914 no Senado: “De tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver prosperar a desonra, de tanto ver crescer a injustiça, de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar da virtude, a rir-se da honra, a ter vergonha de ser honesto” (Rui Barbosa). Como cristãos, devemos tomar a honestidade como um princípio em nossas vidas. A Bíblia mostra a amplitude

dessa virtude: “Para que possais andar dignamente diante do Senhor, agradando-lhe em tudo, frutificando em toda boa obra e crescendo no conhecimento de Deus” (Cl 1.10). Se tomarmos o texto acima como base, podemos concluir que o princípio da honestidade exige, pelo menos, quatro atitudes básicas: andar dignamente perante todos; agradar ao Senhor em tudo; frutificar em toda boa obra e crescer no conhecimento de Deus. Ser honesto não significa apenas fazer coisas corretas e dentro da Lei diante dos olhares alheios. Ser honesto é também ser capaz de manter-se puro, agindo dentro da lei mesmo quando estiver sozinho sem a presença de alguém que possa coibi-lo (Rm 13.13; 2 Co 8.21).

Portanto, procuremos refletir se temos agido honestamente em tudo, pagando ao Governo todos os impostos a que estamos obrigados por lei, falando a verdade para os clientes sob pena de perdemos um bom negócio, sendo um exemplo para a família, a sociedade e a igreja.

Repudiando a desonestidade

A desonestidade, quando praticada com frequência, torna-se um hábito que contamina a pessoa de tal modo que afeta a sua consciência. Seu mau comportamento passa a ser tratado pela pessoa como algo normal. (1 Tm 4.2). Ananias e Safira são exemplos de pessoas que sofreram terríveis consequências por causa da sua desonestidade (At 5.1-11). Para impressionar os apóstolos, eles venderam uma propriedade e trouxeram o dinheiro de oferta para a igreja. Só que eles retiveram parte do dinheiro. A desonestidade de ambos fez com que eles caíssem mortos diante dos apóstolos. O apóstolo Pedro falou-lhes antes que eles não eram obrigados a vender a propriedade, tampouco dar todo o dinheiro para a igreja: “Disse, então, Pedro: Ananias, por que encheu Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo e retivesses parte do preço da herdade? Guardando-a, não ficava para ti? E vendida, não estava em teu poder? Por que formaste este desígnio em teu coração? Não mentiste aos homens, mas a Deus” (At 5.3,4). As consequências vieram por causa da desonestidade. Devemos repudiar a desonestidade e rejeitar qualquer coisa que nos proporcione benefícios ilícitos.

Um exemplo de honestidade

Devemos aprender a praticar a honestidade. O cristão precisa pôr em prática um novo padrão de vida sempre pensando em agradar ao Senhor. Os padrões de comportamento não evoluem automaticamente; necessitam ser postos em prática. A libertação do poder da carne depende da ação

do Espírito Santo: “Porque, se viverdes segundo a carne, morrereis; mas, se pelo espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis” (Rm 8.13) Portanto, coopere com o Espírito Santo, trabalhando em conjunto com Ele para alcançar um novo caráter: “[...] se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo” (2 Co 5.17). Certo fazendeiro norte-americano encontrava-se em sua fazenda quando a ela chegou um colega que desejava comprar quatro vacas dele. Depois de escolhidos os animais, foi o preço fixado em 3.500 dólares. O pretendente ofereceu 3 mil que não foram aceitos. Separaram-se sem realizar o negócio. No dia imediato, o fazendeiro, o que queria adquirir as quatro vacas, telefonou para o colega: — Você quer vender os animais por 3 mil dólares? — Não, vendendo-os por 3.500 dólares. — Bem, vou fazer-lhe uma proposta. Jogue uma moeda de prata para cima. Se cair com a parte da coroa para cima, pagar-lhe-ei o preço pedido. Mas, se cair a parte contrária, pagar-lhe-ei apenas três mil dólares. Aceita? Momentos depois, ouviu-se o tilintar da moeda e o fazendeiro gritar: — Cara! Venha buscar os animais. Ele poderia ter dito o contrário, pois o colega nada via. Como crente, porém, não podia enganá-lo. (Tesouro de Ilustrações).

6 – A SINCERIDADE

Imagine uma situação de guerra quando todo mundo vive desconfiado achando que o outro pode ser seu próprio inimigo. Era essa a situação que vivia a nação de Israel. Jeú fora designado por Deus para fazer justiça à casa de Acabe — rei de Israel por causa dos seus pecados e abominações contra Deus. Jeú vinha de uma batalha de onde exterminara a casa de Acabe e a todos que encontrou pelo seu caminho. Logo à frente, encontrou Jonadabe, um aliado seu que vinha ao encontro. Ao saudá-lo, desconfiado, perguntou: “O teu coração é sincero para comigo como o meu o é para contigo? Respondeu Jonadabe: É. Então, se é, disse Jeú, dá-me a tua mão. E ele lhe deu a mão; e Jeú fê-lo subir consigo ao carro.” Tal cena repete-se ainda hoje. Infelizmente, a falta de sinceridade entre as pessoas vem gerando desconfiança e insegurança a ponto de muitos interrogarem: “Em quem podemos confiar?”. Vivemos numa época em que a falta de sinceridade, a hipocrisia e a necessidade de trapacear o outro passou a ser algo tão constante na sociedade atual que as pessoas passaram a viver desconfiadas umas das outras.

A sinceridade é um atributo inerente ao caráter cristão e deve ser cultivada.

O apóstolo Paulo, na sua segunda epístola aos Coríntios 1.12, mostra-nos que a sinceridade é a glória do cristão neste mundo: “Porque a nossa glória é esta: o testemunho da nossa consciência, de que, com simplicidade e sinceridade de Deus, não com sabedoria carnal, mas na graça de Deus, temos vivido no mundo e maiormente convosco.” Que venhamos, pois, aprender esse princípio e colocá-lo em prática. O verdadeiro cristão ousa ser absolutamente sincero. A Bíblia ainda nos diz que “o que anda na sua sinceridade teme ao Senhor” (Pv 14.2); os filhos são abençoados pela sinceridade dos pais (Pv 20.7); a sinceridade é a glória do cristão neste mundo (2 Co 1.12); devemos ter um coração sincero (Ef 6.5); devemos ser um exemplo em sinceridade (Tt 2.7); devemos falar com sinceridade (2 Co 1.17); devemos ser sinceros até o dia de Cristo (Fp 1.10).

A falta de sinceridade

“Como cristãos, devemos ser sinceros uns com os outros.” Creio que essa expressão seja tão evidente que dispensa comentários. Mas, se temos consciência de que a sinceridade é algo tão necessário à vida cristã, então por que se torna tão difícil a prática deste princípio? A falta de sinceridade pode ser um problema de caráter. Isso ocorre quando a pessoa age conscientemente com hipocrisia, não falando a verdade, com o intuito de tirar proveito das situações, ganhar prestígios ou obter ganhos ilícitos. A falta de sinceridade também pode estar relacionada a não compreensão do que realmente seja sinceridade. É comum ouvirmos pessoas perguntarem: “O que significa sinceridade?”, “Para ser sincero, preciso exteriorizar a verdade, seja ela boa ou ruim, doa a quem doer?”, “Como ser sincero quando vivemos rodeados de tanta hipocrisia?”. Talvez seja esse um dos maiores obstáculos à prática deste princípio. Às vezes, achamos que ser sinceros é sair corrigindo todo mundo, dando opinião onde não fomos chamados. Essa atitude gera muitas vezes revoltas, brigas e mágoas. Não devemos omitir a verdade com medo da reprovação do outro, mas também não devemos ser duros e rudes com as pessoas.

Sinceridade significa autenticidade

Ser autêntico não significa sair por aí machucando as pessoas em nome da verdade. Alguns acham que sinceridade é “rasgar o verbo” e dizer tudo o que sente sem pensar no outro. Ser sincero não significa

ser grosseiro e indelicado. O que mais dói quando se ouve uma verdade ou uma crítica não é, na maioria das vezes, o que se diz, mas o modo como esta verdade é transmitida. Eu posso falar a verdade sem ofender a outra pessoa ou humilhá-la. Precisamos, sim, ser autênticos, mas também devemos ter o cuidado para não confundirmos indelicadeza com autenticidade. Se algo está ruim, não preciso dizer que está bom. Porém, posso falar a verdade sem ofender a outra pessoa. Veja o exemplo que nos deu o profeta Natã ao se dirigir a Davi quando este havia pecado contra Deus (2 Sm 12.1-9). Natã não acusou a Davi diretamente, mesmo tendo sido designado por Deus para repreendê-lo. Quando acusamos a alguém diretamente, podemos ferir o orgulho dessa pessoa, tornando-a irada. O profeta, ao contrário, fez uma ilustração levando o rei a refletir sobre sua atitude. Davi aceitou a repreensão porque esta foi dada com sabedoria. Quem é autêntico não precisa usar máscaras; pelo contrário, deve sempre expressar o que sente. Há pessoas que mascaram os seus sentimentos. Às vezes, está com raiva de alguém, mas, ao encontrar essa pessoa, finge estar tudo bem. Não estamos afirmando que devemos sair e bater nas pessoas, mas, sim, sermos sinceros em relação ao que sentimos. Aprendamos a ser autênticos e verdadeiros, expressando o que sentimos com controle e equilíbrio; assim, estaremos agindo de acordo com a vontade de Deus.

Sinceridade é uma expressão de amor e respeito pelo outro

Agir com sinceridade é uma expressão de amor. Quando amamos alguém, procuramos não prejudicar essa pessoa. Imagine um professor cujo aluno lhe apresenta uma prova com as questões erradas, mas, por ele ser bem comportado e atencioso nas aulas, o professor resolve dar nota 10 a ele. O aluno ficará radiante pelo “10” que recebeu, porém, futuramente, ao participar de um concurso ou de uma seleção para emprego, ficará frustrado ao descobrir que não aprendeu nada sobre o assunto. Uma nota baixa poderia ter sido recebida com tristeza por esse aluno, porém levaria ele a estudar mais para aprender o assunto. Nem sempre quem é sincero é compreendido. A transparência e a coragem de expressar o que pensa ou sente às vezes pode não ser visto com bons olhos pelos outros, principalmente se formos de encontro às conveniências alheias. Quando amamos, sabemos agir com prudência, escolhendo à hora certa para falar. A Bíblia é clara ao nos ensinar que há tempo para falar e tempo para ficarmos calados (Ec 3.7). A imprudência ou a precipitação pode gerar sérios prejuízos numa relação. Quem ama não sai atacando as pessoas abertamente; muito pelo contrário, espera o momento oportuno

para falar o que é necessário, buscando a possibilidade de enriquecer o outro ajudando no seu crescimento. Para sabermos aplicar a dose certa de sinceridade, basta tratarmos ao outro da mesma maneira que desejamos ser tratados (Lc 6.31). O próximo deve ser amado na mesma intensidade que amamos a nós mesmos: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22.39). Basta de omissões e chega de verdades desastrosas. Portanto, lembre-se: sinceridade significa a expressão da verdade, e ser verdadeiro não significa ser indelicado. A sinceridade é uma expressão verdadeira do amor e respeito pelo outro.

7 – COMUNHÃO ESTREITA COM DEUS

A palavra comunhão vem do grego “koinonia”, “comunhão”, “relação”, “comunicação”. Vem de “koiné”, que significa “comum”, que, por sua vez, deriva-se do latim communis (servir a, trabalhar com).

Ter comunhão com Deus significa ter uma vida consagrada a Ele, afastada das coisas mundanas. Nossa ligação com Deus obrigatoriamente precisa ser íntima, e isso implica em possuir uma relação estreita com o Pai: “[...] e a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo” (1 Jo 1.3), com Cristo: “Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e com ele cearei, e ele, comigo” (Ap 3.20) e com o Espírito Santo: “A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós” (2 Co 13.13). A Bíblia mostra que fomos chamados para a comunhão (1 Co 1.9); a comunhão com Deus dá-nos consolo e proteção (Gn 28.15); a comunhão com Deus faz com que descansemos (Êx 33.14); a comunhão com Deus faz com que tenhamos forças nas batalhas da vida (Dt 20.21); a comunhão com Deus dá-nos conforto nas provações (Is 43.2); a comunhão com Deus garante a sua presença constante conosco (Mt 28.20); a comunhão com Deus garante a resposta das nossas orações (Jo 15.7).

Possivelmente, você já deve ter passado por grandes desafios na sua vida; existem, no entanto, forças que transcendem nossos problemas cotidianos, que atuam de forma sorrateira, impelindo-nos ao pecado e à desobediência a Deus. Precisamos ter discernimento e escolhermos ter uma vida de comunhão com Deus. Quem desfruta de uma vida de estreita comunhão com o Senhor é capaz de vencer as influências más, tornando-se a cada dia um cristão eficaz.

O desafio de viver em comunhão com Deus na atualidade

Um dos maiores desafios para o cristão manter a sua comunhão com Deus no mundo atual é vencer o mundanismo. Os métodos usados pelo inimigo são quase imperceptíveis e são usados nas coisas que mais gostamos e admiramos. Um dos meios usados pelo mundo espiritual para a propagação do mundanismo tem sido a mídia. A televisão, a Internet e outros meios de comunicação vêm contribuindo para mudanças nos padrões e valores socioculturais envolvidos na organização da vida social. De uma forma muito sutil, esses meios de comunicação vão introjetando mensagens que fatalmente não são percebidas, mas que influenciam. Veja o exemplo de um comercial veiculado na televisão: Uma mulher está abastecendo o seu carro num posto de gasolina qualquer, flertando com um sujeito dentro do carro, sendo surpreendida pelo marido. Este, de forma intrépida, esbraveja: — Fulana, como você foi capaz?! Ela, por sua vez, achando que ele se referia ao rapaz que estava com ela no carro, tenta se explicar: — Fulano, não é nada do que você está pensando... Ele, então, completa: — Como você foi capaz de abastecer o nosso carro nesse posto?! Ele ignora completamente a infidelidade da esposa. Até achamos engraçado, mas não percebemos a mensagem oculta: “Traição é algo normal na sociedade moderna”. A indústria de entretenimento apresenta na televisão shows e filmes que promovem profanação, violência e sexo ilícito. Grupos musicais e cantores cantam música que estimulam o estupro, as drogas, assassinatos, suicídio e até mesmo temas satânicos. Precisamos estar atentos e alertar a igreja. Se não tivermos cuidado e discernimento, deixaremos os membros da igreja serem tragados de forma sorrateira, substituindo facilmente a linguagem, usos e costumes e, sobretudo, os valores cristãos.

Decidindo viver em comunhão com Deus

Vimos os meios usados pelo inimigo para nos influenciar. Cristo, porém, dá-nos poder para vencer (Lc 10.19). A decisão é nossa. Aceitar as ofertas do mundo ou servir a Deus? O apóstolo Paulo admoesta-nos dizendo: “E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12.2).

A necessidade de transformação

Uma vida de comunhão com Deus depende de uma mente renovada (Rm 12.2). O apóstolo Paulo fala que a transformação de vida começa pela mente, que é a parte intelectual do homem. Dela procedem às coisas boas ou más. (Mt 15.19; Pv 4.23). A mente humana não é como um computador que, quando não queremos mais algo, simplesmente selecionamos e jogamos na lixeira. Na verdade, nem sempre nos desvencilhamos de pensamentos maus e pecaminosos; entretanto, podemos renovar nossa mente todos os dias através da Palavra de Deus. A renovação da mente dá-se através de um processo de substituição das coisas ruins e prejudiciais pelas coisas boas e agradáveis. Se você colocar, por exemplo, um copo com leite debaixo de uma torneira aberta, observará inicialmente que o copo transbordará; em seguida, após alguns instantes, não haverá mais leite, e sim água no copo. Veja que o leite será substituído pela água mesmo não sendo necessário derramá-lo. Assim, se você diariamente procurar implantar a Palavra de Deus na sua mente e no seu coração, com certeza alcançará uma mente renovada; as coisas ruins e desagradáveis sairão e darão lugar às coisas boas de Deus. (Fp 4.8) Uma mente renovada é sinônimo de uma vida transformada. O apóstolo Paulo afirma que, quando experimentamos essa transformação, conhecemos a vontade de Deus, que é boa, perfeita e agradável para Ele (Rm 12.2).

Vivendo em Comunhão

Para termos uma vida de estreita comunhão com Deus, precisamos primeiramente vencer o mundanismo que, de uma forma sorrateira, tem afetado muitas vidas. Em segundo lugar, precisamos tomar uma decisão certa de afastar-se de tudo o que desagrada a Deus; e, por fim, é necessário renovarmos nossas mentes todos os dias, purificando-a das impurezas deste mundo. Um homem disse a Deus: “Senhor, tu tens filhos prediletos; tens aqueles a quem preferes”. O Senhor respondeu: “Eu não prefiro uns mais que outros; alguns há que me preferem mais que outros”. Essa é a tônica da comunhão. O que vai determinar minha vida de oração não é o quanto eu sei sobre oração, mas o quanto eu amo o estar em oração, o quanto eu amo estar na presença do Pai. “Jesus perguntou a Pedro: amas-me mais do que estes outros? apascenta os meus cordeiros” (Jo 21.15). O serviço de Pedro estava condicionado ao seu amor a Jesus.

D) COMO LIDAR COM A ADMINISTRAÇÃO DE CONFLITOS

Toda organização tem os seus conflitos. Em suas interações, pessoas, grupos e organizações quase sempre estão envolvidos em algum tipo de conflito. A vida das pessoas é uma eterna sucessão de conflitos. Os conflitos são inevitáveis. Eles acontecem também na igreja e no ministério, quer queiramos quer não. Para haver um conflito, basta apenas haver uma relação qualquer entre duas pessoas (imagine cinco, vinte, cem ou mais pessoas). A questão não está em como evitá-los, mas, sim, em como administrá-los de maneira a aumentar seus efeitos positivos e construtivos. Há vários fatores que contribuem para o surgimento deles: choques de interesses, ansiedades, frustrações, luta pelo poder, maus hábitos e muitas outras coisas que podem desencadeá-los.

A existência de conflitos no âmbito da igreja e a forma como lidar com eles é um assunto que vem despertando o interesse de líderes religiosos. Várias questões têm se levantado em torno do assunto: O que significa conflito? Quais as causas do surgimento de conflitos na igreja? O pastor e os líderes são também gestores de conflitos? Qual deve ser a atuação dos líderes diante da administração dos conflitos? Essas são apenas algumas das questões que tentaremos abordar. Esperamos poder abrir uma discussão em torno do assunto e contribuir para a compreensão acerca dos níveis de abrangência dos conflitos na igreja.

1 – O QUE SIGNIFICA CONFLITO?

De acordo com os estudos do comportamento humano, a palavra conflito está ligada à discórdia, divergência, dissonância, controvérsia ou antagonismo. Uma das definições mais convincentes de conflitos encontra-se no livro “Management”. A tradução ao pé da letra define conflito como: “A oposição que surge, quando existe um desacordo dentro ou entre indivíduos, equipes, departamentos ou organizações”. De acordo com esse conceito, o conflito implica em um desacordo ou contradição no sentimento, no pensamento e na conduta. Existe contradição quando o indivíduo se contrapõe entre o que deseja fazer e o que é forçado a fazer.

O conflito é basicamente um problema de percepção, porque as partes envolvidas devem perceber que existe um conflito entre elas. Se ninguém está consciente do conflito, então ele não existe; mas, no momento em que uma das partes percebe que a outra a afeta negativamente ou está a ponto

de afetá-la, então, nesse momento, inicia-se o processo de conflito. Os conflitos podem ir desde um ato sutil de desacordo até a oposição violenta.

2 – A IGREJA E OS CONFLITOS

A existência de conflitos não é algo peculiar à igreja da pós-modernidade. A Igreja Primitiva também viveu situações conflituosas, sofreu perseguições, enfrentou oposição e divergências doutrinárias e experimentou mais de perto os impactos do judaísmo e de outras tradições religiosas da época. A imposição de costumes judaicos para os cristãos gentios é um exemplo prático de uma situação que gerou uma grande polêmica no princípio da igreja. Os judeus convertidos defendiam que os gentios não poderiam ser salvos se não fossem circuncidados conforme o costume ensinado por Moisés (At 15.1-21). Isso gerou um grande conflito, resultando na realização do primeiro concílio em Jerusalém. Após uma acirrada discussão, o apóstolo Tiago apresentou a seguinte solução: “Pelo que julgo que não se deve perturbar aqueles, dentre os gentios, que se convertam a Deus, mas escrever-lhes que se abstenham das contaminações dos ídolos, da prostituição, do que é sufocado e do sangue” (vv. 19 e 20). Aconteceram, também, outros conflitos envolvendo aspectos relacionais como, por exemplo, o desentendimento entre Paulo e Barnabé por causa de João Marcos, resultando na separação entre eles (At 15.36-41).

A existência de conflitos é algo inerente à história do ser humano. A Bíblia apresenta uma grande diversidade de situações conflituosas que aconteceram no passado. Temos exemplos de conflitos pessoais que se evidenciaram na vida de ilustres personagens bíblicos: Gideão e sua decepção quanto à providência de Deus (Jz 6.12-14); Asafe e sua dúvida quanto à justiça de Deus sobre a prosperidade dos ímpios (Sl 73); Habacuque e sua decepção por Deus não executar imediatamente o juízo sobre os ímpios (Hc 1.1-12). Também temos vários exemplos de conflitos familiares: O descontentamento de Caim, que resultou no assassinato de Abel (Gn 4); A luta entre Jacó e Esaú (Gn 27; 32; 33); O problema com Diná (Gn 34); A inveja dos irmãos de José (Gn 37); O caso Tamar (2 Sm 13); A rebelião de Absalão (2 Sm 15).

Os conflitos relacionais também são evidentes em várias situações: A contenda entre os pastores de Abraão e os pastores de Ló (Gn 13.7-10); A contenda entre os servos de Isaque e os pastores de Gerar (Gn 26.18-25); O ultraje feito ao levita (Jz 19;20); e muitos outros conflitos de natureza diferente.

Os conflitos da igreja hodierna transcendem os limites históricos e geográficos. O fato de a igreja cristã ter nascido a partir do judaísmo e ter-se utilizado inicialmente do templo de Jerusalém não é fator suficiente para acreditarmos que a Igreja de Cristo foi “predestinada” a viver em conflito. A igreja da atualidade enfrenta uma realidade diferente. Ela vive sob a égide da alteridade pós-moderna, que produz um pluralismo vastíssimo.

Estamos diante de um grande fenômeno que vem ocorrendo a partir da segunda metade do século XX: a globalização. A globalização do mundo expressa um processo de amplas proporções, envolvendo nações e nacionalidades, regimes políticos e projetos nacionais, grupos e classes sociais, economias e sociedades, culturas e civilizações. Ela assinala a emergência da sociedade global como uma totalidade abrangente, complexa e contraditória. Uma realidade ainda pouco conhecida, desafiando práticas e ideais, situações consolidadas e interpretações sedimentadas, formas de pensamento e vãos da imaginação. Todos estamos sendo desafiados pela criação de uma “cidade global”. Com ela, abrem-se horizontes que se contrapõem aos dilemas que emergem com essa nova dimensão de mundo. A igreja atual, imbuída por essa crescente realidade, caracteriza-se por um antagonismo surpreendente. Sofre a influência de uma das principais características da globalização que é o pluralismo e a multiplicação das diversidades. Perante essa realidade, indivíduos movem-se em todas as direções, buscando um “ideal” de vida cristã. Tornam-se “cristãos itinerantes” que, por não se sentirem satisfeitos com a realidade vivida em suas igrejas, tentam encontrar noutras a satisfação das suas necessidades. Na tentativa de sanar o problema, algumas igrejas ficam descaracterizadas, procurando adequar-se a essa nova realidade. Com isso, ocorre uma perda de valores e uma invasão de práticas e costumes diferentes daquelas adotadas anteriormente. Algumas igrejas vêm mudando inclusive a sua liturgia. Estariam as igrejas vivendo uma crise de identidade? Se isso não pode ser afirmado categoricamente, pelo menos observamos que essa situação vem gerando grandes conflitos entre os membros da igreja.

3 – TIPOS DE CONFLITOS

Para termos uma melhor compreensão acerca do assunto, apresentaremos alguns níveis de abrangência dos conflitos. O conflito pode ser generalizado ou estritamente localizado e limitado. Existem conflitos individuais e interativos. Alguns autores apresentam pelo menos três níveis de conflitos que podem acontecer numa organização (acredito que isso seja aplicado também à igreja).

Conflito intraindividual

O primeiro deles é o conflito intraindividual, que ocorre intimamente dentro de uma pessoa, em relação a sentimentos, opiniões, desejos e motivações divergentes e antagônicas. Determinadas questões relacionadas à doutrina, usos e costumes e fé podem desencadear um conflito interno, provocando um colapso nos mecanismos decisórios normais, gerando dificuldades na escolha entre várias alternativas de ação. Outro fator relevante é a tendência que o ser humano tem de discordar das coisas. Quando não se tem os mesmos ideais e objetivos ou quando os desejos e opiniões diferem das outras pessoas, tendemos a discordar delas. Há pessoas que discordam de algo apenas porque acham que esse algo deveria ser de outra forma. Não são capazes de submeter suas opiniões, desejos, objetivos e ideais aos princípios bíblicos. Vivem num eterno conflito.

Conflito interpessoal

O segundo tipo é o chamado conflito interpessoal. Trata-se do conflito interativo que surge entre duas ou mais pessoas, devido a interesses ou objetivos antagônicos. Representa um sério problema para a igreja porque afeta profundamente as emoções das pessoas envolvidas, prejudicando a vida espiritual e a comunhão com Deus. Nesses conflitos, o que se requer é proteger a autoimagem e a autoestima contra os danos que os outros poderão causar, pois, se o conceito que se tem de si mesmo encontra-se ameaçado, ocorre um sério mal-estar e a relação deteriora-se, dando lugar ao conflito. Vários fatores podem contribuir para que esse tipo de conflito ocorra: mudanças radicais na igreja, choques de personalidades, escalas de valores opostas, ameaças do status e percepções e pontos de vistas contrários.

Conflito intergrupar

O terceiro nível de conflito é chamado de conflito intergrupar. Essa forma de conflitos ocorre entre grupos de uma organização. Os participantes de um determinado grupo percebem que outros grupos podem bloquear a realização da meta ou expectativas de seu grupo. Assim, tenta diminuir a força do outro, adquirir poder e melhorar a sua imagem. O conflito intergrupar pode ser horizontal (entre

departamentos) ou então vertical (entre níveis diferentes da organização), afetando a relação entre líderes e grupos específicos da organização.

4– COMO GERIR CONFLITOS

Antes de analisar formas de resolução de conflitos, gostaria de ressaltar que administrar conflitos não significa necessariamente só eliminá-los, mas também tratar deles de modo inteligente. Há duas tendências perigosas na maneira de interpretar a administração de conflitos na igreja: Há aqueles que utilizam uma visão espiritualizada, esperam soluções milagrosas e acreditam que os conflitos sejam eliminados de uma forma sobrenatural. Nada fazem para tratá-los. Transferem para Deus sua responsabilidade. Passam para o rebanho uma visão de perfeição. Apresentam respostas prontas. Sempre tem “soluções enlatadas”: “ore e jeje mais; leia mais a Bíblia; tenha mais fé e todos os seus problemas serão resolvidos”. Há outros que tratam a igreja como uma organização comum e adotam técnicas de resolução de conflitos fundamentadas nas teorias do comportamento organizacional. Esquecem-se de que receberam a missão de presidir e admoestar o rebanho de Cristo, o sumo pastor (1 Ts 5.12,17; Hb 13.7,17). Não podemos perder de vista a orientação de Deus na resolução dos problemas. Devemos usar a Palavra de Deus como regra para a solução dos conflitos.

O líder cristão precisa desenvolver algumas habilidades específicas que o ajudarão a solucionar os conflitos com objetividade. Vejamos algumas dessas habilidades:

Ter capacidade para analisar a situação

O conflito pode ser eliminado, em primeiro plano: Quando o líder possui uma capacidade perceptual para distinguir entre o que é relevante numa situação e o que não é; Quando é capaz de compreender as pessoas, de sentir o ambiente e fazer uma leitura da situação. Quando não analisamos bem a situação que pretendemos resolver, corremos o risco de tomarmos decisões precipitadas e tornamo-nos injustos na hora de solucionarmos a questão. Portanto, procure saber qual a origem do problema, sua extensão, quais pessoas estão envolvidas; faça isso para evidenciar as possíveis soluções.

Ser um bom mediador

O conflito tende a distorcer o comportamento entre as pessoas. Ele ocorre porque as pessoas sentem-se frustradas, ignoradas, não reconhecidas ou injustiçadas. Espera-se que o líder seja um mediador dos conflitos que surgem.

- Atitudes de um bom mediador: Um bom mediador sabe apaziguar as situações e manter a paz; Trata com sabedoria as partes envolvidas; Evita situações de conflito aberto; Evita críticas vagas ou mal feitas; Sabe ouvir as partes envolvidas; É específico e não se utiliza de “fatos” ou indiretas para alcançar determinada pessoa; Concentra-se no problema ou comportamento, e não na personalidade das pessoas; Busca os pontos comuns para se atingir um acordo aceitável.

O líder precisa mostrar às partes envolvidas no conflito o que elas têm a ganhar com a solução deste. Uma boa mediação levará a um acordo aceitável pelas partes, propiciando soluções definitivas para situações do conflito.

Saber prever o problema

Alguns sinais evidenciam o aparecimento de conflitos. Alguns problemas são dirimidos ou atenuados quando são previstos ou quando são tratados logo que chegam à tona. Os bons administradores de conflitos procuram lidar com eles nas suas fases iniciais. Podemos comparar o conflito às dores no organismo humano, proveniente das mais diversas enfermidades. Se não tivéssemos um sinal de alerta quanto às disfunções orgânicas, o índice de mortalidade com certeza agravar-se-ia. O líder deve definir claramente as mudanças que acontecerão na igreja: reconhecer os medos e as preocupações que encontra; não os ignorar, depreciar ou criticar, nem deixar que as dúvidas cresçam. Deve, ainda, corrigir as imprecisões que podem estar estimulando boatos e, também, diminuir os problemas, prevendo as alterações que precisa fazer em toda a estrutura da igreja para a acomodação de possíveis mudanças.

Saber o momento certo para agir

O líder não pode ignorar os problemas; ele precisa enfrentá-los, agindo na hora certa. O tempo não vai sanar o conflito. Muitas vezes, só serve mesmo para agravá-lo. Quando a resolução de conflitos é prolongada, gera um dissabor muito grande, provocando dor e sofrimento dos mais variados graus nos

indivíduos, podendo, algumas vezes, desencadear uma desagregação social. Às vezes, é importante uma retirada estratégica, evitar o problema ou fugir aparentemente dele. Essa técnica deve ser utilizada a curto prazo como tática para ganhar tempo. Isso pode ajudar o líder a analisar melhor a situação e ter mais tempo para orar, buscando de Deus uma orientação.

Evitar preconceitos

O líder não pode ser preconceituoso. Um preconceito enraizado não nos deixa analisar as situações com objetividade. Não devemos discriminar as pessoas, mas tratá-las igualmente, independentemente da sua posição socioeconômica. Lembremo-nos: “Deus não faz acepção de pessoas” (cf. Rm 2.11). Devemos ser imparciais e encontrar soluções em que ambos os lados ganhem sem impor ou humilhar nenhuma das partes.

Manter a calma

O bom líder não reage mal às más notícias e, sobretudo, não se irrita caso alguém discorde do seu ponto de vista. O grande desafio para o pastor ou líder é aprender a escutar o que não desejaria escutar. O bom líder não se deixa levar pelas emoções, permitindo que opiniões contrárias façam-lhe “ferver o sangue”. Gerir conflitos significa também saber dominar-se, manter a cabeça fria e as mãos no leme sem perder o controle da situação, demonstrando tranquilidade e confiança.

CAPÍTULO V

PRINCÍPIOS E VALORES ÉTICOS NO ACONSELHAMENTO

Falar de ética na atualidade é algo um tanto complexo, já que a sociedade global é fortemente influenciada pelo relativismo moral, onde o certo e o errado dependem do ponto de vista de cada um, do tempo e do lugar. Ética é a parte da filosofia, a teoria ou ciência que se ocupa com a reflexão a respeito dos fundamentos da vida moral dos homens. Dizemos, no entanto, que a ética não se confunde com a moral, porque a moral é a regulação dos valores, normas e comportamentos considerados legítimos por uma determinada sociedade, um povo, uma religião, etc., enquanto que a ética procura justificar e

fundamentar a moral, estabelecendo regras importantes para uma boa conduta aplicável a todos os sujeitos, a nível mundial. Daí, depreende-se que a ética tem um caráter universalista, ao passo que a moral é restrita a comunidades e à determinada sociedade.

Sabe-se que são muitas as áreas envolvidas pela ética, sendo uma delas a ética cristã, que, em geral, aborda questões do mundo atual, comportamentos contemporâneos, avaliando-as de acordo com a Palavra de Deus. Assuntos como aborto, planejamento familiar (ou seja, usar ou não preservativos ou anticoncepcionais para controle de natalidade), divórcio, pena de morte, eutanásia, suicídio, jogos, vícios, transplantes de órgãos, clonagens, política e outras áreas mais são tratadas pela ética. Sempre que se aborda uma situação nova com relação ao que é certo ou errado, esta abordagem, para nós, cristãos, deve ser realizada de acordo com a ética. O comportamento ético cristão jamais deve ir contra o que a Bíblia nos orienta sobre determinado assunto.

A) O QUE É ÉTICA? COM ENTENDÊ-LA? COM APLICÁ-LA?

1– DEFINIÇÕES DE ÉTICA

De acordo com o Dicionário Aurélio Buarque de Holanda, Ética é “o estudo dos juízos de apreciação que se referem à conduta humana susceptível de qualificação do ponto de vista do bem e do mal, seja relativamente à determinada sociedade, seja de modo absoluto”. O escritor Elinaldo Renovato, em seu livro *Ética Cristã*, diz: A Ética integra os seis sistemas tradicionais da Filosofia, ao lado da Política, da Lógica, da Gnosiologia, da Estética e da Metafísica. A palavra ética vem do grego “ethos” que significa costume, disposição, hábito. No latim, vem de “mos” (mores), com sentido de vontade, costume, uso, regra.

Segundo o escritor N. R. Champlin, Ética: “É a teoria da natureza do bem e como ele pode ser alcançado; a ética é a conduta ideal do indivíduo.” Conforme o escritor Claudionor Correa de Andrade, ética: “É o estudo sistemático dos deveres e obrigações do indivíduo, da sociedade e do governo. Seu objetivo: estabelecer o que é certo e errado”. De acordo com as definições acima, pode-se dizer que Ética é aquilo que estabelece e ajuda o indivíduo a comportar-se no contexto social em que ele está envolvido. Ela orienta o indivíduo no seu modo de agir em relação a si e ao outro, na vida em sociedade, sendo ela também influenciada pela cultura do indivíduo.

2 – A ÉTICA BÍBLICA

A palavra ética vem do grego “ethos”, que significa costume, disposição, hábito. A palavra “maneiras” é usada para denotar conduta ou prática. Esse uso corresponde ao significado do termo grego em 1 Coríntios 15.33: “bons costumes”. A Ética refere-se, portanto, à maneira de vida ou de conduta, de conformidade com as Escrituras. A Ética cristã pode ser manifesta por meio do conceito ou julgamento que se faz a respeito de determinados valores que integram o nosso dia a dia. Assim, ao falar de Ética do líder cristão, tratamos de questões que nos ajudarão a ter o comportamento correto e coerente, de acordo com a Palavra de Deus e com o nosso contexto cultural.

É importante também atentar para os perigos da lassidão moral que se alastram pelo mundo e ficam cada vez mais próximos das famílias e das igrejas, considerando que há atos que muitos praticam e que não constituem pecados em si, mas que entram no campo da inconveniência.

3 – ABORDAGENS ÉTICAS

Sabe-se que todas as abordagens éticas — filosófica, profissional, religiosa e cristã — têm o objetivo de estabelecer o que é certo e errado, o que é justo e injusto; mas quais são os padrões? Os mais variados ramos profissionais têm seus próprios Códigos de Ética, com princípios e normas que orientam a conduta profissional. Ela serve para estabelecer o que é certo e o que é errado, mas de acordo com os valores que a sociedade julga corretos, e não de acordo com o que é realmente certo e errado, conforme ensina a Bíblia.

Alguns comportamentos contrários à ética cristã

- O Antinomismo ou Anomismo: Este termo vem da aglutinação de duas palavras gregas: anti, que quer dizer “contra”, “em lugar de”, e nomos, que quer dizer “lei”, “norma”, “padrão”, “regra”. O Antinomismo literalmente significa “contra a lei”. Também se diz Anomismo, de “anomia” (do prefixo grego “a” que significa sem, ausência de) e “nomos” que significa “lei”. Sendo assim, “anomia” significa estar contra a lei, ausência de regras, ou seja, não há nenhum padrão moral (tal como “não se deve mentir”) que nos permita estabelecer um referencial de certo ou errado. Os antinomistas, que surgiram no meio protestante, são opostos a qualquer sistema de normas ou padrões. Isso se refere

principalmente àqueles que são avessos aos mandamentos bíblicos; para eles, o cristão paira acima da lei moral. Ao escolhido de Deus “tudo é permitido”, alegam os anomistas. Alguns antinomistas alegam que Deus não vê pecado nos seus escolhidos porque, se a pessoa está em Cristo, desde que continue crendo nEle, seu comportamento e seu modo de viver não farão diferença alguma, pois Jesus já cumpriu a lei por eles. O antinomismo é o oposto do legalismo. Trata-se de uma heresia gnóstica antiga muito combatida por Jesus e pelos apóstolos, especialmente por Paulo, que adverte os crentes de Corinto em 1 Co 14.37. Citem-se ainda: Jd 4; Mt 7.15-27; Jo 14.15; Rm 3.31; 2 Pe 2; Tg 2.14-26 ; 1 Jo 5.13. Os antinomistas dizem que não deve haver norma, padrão, certo e errado, e que cada um deve ter liberdade de agir como bem entender. Atualmente, há uma busca desenfreada do prazer, e as pessoas procuram uma vida livre e licenciosa sem pensar nas consequências. Daí, decorre que nunca houve tanta liberdade como hoje, mas também nunca se viram tantas pessoas com problemas emocionais como atualmente.

- Generalismo: Este termo vem de generalizar: tornar-se geral. Quando se generaliza, coloca o todo como igual, isto é, não há distinção, tudo é a mesma coisa. Em se tratando de religião, há o pluralismo religioso, que prega que toda religião é igual e verdadeira ou que toda religião conduz o homem a Deus. Como é costume dizer: todos os caminhos levam a Deus. Em outras palavras: Deus é um só, e o Deus dos cristãos é o mesmo dos muçulmanos, e, em nome dele, muitos extremistas radicais cometem atos terroristas, explodindo bombas em seus semelhantes. Mas será mesmo que o Deus verdadeiro é a mesma divindade de algumas culturas que exigem até sacrifícios humanos em seus rituais religiosos? Temos de respeitar a diversidade e a liberdade religiosa sim, mas isso não significa que devemos concordar com todas as práticas ou com o pluralismo religioso, pois nem tudo leva a Deus como muitos afirmam. Jesus é o único caminho que leva o homem a Deus (Jo 14.6). Quando se aplica o generalismo concernente à Ética, fala-se de uma abordagem que prega que não deve haver regras universais, mas gerais, ou seja, nada pode ser considerado errado, a não ser em função dos resultados para o indivíduo. Muitos justificam suas ações dizendo-se éticos e agindo conforme diz a polêmica frase do filósofo Maquiavel: “Os fins justificam os meios”. Noutras palavras, isso nada mais é que um erro, podendo justificar o outro. O generalismo, como o próprio termo diz, procura generalizar, não existindo padrões universais e específicos, mas somente um padrão geral de acordo com a conveniência, ou seja, admitem-se exceções às normas éticas.

- A Ética Relativista: Segundo esta ética, o homem é a medida de todas as coisas, e, ainda segundo este conceito ético, uma opinião é tão boa quanto à outra, e cada pessoa deve estabelecer seus próprios conceitos éticos, que então serão verdadeiros para ele mesmo e mais ninguém. São afirmações da concepção relativista: “Isso é muito relativo”, “Depende!”, “Todas as religiões são boas, desde que praticadas com sinceridade”, ou “todas as religiões conduzem o homem a Deus”. Segundo essa visão filosófica, não existem valores definitivamente certos nem absolutos. Os padrões de certo e errado mudam de acordo com o tempo e o lugar. Trata-se de uma concepção contrária à Bíblia e aos seus princípios morais e éticos, eternos e imutáveis, como os conceitos explicitados nos Dez Mandamentos (Êx 20) — normas divinas que orientaram o povo judeu no passado, mas que servem de orientação para todos os homens e nações de todos os tempos.

Pode-se concluir que as abordagens acima — tanto a que é contra normas como a que generaliza e relativiza — são perigosas, pois a Bíblia possui normas éticas absolutas, e não gerais. Como cristãos, é preciso buscar na Palavra o que é certo e errado, ético e antiético, e não o que é de acordo com padrões de filosofias baseados em conceitos puramente humanos. Sabe-se que a ética cristã às vezes trata de alguns aspectos de acordo com uma visão extra-bíblica de conveniência, porém jamais a ética cristã fará abordagens antibíblicas; jamais ela pregará como certo algo que contraria a Palavra de Deus. Há algumas questões que são tratadas de acordo com a conveniência — causa e efeito — desde que estas não firam as Sagradas Escrituras.

B) PRINCÍPIOS ÉTICOS APLICADOS AO ACONSELHAMENTO

Não podemos dissociar aconselhamento de ética. A personalidade do conselheiro, sua maturidade pessoal e profissional e seu autoconhecimento tornam-se variáveis importantes no processo do aconselhamento. Sabemos que, no âmbito profissional, há uma preocupação com a ética, com a conduta moral e com o sigilo. Um psicólogo, por exemplo, em seu exercício profissional, tem a obrigação de guardar sigilo das informações que seus clientes passam a ele; caso contrário, poderá ter cassado o seu direito de exercer a função. Já vimos que a ética tem uma função legisladora do comportamento dos homens e da sociedade, oferecendo orientação e a defesa de princípios que atinjam todas essas pessoas.

A ética refere-se, portanto, à maneira de vida ou de conduta do indivíduo. A ética procura justificar e fundamentar a moral, estabelecendo regras importantes para uma boa conduta aplicável a todos os sujeitos a nível mundial. Por isso, diz-se que a ética tem um caráter universalista, enquanto que a moral é restrita a comunidades e à determinada sociedade. E quanto aos que exercem atividades eclesiais, existe um código de ética? A Bíblia é a regra básica de vida e conduta do cristão, mas deve haver um código de ética pastoral com regras e princípios norteadores da função ministerial. Guardar sigilo do conteúdo tratado numa sessão de aconselhamento é um pré-requisito básico para quem deseja trabalhar nesse ministério. Se o conselheiro não é capaz de guardar sigilo daquilo que ouve em uma sessão de aconselhamento, ele não é digno de ser conselheiro.

Por mais simples que seja o assunto tratado, ele não deve ser compartilhado com mais ninguém: nem com a esposa, por exemplo, nem com o melhor amigo, muito menos ser usado como exemplo numa pregação no púlpito. Uma pessoa que se sentir traída poderá decepcionar-se profundamente. Os prejuízos poderão ser incontáveis, tanto para a vida dessa pessoa quanto para o ministério do conselheiro. A Bíblia é explícita ao afirmar: “O irmão ofendido é mais difícil de conquistar do que uma cidade forte [...]” (Pv 18.19). O desejo de Deus é que os líderes e obreiros da sua seara ajam de forma ética, tendo bons propósitos naquilo que querem realizar, a fim de obterem êxito em suas ações e glorifiquem o santo nome do Senhor em tudo o que fazem.

A seguir, será estudada a forma como o líder cristão deve portar-se quanto às questões relacionadas à disciplina, à reconciliação e ao sigilo.

1 – COMO RESOLVER PROBLEMAS ENTRE IRMÃOS E USAR A DISCIPLINA? (Mt 18.15-20)

Algumas interrogações passam pela cabeça de um obreiro cristão ao tratar de alguns casos onde é necessário haver uma reconciliação entre irmãos, ou a aplicação de disciplina e até mesmo uma exclusão. O que fazer para não faltar com a ética nem destruir uma vida ou um convívio? Verificar-se-á, a seguir, como aprender com o Senhor Jesus Cristo a resolver este problema.

O Senhor deu a todos nós algumas diretrizes para resolver as questões por etapas; nunca tomar iniciativas absolutas em um primeiro momento, mas fazer tentativas conforme os quatro passos em busca de uma RECONCILIAÇÃO.

O primeiro passo: O Senhor ensina-nos que, se houver um problema com um irmão (e isso também vale para os casais), deve-se buscar a reconciliação entre ambos: “[...] vai e repreende-o entre ti e ele só [...]” (Mt 18.15; veja também Mt 5.23-25) e a busca do perdão entre os envolvidos sem a interferência de terceiros. O objetivo desta confrontação é obter a comunhão com o irmão. Agora, se o irmão não aceitar o pedido de perdão e continuar de forma persistente em seu erro, então aquele que busca a reconciliação partirá para uma segunda tentativa. Isso não significa que a pessoa deve sair falando sobre o problema para outrem, mas, sim, que deve levar o caso ao seu líder porque, se o problema acontece dentro de um departamento que tenha um líder responsável, este deverá ser procurado antes de o ocorrido ser levado à autoridade maior (nesse caso, o pastor). O fato de o liderado não comunicar a seu líder o que se passa no ambiente que está sob sua responsabilidade pode ser considerado desrespeito, insubordinação e indisciplina. Isso é desconsiderar a autoridade de quem está no comando. Esse não é um proceder correto de um cristão. Sabe-se que a quebra de hierarquia é considerada antiética, mas se o líder não puder ajudar, deve-se recorrer ao pastor. Se o pastor não puder resolver, ele encaminhará o caso a seu superior, o pastor-presidente, por exemplo.

O segundo passo: Ainda não se trata de trazer o caso à ciência da igreja, mas sim de tentar uma nova reconciliação com o acompanhamento de dois ou três, que, em nosso caso, poderia ser seu líder, ou ele e o pastor (Mt 18.16). Se mesmo assim o ofensor não se arrepender, deve-se dar ainda um terceiro passo.

O terceiro passo: Se o ofensor não se arrepender após todas as tentativas de reconciliação, o caso, então, será levado à igreja (Mt 18.17). Deve-se salientar que apenas se o fato tornou-se público e difamou a imagem da igreja é que deve haver um pedido de perdão publicamente, a fim de que todos saibam que o transgressor está arrependido e disposto a produzir frutos dignos de arrependimento (Mt 3.8; At 26.20). Às vezes e desnecessariamente, alguns líderes tornam públicos problemas ocorridos entre irmãos ou entre casais. E, ao invés de tentar resolver as questões apenas entre os envolvidos e ajudá-los a sanar os desentendimentos, eles expõem as pessoas publicamente, denegrindo suas imagens. E é por esse motivo que muitos preferem manter seus erros encobertos, pois não confiam no seu pastor ou líder. Eles sabem que, ao confessarem, ao invés de receber orientação e ajuda de seu líder, poderão ter

seus problemas expostos publicamente. O apóstolo Paulo disse a Timóteo: “Aos que pecarem, repreende-os na presença de todos [...]” (1 Tm 5.20), mas é preciso observar o contexto. Paulo estava referindo-se aos presbíteros e disse a Timóteo que não aceitasse acusação contra um presbítero, a não ser que houvesse duas ou três testemunhas, ou seja, que um fato tornou-se público. Alguém pode até perguntar: “Mas isso aí não é encobrir pecado?”. Não. Toda disciplina tem que ser para curar o transgressor, e não para matá-lo. Um ato que se tornou público deve ser tratado assim, mas um problema entre dois irmãos deve ser resolvido entre eles e, se necessário, com a ajuda do líder. Sabe-se que há alguns casos que são de complexidade extrema, mas mesmo estes nunca devem ser tratados no calor da homilia no púlpito, mas, sim, com reflexão, oração e ajuda do Espírito Santo e também daqueles que estão acima de nós na escala hierárquica. Caso contrário, o obreiro corre o risco de precipitar-se e acabar sendo acionado judicialmente por danos morais. Se for para ser acionado judicialmente por aquilo que a Bíblia realmente condena, tudo bem, mas se for acionado judicialmente por rigor próprio ou precipitação, trará escândalo, e o obreiro estará, então, pecando (Mt 18.6).

O quarto passo: Mas se em todas as tentativas o transgressor permanecer inflexível, então o Senhor manda-nos dar o último e doloroso passo: o seu afastamento ou exclusão, uma vez que, ao dizer que o mesmo deve ser considerado gentio e cobrador de impostos, seria o mesmo que o chamar de pagão. Para os primeiros discípulos, que estavam inclusos numa comunidade judaica e ouviam o Senhor nesta ocasião, chamar alguém de cobrador de impostos ou gentio era o mesmo que excluí-lo da comunidade dos eleitos (Lc 18.11; 19.7).

Com esse ensino, que foi dado pelo nosso mestre Jesus, aprende-se como ser ético na questão de problemas entre irmãos e a não expor desnecessariamente nossos irmãos. Lembre-se do conselho de Paulo: “Se algum homem chegar a ser surpreendido nalguma ofensa, vós, que sois espirituais, encaminhai o tal com espírito de mansidão olhando por ti mesmo, para que não sejas também tentado” (Gl 6.1). Entende-se que a disciplina é necessária para instruir e ensinar a corrigir atitudes erradas. Deus usa a disciplina 51 para corrigir aqueles que Ele ama (Hb 12.6; Pv 3.11,12).

Conforme a Bíblia de Estudo Pentecostal (2005), a disciplina do Senhor tem dois propósitos: 1. Que não sejamos, por fim, condenados com o mundo (1 Co 11.31,32), 2. Que compartilhemos da

santidade de Deus e continuemos a viver uma vida santificada, sem a qual nunca veremos o Senhor (1 Pe 1.15,16).

2 – O SIGILO NO ACONSELHAMENTO

A questão do sigilo tem gerado muitos problemas aos obreiros cristãos. Quando guardar sigilo não sendo conivente e, mesmo assim, ainda ser ético? Será que estarei sendo conivente se eu for sigiloso? Mas, e se eu expuser este irmão ou irmã, eu também não corro o risco de matá-lo espiritualmente e ser responsável por isso? Devo pensar em preservar a integridade da pessoa, evitando causar-lhe maiores danos? Além disso, se eu não for prudente, corro o risco de ser acionado na justiça por calúnia e difamação. Talvez, você pergunte: “Ora, eu não sou pastor para aconselhar; então, por que é que eu devo guardar sigilo no aconselhamento?”.

Você precisa entender que não é apenas o pastor que aconselha, mas os obreiros ou líderes também são conselheiros e conselheiras. Se alguém lidera qualquer grupo, este alguém será confrontado com a necessidade de dar conselhos, e, se não souber algumas regras básicas sobre a ética no aconselhamento, correr-se-á o risco de, ao invés de ajudar a resolver problemas, acabará por criá-los ou intensificá-los.

O sigilo é ético e necessário

O líder é um conselheiro nato. Não se pode dissociar aconselhamento de ética. A personalidade do conselheiro, sua maturidade pessoal e profissional e seu autoconhecimento tornam-se variáveis importantes no processo do aconselhamento. Guardar sigilo do conteúdo exposto numa sessão de aconselhamento é um pré-requisito básico para quem deseja trabalhar nesse ministério. Se o conselheiro não é capaz de guardar sigilo daquilo que ouve numa sessão de aconselhamento, então não é digno de ser conselheiro. Por mais simples que seja o assunto tratado, ele não deve ser compartilhado com mais ninguém. Nem com a esposa, por exemplo, nem com o melhor amigo e muito menos ser usado como exemplo numa pregação no púlpito. A ética indica que o obreiro ou conselheiro deve ser alguém de confiança e guardar sigilo de todas as informações passadas pelo interlocutor. As pessoas alimentam fantasias sobre o que aconteceria se alguém descobrisse seu problema e, assim, passam a viver de forma perturbada; quando comunicam suas dificuldades com alguém, é porque já tentaram alternativas de

resolução antes. Sendo assim, o obreiro cristão deve ter cuidado em manter o máximo sigilo sobre as necessidades de quem estiver buscando ajuda. A Bíblia é explícita ao afirmar: “O irmão ofendido é mais difícil de conquistar do que uma cidade forte [...]” (Pv 18.19).

3 – CUIDADO AO FAZER UM PEDIDO DE ORAÇÃO

Às vezes, o obreiro cristão falta com a ética ao pedir oração sobre um assunto que alguém expôs para pedir um conselho, mas não o autorizou a divulgar este assunto, mesmo que fosse para um pedido de oração. O melhor a fazer é pedir oração a alguma pessoa sem especificar qual é o problema ou o nome desta, pois Deus sabe todas as coisas.

4 – CUIDADO COM AS ILUSTRAÇÕES EM SUAS PREGAÇÕES

Há, também, muitos obreiros que faltam com a ética quando usam o caso de alguém que está na plateia como ilustração de sua mensagem. E, ainda que ele não faça referência direta, a pessoa citada sentirá que sua situação foi exposta. Quando um obreiro, em sua homilia, relata um fato ocorrido com alguém da igreja local, as pessoas não irão deter-se no desfecho da ilustração em si e farão especulações curiosas para saber quem é a pessoa a qual ele se refere. E assim, a ilustração, ao invés de enriquecer sua mensagem, tornar-se-á objeto de investigação da igreja, além de provocar um incômodo para a pessoa que lhe pediu conselhos. Infelizmente, alguns pastores usam problemas vivenciados por suas ovelhas como mote de suas mensagens e, depois disso, perguntam-se por que alguns membros de sua igreja buscam auxílio em outros lugares, a fim de resolver suas dificuldades com outros líderes, e não com ele. Ou ainda, preferem recorrer à ajuda profissional como, por exemplo, a de um psicólogo. O que fazer então?

- 1 – Não use como ilustração assuntos do qual você possa estar tratando no momento.
- 2 – Não use um assunto semelhante ao caso de que você possa estar tratando, pois a pessoa tomará aquilo como se você estivesse falando sobre ela, ainda que não seja, mas a semelhança fará com que ela tome o fato para si.
- 3 – Ao citar um fato ocorrido com alguém há algum tempo, não revele a fonte de sua ilustração, ou seja, o nome da pessoa. E lembre-se sempre: as ilustrações não podem retratar situações de pessoas do local em que você estiver ministrando, ou de seu círculo de amizade, ou de seu convívio diário.

4 – Procure obter da fonte a autorização para utilizar sua história em sua pregação ou palestra. Cuidado com a autopromoção. Alguns que buscam a autopromoção vivem citando fatos em que se deram bem, sem notar, porém, que talvez possam estar prejudicando outra pessoa. A questão do sigilo exige muito cuidado. Em determinadas circunstâncias, ser sigiloso não é ocultar pecado, mas, sim, preservar a integridade do aconselhando. “Dar com a língua nos dentes” não é santidade, e sim fofoca, calúnia e difamação. E isso é pecado! O cuidado com a língua é o que Tiago adverte-nos (Tg 3.2-12).

CONCLUSÃO DO CURSO

“Se, porém, algum de vocês necessita de sabedoria, peça a Deus, que a todos dá com generosidade e sem reprovações, e ela lhe será concedida. Peça-a, porém, com fé, em nada duvidando, pois o que duvida é semelhante à onda do mar, impelida e agitada pelo vento. Que uma pessoa dessas não pense que alcançará do Senhor alguma coisa, sendo indecisa e inconstante em todos os seus caminhos.

TIAGO 1:5-8

Esperamos que este curso tenha te ajudado a compreender melhor a estrutura da psique (a alma, o espírito, a mente) humana, bem como detectar durante um aconselhamento as possíveis causas de problemas, advindos tanto do campo espiritual quanto do campo humano-relacional, promovendo uma eficácia e eficiência nos aconselhamentos individuais, quanto em grupo.

Que você esteja aberto ao conhecimento, mas sempre trazendo-o à luz das Escrituras, que é a nossa única fonte de fé e prática.

Que o Senhor te abençoe!

REFERÊNCIAS

- 1) Adams, Jay E. Conselheiro Capaz: São Paulo: Editora Fiel, 1999
- 2) Manual do Ministério Pastoral – João A. de Souza Filho – (Ed. Atos)
- 3) COSTA, Samuel. Fundamentos Psicológicos para Ministros do Evangelho: Rio de Janeiro: S. Costa, 2002
- 4) COSTA, Samuel. Psicologia Pastoral: Rio de Janeiro: Editora Silva Costa, 2015
- 5) Leiblum, Sandra R. Tratamento dos Transtornos do Desejo Sexual: Porto Alegre: Editora Atmed, 2012
- 6) Lara, Diogo, Temperamento e Humor: Porto Alegre: Editora Código da Mente, 2012
- 7) Palmer, Keith. Psicologia Cristã: Uma Introdução e Análise Bíblica, 2019
- 8) Almeida, Agnaldo. Psicologia Pastoral, Uma Necessidade para Nossos Dias?; São Paulo, 2013
- 9) Lopes, Jamiel de Oliveira. Psicologia Pastoral – A Ciência do Comportamento Humano como Aliada Ministerial, Rio de Janeiro: CPAD, 2017

OBS:

É proibida a reprodução total ou parcial desta apostila, sem a permissão por escrito, do Seminário Casa de Profetas.